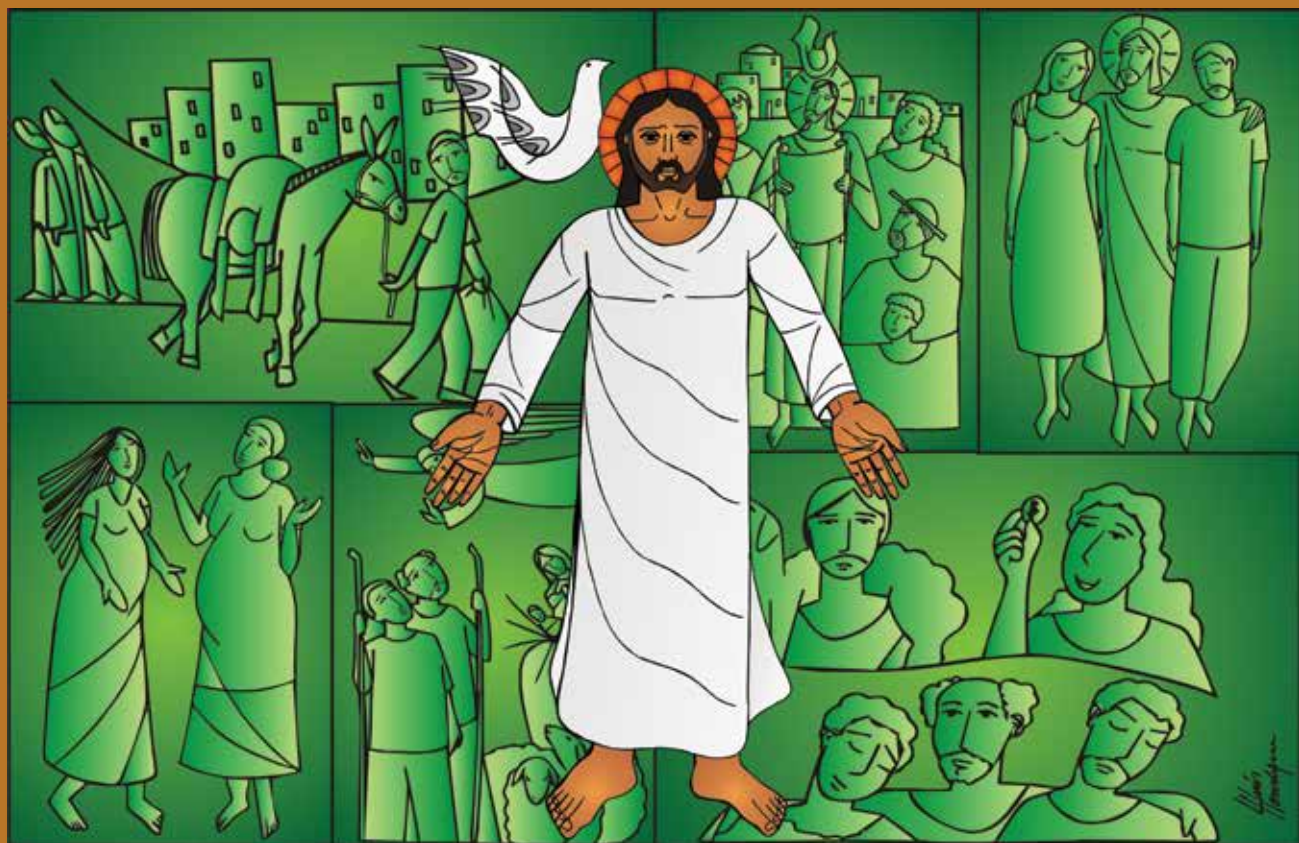




vida pastoral

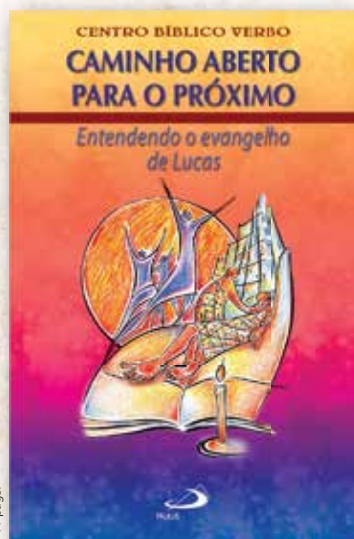
setembro-outubro de 2013 – ano 54 – número 292



Evangelho de Lucas: fé cristã e justiça social

- 3 Caminho aberto para o próximo: introdução ao evangelho de Lucas Equipe do Centro Bíblico Verbo
- 11 Maria pôs-se a caminho Shigeyuki Nakanose
- 21 “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” Maria Antônia Marques e Shigeyuki Nakanose
- 29 As parábolas em Lucas Maria Antônia Marques
- 37 Roteiros Homiléticos Pe. Johan Konings, sj

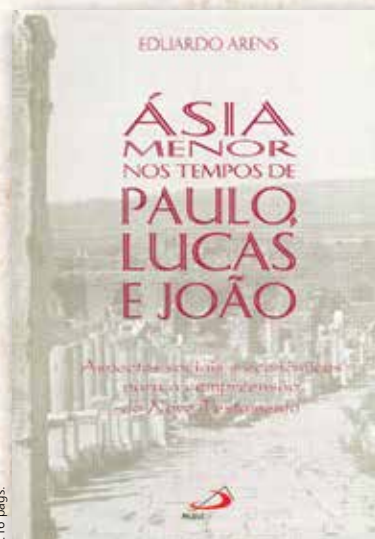
AMAR O POBRE É AMAR A DEUS.



144 págs.



176 págs.



216 págs.

Caminho aberto para o próximo
Uma introdução ao Evangelho de Lucas
Centro Bíblico Verbo

Subsídio para
o Mês da Bíblia 2013

O evangelho de Lucas insiste na misericórdia e na solidariedade com as pessoas excluídas e à margem da sociedade, apresentando a prática de Jesus, que revela o rosto de um Deus amoroso e fraterno.

O Novo Testamento em seu ambiente social

David L. Balch e John E. Stambaugh

Para o estudo do Novo Testamento é determinante conhecer os aspectos da Palestina e das cidades do império romano. Este livro sintetiza a recente pesquisa acadêmica nessa área, ajudando a entender o relacionamento entre os cristãos mais antigos e o mundo que os cercava.

Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João

Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento
Eduardo Arens

O autor reconstrói o contexto social, econômico, político e religioso necessário para compreender o nascimento, desenvolvimento e expansão das comunidades cristãs pela Ásia Menor, no primeiro século da nossa era.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br
SAC: Tel.: (11) 3789-4119 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

A sociedade e a cultura greco-romanas e, particularmente, o império romano – que marcaram profundamente o contexto do Evangelho de Lucas – anunciavam e prometiam a paz e a segurança vindas dos poderosos, do centro para a periferia. A realidade, entretanto, era bem outra: sofrimento da periferia em proveito do bem-estar do centro. O caminho de Jesus, no Evangelho de Lucas, contrapõe-se a isso: Jesus anuncia a boa-nova e convoca à solidariedade e à justiça social, indo da periferia para o centro.

O domínio do império romano era exercido por meio de guerras constantes pelo poder e de numerosos impostos, que caíam pesadamente sobre a população pobre, 90% da qual composta de camponeses. Muitas pessoas se endividavam, perdiam suas terras e acabavam tendo de trabalhar como arrendatárias, meeiras e diaristas, isso quando não ficavam sem trabalho (cf. Lc 14,12-14). Além de os impostos serem altos, havia trabalhos forçados para sustentar as obras e os exércitos do império. O Templo, em grande medida, era conivente com essa situação e também cobrava inúmeras taxas. A vida do povo tornava-se cada vez mais precária e dura.

Toda essa realidade afetava a comunidade cristã de Lucas, seja pela adoção da mesma cultura de falta de solidariedade e conformação com as injustiças, seja pela experiência direta da opressão. São muitas as evidências disso em todo o evangelho: a parábola que fala de um abismo entre o pobre Lázaro e o rico epulão (texto exclusivo de Lucas); o canto de Maria profetizando a derrubada dos poderosos e a elevação dos humildes; Jesus apresentado como o ungido pelo Espírito para anunciar a boa-nova aos pobres e oprimidos; as bem-aventuranças anunciadas aos pobres e os “ais” dirigidos aos ricos que se fecham à compaixão, à solidariedade e à justiça social (lem-

brando que nas bem-aventuranças de Mateus não há a parte dos “ais”)...

Também nas primeiras comunidades cristãs, assim como hoje, havia o problema dos marginalizados, os conflitos sociais e o individualismo e indiferentismo religioso. As comunidades cristãs entraram em crise, sentiam-se sem rumo, inseguras, perdiam a identidade, crescia o desânimo pela demora da realização do reino de Deus, alguns caíam na descrença e tendiam a abandonar o caminho. Era necessário fazer uma releitura da Palavra e da prática de Jesus à luz da realidade da comunidade, reavivando a “solidez dos ensinamentos recebidos” (Lc 1,4), voltando às origens a fim de encontrar luzes para o momento presente e retomar a prática da partilha e da solidariedade.

Por isso o Evangelho de Lucas dá atenção especial às pessoas pobres e marginalizadas, chamando os ricos à conversão (como no caso de Zaqueu – cf. Lc 19,1-10) e ressaltando a importância da solidariedade e da partilha: a riqueza só é bênção de Deus se for partilhada (cf. Lc 12,13-21; 16,19-31). Esse evangelho reforça a necessidade da oração perseverante e insiste na conversão permanente, pois a salvação começa no hoje da história para as pessoas que se abrem ao projeto de Deus misericordioso.

Que a reflexão e a oração suscitadas por esse evangelho nos ajudem – a nós que vivemos em um país tão desigual – a abrir o coração para a solidariedade e a justiça social, dando nosso apoio e participação em iniciativas e políticas públicas que promovam a redistribuição de renda, sem desanimar diante das dificuldades. Lembremos aquilo que dizia dom Hélder Câmara: falar das causas das injustiças sociais e denunciá-las não é comunismo, como algumas vezes se acusa injustamente, é Evangelho de Jesus Cristo.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Editora	PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor	Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor	Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial	Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Abramo Parmeggiani, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Valdir de Castro, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin
Ilustrações	Luís Henrique Alves Pinto
Editoração	Fernando Tangi

Assinaturas	assinaturas@paulus.com.br (11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011 Rua Francisco Cruz, 229 Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação	© PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 1809-2071 vidapastoral@paulus.com.br www.paulus.com.br www.paulinos.org.br www.vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus editora às paróquias e instituições cadastradas no Anuário Católico do Brasil. A revista também é distribuída gratuitamente (1 exemplar por pessoa) na rede de livrarias Paulus.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para as despesas postais. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Av. 7 de Setembro, 80
Rel. de S. Pedro
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluiz@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Caminho aberto para o próximo: introdução ao evangelho de Lucas

Equipe do Centro Bíblico Verbo

O evangelho de Lucas apresenta Jesus realizando a sua missão na cidade e, preferencialmente, no meio de pessoas pobres, doentes, mulheres, estrangeiras, samaritanas e pecadoras.

Gente excluída e à margem da sociedade. Esse evangelho reforça a necessidade da oração perseverante e insiste na necessidade de conversão permanente.

“Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós – conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra – a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste” (Lc 1,1-4). Conforme as regras literárias do século I, o autor explica o motivo de sua obra, método, destinatário e objetivo.

A obra lucana é composta por dois livros: evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. O primeiro livro apresenta a vida, as atividades e os ensinamentos de Jesus, desde a Galileia até Jerusalém. O segundo livro narra a vida e o desenvolvimento das primeiras comunidades cristãs de Jerusalém até Roma. Essa obra descreve o caminho da Palavra: da periferia para o centro; do ambiente do campo para a cidade; do mundo judaico para um ambiente de cultura grega. Segundo a compreensão ro-

.....
www.cbiblicoverbo.com.br

E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br



mana, o reino de César anunciava que a paz e a segurança vinham dos poderosos, do centro para a periferia.

Como historiador, o escritor se propõe a fazer uma investigação cuidadosa, retomando os acontecimentos desde as origens. Ele recolhe informações de outras fontes, como, por exemplo, do evangelho de Marcos, do evangelho Q e da tradição das comunidades. A obra de Lucas é destinada a Teófilo, nome que pode indicar uma pessoa importante, alguém que deve ter financiado o seu trabalho. Mas o nome Teófilo também significa aquele que ama a Deus. É possível que essa obra tenha sido dedicada às amigas e aos amigos de Deus.

De acordo com a apresentação, o objetivo é claro: *“para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste”* (Lc 1,4). A finalidade dessa obra é animar as comunidades que estão enfrentando desânimo, cansaço, insegurança e descrença. Muitas pessoas estão abandonando a comunidade (Lc 24,13). É preciso reavivar a fé das comunidades cristãs e retomar o fervor missionário.

Para conhecer a mensagem e os possíveis destinatários do evangelho de Lucas, vamos apresentar algumas palavras-chave desse livro.

Mensagem e destinatários

Ao apresentar a sua narrativa, o autor utiliza com frequência as seguintes palavras: cidade, pobres, multidão, oração, salvação, conversão e misericórdia.

a) Cidade

É usada cerca de trinta e nove vezes no evangelho de Lucas; em Mateus, vinte e seis vezes, e em Marcos, nove. A cidade é a sede da organização e o lugar dos poderosos (Lc 2,1-3; 3,1-2). A constante repetição da pala-

vra cidade nos faz pensar que o terceiro evangelho foi escrito para pessoas e comunidades localizadas nas cidades, com a presença de ricos e pobres (Lc 19,1-2).

“De maneira dura, Jesus critica a avareza dos ricos, o acúmulo e a falta de compaixão e solidariedade com os pobres.”

b) Pobres

Desde o início, no cântico de Maria, ouvimos: “Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” (Lc 1,52-53). De acordo com o evangelho de Lu-

cas, a missão de Jesus é evangelizar os pobres: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para evangelizar os pobres” (Lc 4,18). Os pobres são os preferidos de Deus: “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7,22; cf. 6,20). De maneira dura, Jesus critica a avareza dos ricos, o acúmulo e a falta de compaixão e solidariedade com os pobres (Lc 12,16-21; 16,19-31).

c) Multidão/multidões

É muita gente ao redor de Jesus: “as multidões se aglomeravam a ponto de sufocá-lo” (Lc 8,42; cf. 5,1.3.15; 19,29; 8,19.45; 11,29; 12,1; 14,25). Em Lucas, o discurso das bem-aventuranças foi proclamado diante de uma imensa multidão (Lc 6,17-19). A multidão testemunha os gestos de Jesus ao curar o servo de um centurião, ao ressuscitar o filho único da viúva de Naim, ao libertar as pessoas de espíritos impuros (Lc 7,9.11-12; 11,14). Por diversas vezes, Jesus se dirige à multidão (Lc 7,24; 8,4; 12,54), que sempre o acompanha (Lc 18,36; 19,3). A multidão acolhe Jesus, e ele também acolhe as multidões (Lc 8,40; 9,11.37). Jesus é solidário



com a multidão faminta no deserto (Lc 9,12.16). As multidões seguem Jesus e procuram definir quem é ele (Lc 9,18-21). A multidão se alegra com as maravilhas realizadas por Jesus (Lc 13,17).

d) Oração

Palavra que é usada cerca de setenta vezes no evangelho de Lucas! É o evangelho que mais apresenta Jesus rezando e convida a comunidade a rezar. Só Lucas coloca Jesus rezando no batismo (Lc 3,21), após o milagre (Lc 5,16), antes da escolha dos Doze (Lc 6,12) e da confissão de Pedro (Lc 9,18), no momento da transfiguração (Lc 9,28-29) e no Getsêmani (Lc 22,46). Esse evangelho insiste na necessidade de ser perseverante na oração (Lc 11,5-8; 18,1), especialmente nos momentos de dificuldades (Lc 22,40.46). É um evangelho que reforça a necessidade de buscar a vontade de Deus e não simplesmente o cumprimento da Lei (Lc 18,2-14).

e) A salvação “hoje”

“Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor” (Lc 2,11). Em Cristo, Deus nos oferece a salvação no tempo presente: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lc 4,21). Na casa de Zaqueu, Jesus afirma: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9). E mesmo na cruz, Jesus promete ao bom ladrão: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43). É um convite para acolher Deus que em Jesus visita o seu povo. O evangelho de Lucas nos ajuda a viver o seguimento de Jesus no hoje de nossas vidas!

f) Conversão

Em muitas passagens, o evangelho de Lucas destaca a salvação dos pecadores, mas exige que a pessoa esteja disposta a mudar de vida: “não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento” (Lc 5,32). A salvação não está garantida unicamente pelo

cumprimento das exigências da Lei, mas é um processo permanente (Lc 13,1-5; 6-9). Deus é paciente e nos espera sempre, como podemos ler na parábola da figueira: “Senhor, deixa-a ainda este ano para que cave ao redor e coloque adubo. Depois, talvez, dê frutos... Caso contrário, tu a cortarás” (Lc 13,8-9). Sempre há mais uma chance. Converter-se exige levantar, voltar, reconhecer a sua condição e pedir perdão... é reviver: “este meu filho estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi reencontrado” (Lc 15,24.32).

g) Misericórdia

O evangelho de Lucas reforça a misericórdia de Deus: “Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das alturas” (Lc 1,78). Um coração que ama a partir das entranhas, amor que se manifesta no perdão e na acolhida: é como o pastor que procura a ovelha perdida e faz festa quando a encontra; ou como a mulher que procura a moeda perdida e quando a encontra reúne e celebra com suas amigas e vizinhas; é como o pai da parábola que acolhe seus filhos de maneira incondicional (Lc 15,1-32). Mesmo no momento da morte, Jesus pede a Deus que perdoe seus inimigos: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,43).

O evangelho de Lucas apresenta Jesus realizando a sua missão na cidade e, preferencialmente, no meio de pessoas pobres, doentes, mulheres, estrangeiras, samaritanas e pecadoras. Gente excluída e à margem da sociedade. Esse evangelho reforça a necessidade da oração perseverante e insiste na conversão permanente, pois a salvação acontece no hoje da história para as pessoas que se abrem ao projeto de Deus misericordioso.

Desde a pregação de Jesus nos anos 30 até os anos 80, as comunidades aguardam a chegada do Reino de Deus. E nada... Ao contrário, há muito sofrimento, dominação e exploração. A desconfiança e a dúvida se instalam na comunidade cristã, e muitas pessoas estão



abandonando a prática de Jesus. Nesse contexto, o autor faz uma releitura da vida e da prática de Jesus; ele reforça o compromisso com as pessoas marginalizadas e combate o ritualismo e o legalismo, insistindo na prática da misericórdia. Conhecendo um pouco mais o projeto do evangelho de Lucas, vejamos quem é o autor desta obra.

Autor do evangelho de Lucas

Cada evangelho surgiu numa comunidade específica que conhecia quem era o seu autor ou os seus autores. Os nomes dos autores não constavam no texto porque não era preciso. Assim, circularam de forma anônima, mais ou menos, até o ano 150 d.C., quando começava-se a definir a lista dos livros considerados inspirados do Novo Testamento. É nesse momento que os evangelhos foram atribuídos a Marcos, Mateus, Lucas e João. O nome Lucas é citado na carta de Paulo a Filêmon (v. 24), e aparece mais duas vezes: uma em Cl 4,14 e outra em 2Tm 4,11, que são cartas escritas por discípulos de Paulo.

Ao compararmos Lucas e Atos com as Cartas de Paulo, encontraremos diferenças importantes que nos levam a crer que o Evangelho e os Atos não foram escritos por esse Lucas que foi companheiro de Paulo. Em Atos dos Apóstolos, Paulo é descrito como um missionário que tem poder de curar doentes, de expulsar demônios e ressuscitar mortos (At 14,3.8-10; 16,16-18.25-34; 20,4), mas não é considerado um apóstolo.

Nas cartas, como em 2Cor 12,5-10, o próprio Paulo se apresenta como uma pessoa frágil, sem poder algum, mas afirma ser apóstolo, chamado e enviado por Jesus, que por amor a Cristo crucificado faz-se solidário com os crucificados da história. Além disso, em Atos dos Após-

tolos, Paulo é muito semelhante a Pedro, é mais inclinado a se adaptar diante das exigências dos judeus, e se apresenta como cidadão romano, o que não acontece nas cartas paulinas.

O autor de Lucas e Atos deve ter sido outra pessoa. Ele não era da Palestina, pois se atrapalha ao falar da geografia da região. Possivelmente um admirador de Paulo, talvez membro de uma das comunidades de origem paulina ou um prosélito grego, alguém que entrou em contato com a religião judaica, estudou a fundo as Escrituras e mais tarde aderiu ao evangelho de Jesus Cristo.

No fim do século, as comunidades vivem

um momento crítico em sua caminhada, correm o risco de abandonar o projeto de Jesus e assimilar os valores propostos pela sociedade greco-romana. Algumas pessoas caem na descrença e no desânimo, abandonando a caminhada (Lc 24,13.21). Diante dos desafios de seu tempo,

o autor procura reavivar a memória da prática de Jesus tendo como objetivo principal “verificar a solidez dos ensinamentos recebidos” (Lc 1,4). Para isso, ele apresenta quem é Jesus de Nazaré e o que é preciso fazer para segui-lo.

Pisando o chão das comunidades de Lucas

A obra lucana teve a sua redação final por volta do ano 85. Essa obra pode ter sido escrita na cidade de Antioquia da Síria, Éfeso, ou mesmo numa cidade da Grécia. Para nós, o mais importante é saber que surgiu numa cidade grande, sob o domínio do império romano e em comunidades fundadas por Paulo, compostas por estrangeiros/as e judeus cristãos. A grande maioria era pobre, mas havia também algumas pessoas ricas (cf. 1Cor 4,13). Essa mistura gerou vários conflitos internos.

“Lucas reforça o compromisso com as pessoas marginalizadas e combate o ritualismo e o legalismo, insistindo na prática da misericórdia.”



Além das dificuldades internas, as comunidades há muito tempo enfrentavam várias situações de sofrimento. O domínio do império romano foi marcado por guerras constantes pelo poder e por numerosos impostos. A situação do povo foi piorando cada vez mais. Muitas pessoas ficaram endividadas, perderam suas terras e acabaram tendo que trabalhar como arrendatárias, meeiras, diaristas ou mesmo sem trabalho (Lc 14,12-14).

Vivendo nessa realidade, as comunidades cristãs entraram em crise. Eis alguns acontecimentos que marcaram profundamente a vida dessas comunidades:

- Em 64 d.C., Nero começou a perseguir os cristãos em Roma.
- Entre os anos 66 e 73 d.C., aconteceu a Guerra Judaica, tendo como consequência o desaparecimento de vários grupos influentes na vida do povo judeu.
- Por volta do ano 70 d.C., o templo e a cidade de Jerusalém foram destruídos. Os únicos grupos que sobreviveram foram o dos fariseus e o dos cristãos, que fugiram para as regiões vizinhas.
- Por volta de 85 d.C., começa uma perseguição contra os grupos de judeus hereges; entre eles está o grupo de cristãos, que é expulso da sinagoga.

Após a Guerra Judaica, o grupo de judeus-fariseus procurou reconstruir e reorganizar o povo judeu na sinagoga. Pouco a pouco, esse grupo ganhou força, foi reconhecido pelo poder romano e recebeu o direito de cobrar tributo do povo judeu. Participar da sinagoga era uma espécie de carteira de identidade. As autoridades judaicas retomaram a rigorosa observância da Lei judaica, e quem desobedecia ou discordava era perseguido e eliminado. Foi o que aconteceu com o grupo de judeu-cristãos.

Nesse período, as primeiras lideranças das comunidades cristãs, como Pedro, Paulo, Maria Madalena, já haviam morrido. As cristãs e os cristãos estavam vivendo num ambiente de mentalidade grega. Na cidade reinava a lógica do lucro, do dinheiro e do comércio, inclusive de vidas humanas. O sistema escravista era predominante nas cidades greco-romanas. A competição, a ganância e o acúmulo de riquezas criaram um verdadeiro abismo entre ricos e pobres (Lc 16,19-31). A prática da partilha e da solidariedade foi deixada de lado. Tornou-se um ideal muito distante.

As comunidades cristãs sentiam-se perdidas, inseguras e sem rumo. Havia uma forte crise de identidade. Nesse contexto, era necessário fazer uma releitura da palavra e da prática de Jesus a partir da realidade da comunidade. Era preciso voltar às origens, procurando encontrar luzes para viver o momento presente.

A realidade das comunidades exige atualizar a prática de Jesus. A existência de ricos cada vez mais ricos e a presença de miseráveis nas comunidades cristãs mostram que é preciso retomar a prática da partilha e da solidariedade (Lc 6,20-38). Por isso, o evangelho de Lucas e o livro dos Atos dos Apóstolos dão uma atenção especial às pessoas pobres e marginalizadas, insistindo na importância da partilha.

Conhecendo a proposta do evangelho de Lucas

Espírito, conversão dos ricos, imagem de Deus misericordioso e caminho são elementos importantes para conhecermos qual é a proposta do evangelho de Lucas.

a) Espírito

A presença do Espírito é constante. Ele atua na vida de João Batista e na de Jesus antes de eles nascerem (Lc 1,15.35). Esse mesmo Espírito se faz presente no momento do batismo (Lc 3,22). É o Espírito quem conduz Jesus ao deserto e em seu ministério na Galileia (Lc



4,1.14). Em Lucas, Jesus é apresentado como ungido pelo Espírito para anunciar a Boa-nova aos pobres e oprimidos (Lc 4,17-20). A partir do momento que Jesus inicia a sua missão, pouco se fala do Espírito, pois ele está presente em Jesus e age a partir dele. De acordo com a promessa de Jesus, o Espírito Santo estará presente nos momentos de perseguição e na realização da missão (Lc 12,12; 24,49).

Diante do medo e da insegurança das comunidades cristãs, o autor tenta reavivar a fé da comunidade, reforçando que o Espírito de Deus atua em Jesus e em cada pessoa que adere à prática da partilha e da solidariedade com as pessoas pobres e excluídas.

b) Conversão dos ricos

No evangelho de Lucas, há uma catequese que convoca os ricos à solidariedade. A riqueza só é bênção de Deus se for partilhada (Lc 12,13-21; 16,19-31). Zaqueu, chefe dos cobradores de impostos, ao encontrar Jesus realiza a partilha e é reintegrado na sociedade; ele é “filho de Abraão”, ou seja, ele também tem direito de pertencer ao povo de Deus (Lc 19,1-10). Trata-se de uma catequese para os ricos se abrirem ao projeto da partilha e da solidariedade, convite estendido a todas as pessoas cristãs.

c) Deus misericordioso

As páginas do evangelho de Lucas nos revelam o rosto misericordioso de Deus, que age em Jesus. Um Deus que nos ama de maneira incondicional e que está sempre aberto para acolher suas filhas e seus filhos (Lc 15,1-32). Em Jesus, Deus oferece o perdão às pessoas pecadoras. A mulher é perdoada porque muito amou; o mesmo acontece com Zaqueu, que se dispõe a mudar de vida (Lc 7,36-50; 19,1-10). Diante do homem necessitado, o samaritano “moveu-se de compaixão” (Lc 10,29-37). O samaritano é como Jesus, que sente a dor do outro a partir das entranhas e se aproxima de seus semelhantes.

d) Caminho

A obra lucana segue o caminho da periferia para o centro: as atividades de Jesus começam na Galileia e terminam em Jerusalém, e o livro dos Atos começa em Jerusalém e termina em Roma. É no caminho que Jesus ensina as exigências do discipulado, tendo como pontos centrais a oração, a misericórdia e a partilha. E quanto mais se aproxima do centro – Jerusalém ou Roma – lugar da morte, da ressurreição e da missão, é preciso coragem para não recuar. É o caminho da Palavra! É o caminho de cada pessoa que adere à prática de Jesus.

Uma leitura atenta do evangelho de Lucas nos traz muitos apelos, e o principal é o da misericórdia. É um convite a nos deixar mover pela compaixão. Assim estaremos no caminho de Jesus.

Conhecendo a estrutura do texto

O autor do evangelho de Lucas tem grande habilidade para escrever, conhece e emprega muito bem as regras literárias do seu tempo. Ele está preocupado em apresentar, de maneira ordenada e clara, os acontecimentos a respeito de Jesus desde as origens. Por meio de seu escrito, a pessoa que lê é transportada para o contexto e o tempo de Jesus na Judeia e na Galileia.

Olhando o conjunto do evangelho de Lucas acerca das atividades de Jesus, podemos perceber que há uma organização geográfica cujo percurso é a Galileia, o caminho, ou a subida para Jerusalém, e a cidade de Jerusalém. A partir desse ponto de vista, após a apresentação do nascimento de João Batista e de Jesus (Lc 1,5-2,52) e a preparação para o ministério de Jesus (Lc 3,1-4,13), o evangelho pode ser dividido em três partes:

- 1 • A atividade de Jesus na Galileia
(Lc 4,14–9,50).
- 2 • A viagem para Jerusalém
(Lc 9,51–19,28).
- 3 • Em Jerusalém
(Lc 19,29–24,53).



Na primeira parte, acompanhamos os passos de Jesus na Galileia não como os fariseus e os doutores que murmuram e armam ciladas para Jesus, mas com a disposição de aprender dele a solidariedade com as pessoas marginalizadas. Impulsionado pelo Espírito, Jesus parte de Nazaré para Cafarnaum (Lc 4,31), anuncia a palavra de Deus à margem do lago da Galileia (Lc 5,1), percorre cidades e aldeias (Lc 5,12; 8,1), sobe à montanha para rezar (Lc 6,12), anuncia num lugar plano (Lc 6,17), retorna a Cafarnaum (Lc 7,1) e, em seguida, vai para Naim (Lc 7,11).

Entrando na segunda parte, viajamos com Jesus para Jerusalém. No caminho, Jesus ensina a seus discípulos o amor ao próximo, a importância de ouvir e praticar a palavra, o valor da oração, o cuidado com a administração dos bens, a misericórdia e o cuidado especial com as pessoas pobres e marginalizadas. Em vários momentos, o autor reforça que Jesus segue para Jerusalém (Lc 9,51.53; 13,22; 17,11; 19,11.28.41).

Chegando a Jerusalém, entramos na terceira parte, Jesus aparece no Templo e enfrenta as autoridades judaicas: “Minha casa será uma casa de oração. Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões” (Lc 19,46). Jesus permanece na cidade até o fim de sua vida. Aí vive o mistério de sua paixão, morte e ressurreição.

Seguir Jesus significa colocar-se ao lado das pessoas marginalizadas e excluídas da história. Mesmo correndo risco de morte, Jesus não recua, mas segue adiante e paga com sua própria vida: ele é crucificado. Mas a morte não tem a última palavra: ele ressuscita, está vivo e caminha conosco. A missão continua amparada pelo Espírito de Deus.

Um roteiro para ler o evangelho de Lucas

Desde as primeiras páginas do evangelho de Lucas, Jesus é proclamado o Salvador

enviado por Deus (Lc 1,46b-47). É tempo de renovar a esperança e a fé na presença de Deus que visita o seu povo. Esse evangelho apresenta uma releitura da vida e da prática de Jesus com a intenção de ajudar as comunidades cristãs a retomar o seguimento de Jesus. Acompanhando os passos de Jesus nesse evangelho, descobrimos a presença de um Deus amoroso e compassivo.

“As bem-aventuranças anunciam a transformação de uma sociedade injusta e o projeto de inclusão social para as pessoas marginalizadas e excluídas.”

O evangelho de Lucas é conhecido como o evangelho do caminho. No caminho, Jesus transmite seus principais ensinamentos a seus seguidores e seguidoras. Seguir Jesus exige deixar-se mover pela compaixão e aproximar-se das pessoas marginalizadas e excluídas. Esse foi

o caminho de Jesus, e o da pessoa cristã não pode ser diferente.

Entre as muitas possibilidades de leitura desse evangelho, eis o caminho que propomos: o encontro entre Maria e Isabel (Lc 1,39-56) é um convite para acreditarmos na solidariedade fraterna que gera comunhão de vida. Com Maria, queremos celebrar a presença de Deus na história do seu povo e em nossa história. Como Maria, que se coloca a caminho para servir Isabel, que sai da periferia para o centro, a comunidade cristã do século I e nossas comunidades hoje são chamadas a seguir Jesus, fazendo-se solidárias com as pessoas necessitadas.

O evangelho de Lucas proclama quatro bem-aventuranças aos pobres e quatro maldições contra os ricos, ou seja, são advertências contra a sociedade individualista e a busca desenfreada de riquezas (Lc 6,20-26). Nesse contexto, as bem-aventuranças anunciam a transformação de uma sociedade injusta e o projeto de inclusão social para as pessoas marginalizadas e excluídas. A prática



do amor e da justiça exige de cada pessoa cristã o compromisso com a construção de uma sociedade justa e fraterna.

Outro texto que nos ajuda a retomar a prática da misericórdia é a parábola do samaritano (Lc 10,25-37). No tempo de Jesus e das primeiras comunidades, ainda havia um excessivo apego às leis. Um judeu, para ser puro diante de Deus, devia cumprir as exigências da Lei: pagar dízimo, dar esmolas, orar, jejuar, guardar o sábado e não manter contato com as pessoas que eram consideradas impuras, por exemplo: deficientes físicos, doentes, pobres, indigentes e estrangeiros, como o samaritano, por exemplo.

“Quem é o meu próximo” é a perspectiva de quem se preocupa com o cumprimento da Lei; a parábola inverte a questão: “quem se tornou próximo daquele que caiu nas mãos dos assaltantes?” (Lc 10,36). É uma parábola que provoca uma revisão de nossas atitudes e preconceitos. É um espelho que nos ajuda a refletir se vivemos a compaixão e a solidariedade ou se ainda continuamos apegadas/os às normas e prescrições que, muitas vezes, nos impedem de vivermos a fraternidade.

A leitura da parábola do pai misericordioso (Lc 15,11-32), que ama seus filhos de maneira incondicional, contém um forte apelo para vivermos a misericórdia. No tempo de Jesus, a teologia oficial, conhecida como a teologia da retribuição, afirmava que Deus recompensava uma pessoa justa com riqueza, vida longa e descendência, e uma pessoa injusta com pobreza, esterilidade e sofrimentos. Os pobres, os doentes, as pessoas com alguma deficiência física e os estrangeiros eram considerados impuros (Ex 20,5; Sl 38,2-6).

De acordo com a Lei oficial, era proibido o contato com pessoas impuras. Indo na contramão da teologia oficial, muitos grupos continuaram afirmando que Deus não abandona os pobres, mas caminha com as pessoas que sofrem, ele “protege o estrangeiro, sustenta o órfão e a viúva” (Sl 146,9). Não é o Deus do sacrifício, mas o Deus da misericórdia. É esse o rosto de Deus que Jesus nos revela na parábola do *pai misericordioso*. É preciso entrar e participar da festa da vida, “pois esse teu irmão estava morto e voltou a viver”. Será que nós entraremos nessa festa?

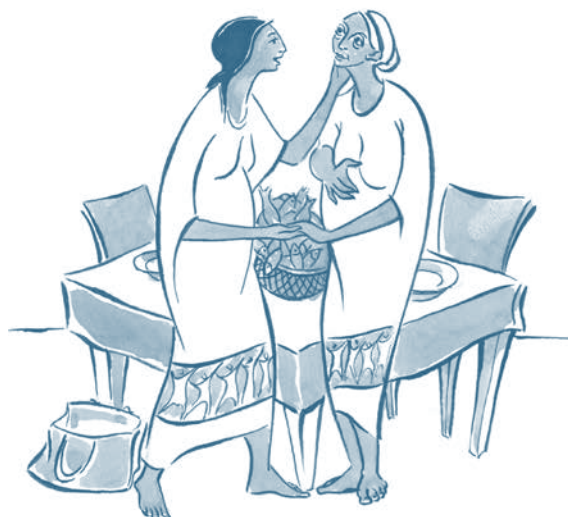
“Indo na contramão da teologia oficial, muitos grupos continuaram afirmando que Deus não abandona os pobres, mas caminha com as pessoas que sofrem.”

Para coroar a leitura do evangelho, propomos a narrativa dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). A decepção e a frustração estão presentes nos sentimentos dos discípulos de Emaús: “Nós esperávamos que fosse Jesus, o nazareno, quem libertaria Israel”. Os discípulos e o povo esperavam um mes-

sias-rei que fosse forte e derrotasse o império romano, dando liberdade para o povo judeu e restabelecendo a realeza de Israel. Esse ensinamento fazia parte da catequese oficial dos judeus e era a maneira de pensar de muitas pessoas. Por isso, os seguidores e as seguidoras de Jesus tiveram dificuldade de entender a maneira de agir de Jesus. Nessa realidade de dúvida e descrença, a comunidade de Lucas descreve como fez a experiência de Jesus ressuscitado na comunidade. Que o Espírito de Deus nos dê abertura para vivermos a partilha e a solidariedade e, assim, renovar a certeza de que o Ressuscitado está vivo entre nós.

O caminho de Jesus é o caminho da compaixão e da solidariedade. É caminho aberto para o próximo. Entremos nesse caminho! ●

(Referências bibliográficas para os quatro artigos, p. 36)



Maria pôs-se a caminho

Uma leitura de Lucas 1,39-45

Shigeyuki Nakanose, svd

O artigo aborda a presença e o significado de Maria nos evangelhos, sobretudo no de Lucas, situando-a em relação com a caminhada histórica de Jesus e das comunidades. A Mãe de Jesus foi uma mulher empobrecida da Galileia, o que se distancia de algumas formas posteriores da devoção mariana. Retomar as origens e compreender bem Maria no seu contexto histórico é fundamental para aprimorar a devoção mariana relacionada à missão de seu filho.

.....

Shigeyuki Nakanose, religioso verbita, padre, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no ITESP, na Faculdade Católica de São José dos Campos e na Faculdade Dehoniana, em Taubaté.
E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br

Em uma quinta-feira, no dia 31 de maio de 2012, às 9 horas da manhã, celebramos, no cemitério do Morumbi, a vida, morte e ressurreição de Isaosan, esposo de dona Terezinha, amigos de longa data. Após os cantos, rezas, depoimentos, bênçãos, caminhamos para o túmulo. Uma caminhada no meio de chuva fina, o que aumentava ainda mais o sentimento de tristeza.

No lugar do sepultamento, como celebrante, fiquei na cabeceira e olhei para o fundo do túmulo, que devia ter entre cinco e seis metros de profundidade. Um espaço escuro e tenebroso. Depois de uma pequena celebração, ao observar o caixão descendo, pouco a pouco, até o fundo, senti e achei o não à vida. A mortalidade do ser humano. A vida parece estar sucumbindo nas trevas.

Quando os coveiros começaram a jogar as primeiras pás de terra sobre o caixão já posto no fundo, escutei o canto bem baixinho iniciado por uma mulher. Em pouco tempo, o canto ganhou força, misturado com choro, aplausos e tristeza, conforto:



“Pelas estradas da vida, nunca sozinho estás, contigo pelo caminho Santa Maria vai. Óh! Vem conosco, vem caminhar! Santa Maria, vem!”

Se parecer tua vida inútil caminhar, pensa que abres caminho, outros te seguirão. Óh! Vem conosco, vem caminhar! Santa Maria, vem!”

Há uma devoção rodeando Maria, mãe de Jesus, que transcende o pensamento teológico e toca no sentimento e na fé de muita gente. É um sentimento cultivado ao longo da caminhada dos fiéis. Maria, Nossa Senhora, a mãezinha do céu nos momentos mais difíceis. Como entender tanta força dessa mulher cuja devoção é um dos pilares da piedade católica? Como fazer dessa devoção uma força para a construção do Reino: a unidade em torno da justiça, da dignidade humana e da paz?

A respeito de Maria, desde a infância, costuma-se escutar a história de Maria de Nazaré, seja na família, na igreja, na escola, nas rodas de conversa. São as informações extraídas dos evangelhos: Os pastores visitam o menino com Maria (Lc 2,16); Os três magos visitam o menino com Maria (Mt 2,11) etc. No entanto, cada Evangelho tem seus textos exclusivos e fornece informações diferentes sobre a vida dela. Por exemplo, o Evangelho mais antigo, o de Marcos, inicia-se com a pregação de João Batista sem narrar o nascimento de Jesus, e informa a tensão entre Jesus e sua família com a presença de Maria. O Evangelho de João, escrito quase setenta anos depois da morte de Jesus, descreve Maria ao pé da cruz (Jo 19,25–27), enquanto os outros evangelhos falam da presença de algumas mulheres que observavam a cruz a distância (Mc 15,40–41).

Essas diferenças revelam que os Evangelhos,

que foram escritos quarenta e até sessenta anos depois da paixão, morte e ressurreição de Jesus, não são uma mera história de Jesus. Eles nasceram das experiências das comunidades cristãs que seguiram, reinterpretaram e transmitiram as palavras e a prática de Jesus de Nazaré a partir de suas realidades. Em cada evangelho, há uma reflexão da vivência e da fé de cada comunidade.

Nos Evangelhos, Maria aparece em referência a Jesus. Os textos bíblicos sobre ela, então, são muito mais do que fatos da vida de uma mulher. Eles devem ser compreendidos na caminhada histórica de cada comunidade. Os seguidores e seguidoras de Jesus acolhem a memória de Maria de Nazaré, reinterpretam-na e incluem-na no culto e na oração a partir do contexto e da experiência da fé em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. A figura de Maria como mãe protetora

cresceu, especialmente, em momentos difíceis como as perseguições contra as comunidades.

Um dos Evangelhos que tem mais relatos sobre a vida de Maria nasce na caminhada da comunidade de Lucas. Com as narrativas de infância de Jesus (Lc

1,5–2,52), a comunidade deixa perceber a origem humilde de Maria na pequena vila de Nazaré, longe de Jerusalém, capital da Judeia. É simplesmente Maria de Nazaré! Pela tradição e fé da comunidade de Lucas, podemos dar início à caminhada com Maria.

1. Maria no contexto da comunidade lucana

O primeiro capítulo de cada evangelho é o cartão-postal: apresenta o rosto – o projeto e a teologia – da comunidade que está por trás do livro. Vejamos:

- O Evangelho de Mateus começa com a genealogia de Jesus, na qual há quatro estrangeiras



e Maria. Diante da Lei judaica oficial, todas essas mulheres são consideradas impuras (Tamar, Raab, Rute, Betsabeia e Maria). Com a presença de impuras na sua genealogia, Jesus é apresentado como o Messias dos impuros, dos pobres e dos excluídos.

- No evangelho de Marcos, o primeiro capítulo apresenta a prática libertadora de Jesus na Galileia: ele convive com os marginalizados, fazendo-os voltar à liberdade e ao serviço aos outros.

- No evangelho de João, Jesus Cristo, apresentado pelo Prólogo (Jo 1,1-18), é o Filho único de Deus, que se fez carne e habita no meio da humanidade, revelando-nos o amor e o projeto do Pai.

O evangelho de Lucas também não foge à regra. Ao examinarmos Lc 1,5-38, narrativa exclusiva de Lucas, percebemos de imediato que os textos sobre João Batista e Jesus são apresentados em paralelo, mostrando o rosto da comunidade, representada por Maria, como podemos observar no esquema abaixo:

	Anúncio do nascimento de João Batista (Lc 1,5-25)	Anúncio do nascimento de Jesus (Lc 1,26-38)
Apresentação	Zacarias e Isabel (v. 5-7)	José e Maria (v. 26-27)
Anjo Gabriel	Para Zacarias (v. 8-11)	Para Maria (v. 28)
Reação	Ele perturbou-se (v. 12)	Ela ficou intrigada (v. 29)
Encorajamento	"Não temas" (v. 13a)	"Não temas" (v. 30)
Anúncio	Nascimento de João (v. 13b-14)	Nascimento de Jesus (v. 31)
Missão	Converterá muitos dos filhos de Israel (v. 15-17)	Reinará na casa de Jacó para sempre (v. 32-33)
Dúvida	"De que modo saberei disso?" (v. 18a)	"Como é que vai ser isso?" (v. 34a)
Argumento	"Pois eu sou velho e minha esposa é de idade avançada" (v. 18b)	"Se eu não conheço homem algum?" (v. 34b)
Resposta	A concepção provém de Deus (v. 19)	A concepção provém de Deus (v. 35)
Sinal	Mudez (v. 20)	A gravidez de Isabel (v. 36-37)
Reação	Silêncio (v. 21-22)	"Faça-se em mim segundo tua palavra" (v. 38)

Do modo como esse paralelo foi construído, tudo salienta a superioridade de Jesus. O precursor João (=Deus dá a graça) abrirá o caminho para a chegada do Messias. Jesus (=Javé salva) é o próprio Messias, o Filho de Deus, que trará a salvação. Além do mais, o paralelo também evidencia a superioridade de Maria em relação a Zacarias. Enquanto Zacarias, um velho sacerdote, está a serviço da lei do templo e fica mudo por não acreditar na ação de Deus, Maria, uma jovem da aldeia da Galileia, está a serviço da casa e fica repleta do Espírito Santo.

Se analisarmos o paralelo no contexto da comunidade de Lucas, veremos que Zacarias representa a doutrina e o culto do Templo, da instituição de Jerusalém. É uma linguagem simbólica para expressar que a religião oficial de Israel se

tornou muda e sem a ação do Espírito. Em outras palavras, ela está presa em sua velha estrutura de poder e não consegue reconhecer a ação salvífica de Deus no projeto do Messias, esperado pelos pobres que clamam por justiça e libertação.

Por outro lado, Maria, uma jovem, representa a comunidade cristã dos pobres. É um novo movimento de Jesus, "Filho do Altíssimo", no ventre de Maria. A comunidade não está no templo, mas se reúne na casa, difundindo o anúncio do Reino pelo mundo inteiro. Ela não está assim restrita à antiga religião do Templo. E como a presteza de Maria em servir, a comunidade cristã, guiada pelo Espírito, deve ser capaz de promover a comunhão entre irmãos e com Deus, de forma solidária e fraterna. As palavras finais de Maria mostram a disponibilidade dos discípulos mis-



sionários de Jesus: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!” (Lc 1,38).

Enfim, o fato de Maria, menina pobre de Nazaré, conceber Jesus Messias, o Filho de Deus, indica que o Deus da vida inverte a ordem social: os pobres e oprimidos se tornam sujeito da história com o projeto de solidariedade e fraternidade. Maria, por sua disposição a ser do Senhor, traz no seu ventre o novo povo de Israel. A comunidade cristã, como este novo povo de Israel, deve apresentar-se como “a serva do Senhor”, para concretizar o projeto do Deus da vida assumido na vida de Jesus de Nazaré.

No primeiro capítulo, temos ainda a narrativa da visita de Maria a Isabel, que também é uma cena exclusiva de Lucas. Ora, se olharmos bem essa narrativa na perspectiva teológica e pastoral, a comunidade lucana mostra ainda mais o seu rosto, sua prática e sua fé.

2. Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa

A narrativa da visita de Maria a Isabel é uma continuação da narrativa anterior: a visita do anjo Gabriel a Zacarias e a Maria (Lc 1,5-38). Continua o tema da superioridade de Jesus sobre João. Mas agora aplicado diretamente à reação da criança no ventre de Isabel: “Pois, quando tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria em meu ventre” (Lc 1,44).

João, ainda no ventre de sua mãe, reconhece a grandeza de Jesus, apontando-o como o Messias, o “Filho do Altíssimo”. Com isso, Isabel, movida pelo Espírito Santo, também proclama que Jesus é o Senhor: “Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite?” (Lc 1,43). Assim, resumidamente, o projeto salvífico de Deus e a prontidão de Maria, na narrativa da visita do anjo a Maria, são confirmados pela exaltação de Isabel: “Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!” (Lc 1,45).

É provável que a redação final do texto da

visita de Maria a Isabel contenha a interpretação teológica própria da comunidade lucana, exaltando o senhorio de Jesus e o projeto salvífico de Deus, mas, ao mesmo tempo, é um texto que recolhe a tradição teológica e pastoral do cotidiano da comunidade. Por meio da visita de Maria a Isabel, podemos perceber o caminho do discipulado de Jesus:

- 1 • A forma como Lucas construiu a narrativa da visita de Maria a Isabel mostra a disposição e a solidariedade de Maria. Ela viajou de Nazaré a uma cidade de Judá para ajudar Isabel, grávida com idade avançada. Viajou da Galileia para a região montanhosa da Judeia – da terra verde para a terra seca. Nessa cena, o mais importante é a solidariedade de Maria, oriunda da periferia, com relação a Isabel, esposa de Zacarias, sacerdote do Templo de Jerusalém, centro do poder e da exploração. Pastoralmente, a comunidade cristã da periferia proclama o não à opressão e o sim à solidariedade fraterna que leva à comunhão da vida.
- 2 • O autor da narrativa descreve a atuação de Maria de forma autônoma: “Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel [...]. Maria permaneceu com ela mais ou menos três meses e voltou para a casa dela” (Lc 1,39-40.56). A atuação autônoma de Maria é contrária ao costume do mundo patriarcal do seu tempo. É muito provável que tal descrição reflita a atuação de algumas mulheres das primeiras comunidades cristãs.
- 3 • “Ora, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo” (Lc 1,41). O Antigo Testamento destaca a esterilidade como uma das causas de sofrimento e discriminação das mulheres (cf. 1Sm 1), porque a esterilidade impossibilita a continuação da casa. Além de ser estéril, Isabel está com a idade avançada.



da. É outra causa de discriminação e humilhação: as crianças que nascem de mulheres idosas são consideradas fracas e rejeitadas no mundo greco-romano. Mas apesar de tais discriminações impostas sobre a figura de Isabel, a comunidade cristã atribui-lhe o papel importante de reconhecer e exclamar o mistério da concepção do Messias no corpo de Maria. O que a comunidade quer com isso é dignificar os oprimidos e denunciar todo tipo de discriminação contra o ser humano (cf. At 6,1).

- 4 • “Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1,45). As duas mulheres, mães grávidas, se encontram e se regozijam com o cumprimento da promessa de Deus. Ao contrário de Zacarias, um sacerdote do Templo de Jerusalém, as duas mulheres pobres acreditam na ação salvífica de Deus na história, manifestada na tradição dos pobres do Antigo Testamento: ele está a favor dos pobres, está no meio deles. São a teologia e a fé que iluminam e animam o discipulado missionário das primeiras comunidades cristãs.

A narrativa da visita de Maria a Isabel é uma catequese sobre o discipulado de Jesus, cujas exigências são: prática de solidariedade, dignificação do ser humano e a justiça social com a fé no Deus da vida. De modo especial, o cântico de Maria é um resumo do projeto do Deus da vida, revelado na vida de Jesus.

No evangelho de Lucas, Maria é, assim, apresentada como uma mulher pobre da periferia, consciente e comprometida com a causa dos pobres. Quais os rostos de Maria segundo os outros evangelhos, então? As informações sobre a dimensão humana de Maria? Para entender e

aprofundar melhor a vida de Maria de Nazaré, uma judia da Galileia, podemos dialogar com alguns textos bíblicos que nos revelam a chave para tocar em sua pessoa.

2. Maria de Nazaré, Mãe de Jesus, uma judia da Galileia

Houve uma reunião dos sacerdotes e deliberaram: “Façamos um véu para o templo do Senhor”. Disse o sacerdote: “Chamai-me as virgens sem mancha da tribo de Davi”. Partiram os mensageiros, procuraram e encontraram sete. O sacerdote lembrou-se da jovem Maria, por ser ela da tribo de Davi e sem mancha diante de Deus. Os emissários saíram e a trouxeram. Depois que as introduziram no templo do Senhor, disse o sacerdote: “Tirai-me a sorte para saber quem tecerá o ouro, o amianto, o linho, a seda, o jacinto, o escarlate e a púrpura genuína”. Couberam a Maria a púrpura genuína e o escarlate. Apanhou-os e foi para sua casa.¹

No início do século III, ao fazer a releitura do texto da “Anunciação” (Lc 1,26-38), o autor do apócrifo “A história do nascimento de Maria” (O Protoevangelho de Tiago) salienta a majestade de Maria, com narrativa sem fundamento histórico. À luz desse e outros textos dos apócrifos, compreende-se que a reflexão sobre Maria, que estava vinculada a Jesus Cristo no início do cristianismo, começa a adquirir o próprio caminho: a devoção mariana com o uso de narrações mitológicas (cf. o apócrifo “Morte e assunção de Maria” – Trânsito de Maria ou livro do descanso).

Com o crescimento da piedade mariana, surge o culto à Santíssima Virgem Maria na Ida-

¹ *A história do nascimento de Maria: o véu do templo*, X, 1-2. Petrópolis: Vozes, 1991.



de Média, desenvolvendo hinos litúrgicos e pinturas com a imagem de pura beleza, até angelical de Maria. Desde o século XVI, contra a Reforma Protestante, a Igreja Católica aumenta ainda mais a devoção a Maria junto com a adoração ao Santíssimo Sacramento e o papel do Papa. Maria é, cada vez mais, “adorada” como a “rainha do céu e da terra”. Chega-se a dizer que todas as graças são alcançadas pela Santíssima Virgem, proclamada com os dogmas da Imaculada Conceição (1854) e da Assunção (1950). É uma Maria triunfalista e endeusada.

Contudo, essa reflexão sobre Maria (mariologia) começa a ser revista com a chegada do movimento de renovação da Igreja Católica: o Concílio Vaticano II. O documento *Lumen Gentium*, por exemplo, situa a devoção a Maria no mistério de Jesus Cristo: “Por isso o sagrado Concílio, ao expor a doutrina da Igreja, na qual o divino Redentor opera a salvação, deseja esclarecer cuidadosamente quer a função da bem-aventurada Virgem no mistério do Verbo encarnado e do corpo místico, quer os deveres dos próprios homens remidos para com a Mãe de Deus, que é Mãe de Cristo e dos homens, em especial dos fiéis” (VIII, 54).

A mariologia, então, é retomada e aprofundada em relação com Jesus Cristo e com a comunidade de seus seguidores e seguidoras, pois ela é mãe, educadora, companheira e seguidora de Jesus. A glorificação e a devoção a Maria devem estar vinculadas com as missão salvífica de Jesus Cristo, crucificado pelo império romano e seus colaboradores, e ressuscitado pelo Deus da vida.

Nessa revisão e renovação na mariologia, o movimento bíblico tem um papel fundamental: a reflexão sobre Maria a partir do estudo contextualizado da Bíblia. As informações bíblicas sobre Maria, mãe de Jesus, são imprescindíveis para não se construir uma devoção a Maria sem

fundo histórico. “Toda reflexão teológica consistente baseia-se na Sagrada Escritura.”²

Mesmo que cada evangelho segundo sua realidade seja fruto da reflexão e interpretação da vida de Jesus de Nazaré e a comunidade de seus seguidores e seguidoras à luz da fé em Jesus Cristo ressuscitado, alguns textos nos fornecem dados importantes sobre a vida de Maria de Nazaré:

1) *Maria, mulher empobrecida da Galileia*

Os textos bíblicos apresentam Maria como mulher de Nazaré. É um povoado judaico entre duzentos e quatrocentos habitantes no tempo de Jesus: “As escavações levadas a efeito debaixo das estruturas cristãs posteriores não mostram nenhuma sinagoga, nem fortificação ou palácios, nenhuma basílica nem balneário, nem mesmo ruas pavimentadas. Absolutamente nada. Em vez disso, prensas para produzir azeite de oliva e vinho, cis-

ternas, silo e pedras de moer espalhadas ao redor de covas falam de uma população rural que vivia em casebres muito simples”.³

Há certas evidências na arqueologia de que a vida dessa população rural era marcada pela fome e sofrimento. A pesquisa nos relata a perspectiva de vida no tempo de Jesus: no primeiro

ano de vida, cerca de 30% dos recém-nascidos morriam; dentro dos dez anos de vida, cerca de 50%. Na faixa etária dos trinta anos de idade, de 70% a 75% morriam, especialmente por desnutrição e falta de alimento, devido ao trabalho pesado e às guerras. A maioria das pessoas que conseguiam viver sofria com a fome crônica, a perda

“A devoção a Maria deve estar vinculada com a missão salvífica de Jesus Cristo, crucificado pelo império romano e ressuscitado pelo Deus da vida.”

² Afonso MURAD, *Maria, toda de Deus e tão humana – Compendio de Mariologia*, p. 24.

³ John Dominic CROSSAN; Jonatham L. REED, *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*, p. 75.

de dentes, a fraqueza nas vistas e os vermes no ventre. Era uma realidade duríssima.⁴

Uma das maiores causas do empobrecimento dos camponeses judeus era a exigência de pagamento de impostos. Os judeus eram obrigados a pagar para os romanos o imposto sobre 25 a 30% das colheitas, o pedágio para a circulação de pessoas e mercadorias, e a dedicar um tempo de trabalhos forçados para as tropas e para as obras públicas. Existiam também os impostos do Templo: vários dízimos, ofertas de sacrifícios, imposto pessoal, estipulado em um denário etc. Cresceu o número de pessoas endividadas e escravizadas. Era comum presenciar famílias inteiras sendo vendidas como escravas devido às dívidas.

O sofrimento do povo acontecia não somente no campo de tributos e comércio, mas também no campo político e cultural. Os romanos nomearam os idumeus, inimigos dos judeus, para reger a Palestina: Herodes Magno e seus filhos (Arquelau, Herodes Antipas e Filipe), cujos reinados foram marcados por brutalidade e tirania, espalhando ódio e desespero no meio do povo. Promoviam a ostentação do luxo segundo o estilo romano (cultura greco-romana), construindo palácios em cidades como Cesareia, Jerusalém, Séforis, Tiberíades, Jodefá, entre outras. Aumentaram os tributos, assim como intensificaram a exploração, a opressão e a violência contra os camponeses, que constituíam 90% ou mais da população da Palestina.

A violência das autoridades se evidenciou, especialmente, na repressão contra os movimentos populares de revolta que infestavam a Palestina. Por exemplo, a cidade de Séforis, centro administrativo da Galileia, foi centro da rebelião após a morte de Herodes, o Grande, violentamente reprimida e devastada; a população foi massacrada e escravizada. Nazaré ficava apenas a sete quilômetros de Séforis, de modo que Maria e seu filho Jesus tinham presenciado e experimentado, em sua pele, a tragédia e o desespero do povo.

Nesse caldeirão de sofrimento e tensões sociais, Maria de Nazaré viveu, formou-se, educou e acompanhou o filho, Jesus, que passou a maior parte da vida andando de uma aldeia para outra na Galileia. Ele pregou e praticou um relacionamento social e religioso baseado no amor e na justiça, o que o levou a confrontar as autoridades e, conseqüentemente, à cruz. Seus atos e palavras estavam enraizados nas experiências da vida camponesa de sua terra, da qual sua mãe, Maria, fazia parte.

Com muita probabilidade, a sensibilidade, a compaixão e a solidariedade de Jesus com seus irmãos sofridos e massacrados também exprimem a dimensão humana e existencial de Maria de Nazaré, mulher empobrecida da Galileia (cf. Mc 6,34).

2) Maria, mãe preocupada com seu filho

E voltou para casa. E de novo a multidão se apinhou, de tal modo que eles não podiam se alimentar. E quando os seus tomaram conhecimento disso, saíram para detê-lo, porque diziam: “Enlouqueceu!...” Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Havia uma multidão sentada em torno dele. Disseram-lhe: “Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram”. Ele perguntou: “Quem são minha mãe e meus irmãos?” (Mc 3,20-21.31-34).

Os parentes julgaram Jesus e disseram: “Enlouqueceu”. O julgamento deve ser motivado pelo comportamento e pela prática de Jesus, que não segue a Lei e o costume oficial. Os evangelhos trazem à tona essas características da atuação de Jesus: “Aconteceu que, estando à mesa, em casa de Levi, com muitos publicanos e pecadores, com seus discípulos” (Mc 2,15); “Aconteceu que, ao passar num sábadó pelas plantações, seus discípulos começaram a abrir caminhos arrancando as espigas” (Mc 2,23).

Jesus vive no meio dos impuros, excluídos,

⁴ Masahiro YAMAGUTI, *O amanhecer do nascimento de Jesus: a história e o povo da Galileia*, p. 225-227.

endemoninhados... Entra em conflito com o guardião da Lei do puro e do impuro, de modo que os escribas o julgam: “Ele está possuído por um espírito impuro” (Mc 3,30). Diante da corrupção e exploração da autoridade do Templo, Jesus expressa sua indignação: “Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões” (Mc 11,17). Essa é a causa principal da ira e condenação das autoridades religiosas de Jerusalém (cf. Mc 11,18).

Os parentes e familiares tentam prender e neutralizar essa atuação de Jesus que compromete e ameaça o nome, a vida do seu clã e sua família no mundo mediterrâneo da cultura patriarcal de “honra e vergonha”. O dever de um membro de uma aldeia judaica é a fidelidade e a obediência ao chefe (ancião) de seu clã e a seu pai, que controla a família e sua herança (terra, casa, animais, filhos etc). A honra de uma família está em primeiro lugar e deve ser mantida até com a morte. A organização e a tradição familiar são meios importantes de sobrevivência e, ao mesmo tempo, servem, às vezes, para manter o sistema do poder na sociedade oriental e judaica da época.

Assim, entende-se que a reação dos parentes ao saber da atuação de Jesus é julgá-lo fora de si. Nesse grupo de pessoas com laços consanguíneos, Maria, a mãe de Jesus, está presente. Segundo a tradição conservadora familiar dos judeus daquele tempo, uma mulher virtuosa deve se dedicar completamente à casa, a sua administração e organização (cf. Pr 31,13-15). Enquanto o pai cuida da família no exterior (herança, relações jurídicas etc.), o cuidado da mãe está com o interior: as crianças, animais domésticos, cozinha e outras tarefas da casa. Ela desempenha como a perfeita dona de casa para honrar seu marido (cf. Pr 31,23). E não deve desempenhar atividade e responsabilidade jurídica fora de casa, porque isso desonraria o homem, o chefe da família, na cultura de honra e vergonha.

“Nesse caldeirão de sofrimento e tensões sociais, Maria de Nazaré viveu, formou-se, educou e acompanhou o filho, Jesus.”

Nesse mundo oriental e judaico, é estranha a presença de Maria na delegação de seus parentes e familiares para prender Jesus, filho adulto, que estaria ameaçando a honra de seu clã e família. O problema deve ser resolvido e executado pelos homens do clã. Que pensar do encontro de Maria com Jesus neste contexto? Também o encontro é

marcado pela tensão entre Jesus e seus familiares: “Ele perguntou: ‘Quem é minha mãe e meus irmãos?’. E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: ‘Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe’” (Mc 3,33-35).

Apesar de tudo isso, Maria foi ao encontro de seu filho. Por quê? Uma resposta mais convincente está na experiência humana de todos os tempos: uma mãe não abandona seu filho. É um exemplo de laço humano, utilizado até na descrição sobre o relacionamento entre Deus e o povo de Israel: “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti. Eis que te gravei nas palmas das mãos” (Is 49,14-16).

Maria percebe que seu filho Jesus corre perigo, que está na mira das autoridades judaicas e romanas por construir uma verdadeira família baseada no amor, na justiça e na solidariedade, conforme o projeto do Deus da vida. Ela vai tentar falar, convencer e mudar a atitude de Jesus. Ela procura preservar a vida do seu filho. Emocionalmente, Maria age como qualquer mãe que ama, se compadece e se arrisca pelo filho do seu ventre.

3) Maria, mãe do filho massacrado pelo poder imperial

“Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de

Copas, e Maria Madalena” (Jo 19, 25). Enquanto, nos sinóticos, as mulheres assistem à crucificação a distância (Mc 15,40), em João, ao invés, as mulheres e o discípulo amado permanecem ao pé da cruz. O verbo “permanecer”, que não é utilizado pelos sinóticos, exprime a teologia joanina: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,31-32). Para a comunidade joanina, as mulheres são as verdadeiras discípulas de Jesus.

Hoje a maioria dos biblistas pensa que as mulheres estavam observando de longe. Alguns presumem que Maria estaria em Nazaré da Galileia. Quer seja Maria a distância ou ao pé da cruz, ela teve o filho morto. A morte é um momento de angústia e tristeza. Para uma mãe, a morte de um filho é um contrassenso inaceitável. Ainda mais: Jesus foi executado com a crucificação. Era uma punição cruel e assustadora, aplicada aos escravos e aos não romanos criminosos, como assassinos, bandidos e rebeldes. Em geral, os romanos crucificavam os criminosos inteiramente nus em local de muita visibilidade para humilhar e intimidar o povo.

Para Maria, a morte de Jesus na cruz foi um golpe brutal, que bateu no fundo de sua alma: “Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se” (Os 11,8). Ou como diz a comunidade de Lucas: “Eis que este menino foi posto para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição – e a ti, uma espada traspassará tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações” (Lc 2,34-35).

Humanamente falando, Maria chorou por Jesus, arrasada pela perda do seu filho amado, com a memória de um menino carinhoso, amável, sensível ao sofrimento de outros. Também deve ter chorado por ele, destruída pelo doloroso sentimento de impotência de não ter conseguido proteger e convencer o filho a sair do caminho de confrontos com as autoridades da época.

Maria é como “inúmeras mães judias com os filhos cruelmente assassinados”. Uma mu-

Cartas Marcadas

Pedro Casaldáliga



As Cartas marcadas de Dom Pedro Casaldáliga, escritas de 1986 a 2005, decorrem de um claro compromisso de pastor, extravasando em sua linguagem poética uma lúcida visão da realidade e decidida opção pelas causas do povo e apresentando uma abordagem transparente e objetiva.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





lher devastada. A situação de sofrimento extremo pode levar a pessoa a se tornar dura, inflexível e fechada, ou pode ser uma verdadeira escola de humanização. Segundo o evangelho de Lucas e o de João, que descrevem Maria como “discípula exemplar e testemunha apostólica”, Maria amadurece, compreende e se abre para o projeto de seu filho Jesus por uma sociedade igualitária, com direito de todos a uma vida digna e plena.

Historicamente, na perseguição provocada por anunciar Jesus Cristo crucificado, “que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura” (1Cor 1,23), o sofrimento e a dor cruel dos cristãos fazem a memória de Maria com o filho assassinado ser amplamente solidária com os familiares dos fiéis mutilados e mortos. E, até hoje, Maria, com Jesus morto, enquanto figura histórica e simbólica da comunidade cristã das origens, permanece e estimula nossa sensibilidade pela necessidade de transformar o mundo de injustiça e violência.

Ao reduzir Maria a apenas uma devoção à Maria gloriosa sem carne e osso, o caminho cristão ignora e perde toda a humanidade de Jesus de Nazaré: “Ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre a cruz” (Fl 2,6-8).

Uma palavra final

Na mesa do meu quarto, há uma pequena imagem de Maria. Ela foi danificada por vários “tombos”. É uma imagem trazida por minha mãe ao hospital, no qual eu estava lutando contra a doença. A internação durou seis meses. Como de

costume, todos os dias, os meus pais me visitavam, trazendo-me o jantar – meus pratos favoritos –, contra a orientação médica. Certo dia, a imagem de Maria chegou junto com a comida.

Passaram-se mais de vinte anos. Meus pais já faleceram. Mas a imagem ainda continua na minha frente. É a memória sagrada. Por ela, me lembro de minha mãe e de meu pai, que tiveram a experiência dolorosa com a bomba atômica de Nagasaki e suas consequências, e sempre rezavam o rosário, meditando

sobre a vida de Jesus.

Lembro-me da internação, do sofrimento, do desespero, do amadurecimento etc. Recentemente, após as andanças por Israel, a terra de Maria, José e Jesus, a imagem de Maria me suscita reflexões sobre o cotidiano dessa mulher e seu povo de Nazaré, Galileia,

mundo marcado pela violência, exploração, exclusão, miséria, doença e muita fome. E também reflexões sobre as mulheres mães de hoje e, especialmente, as mães, como Maria de Nazaré, que perderam os filhos e filhas nas diversas formas de violência e em tragédias, como, por exemplo, as mães dos 241 jovens mortos de Santa Maria, vítimas do descaso, da corrupção de valores e da impunidade.

As dores de inúmeras mães espalhadas no mundo suscitam a lembrança de Maria de Nazaré, uma judia da Galileia, Mãe de Jesus, morto por tentar abolir todo tipo de violência como a única expressão apropriada da fé no Deus da vida, presente no cotidiano da humanidade. O Brasil e o mundo serão muito melhores quando todos os devotos de Maria educarem as crianças para se tornarem pessoas sensíveis ao sofrimento de outros, e para sonhar com uma sociedade regida pela partilha, amor e justiça. ●

(Referências bibliográficas para os quatro artigos, p. 36)



“Felizes vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” (Lc 6,20)

Maria Antônia Marques
Shigeyuki Nakanose

Em resposta à dura realidade dos pobres e oprimidos, a comunidade de Lucas transmite e interpreta as mensagens de Jesus de Nazaré. Uma delas é o sermão da planície, que insiste no tema dos pobres, famintos e injustiçados, a quem o reino de Deus pertence. Anuncia não abstrações, mas a reversão dessa situação, fazendo um forte alerta à consciência cristã diante da divisão socioeconômica entre pobreza e riqueza.

Maria Antônia Marques, Assessora do Centro Bíblico Verbo e professora da Faculdade Dehoniana, em Taubaté, na Faculdade Católica de São José dos Campos, na Escola Dominicana e no ITESP, em São Paulo.

E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br

Shigeyuki Nakanose, Religioso verbita, padre, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no ITESP, na Faculdade Católica de São José dos Campos e na Faculdade Dehoniana, em Taubaté.

E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br

Enquanto policiais mandavam um grupo de sem-tetos esvaziar um prédio invadido na Avenida Ipiranga, Júlia, 7, só pensava em não deixar para trás todo o seu material escolar. Paula, a mãe, diz que a filha não queria perder a aula no dia seguinte. Fazia frio, e a lona da barraca não impedia o vento de entrar. Mesmo protegida por cobertores, a menina acordou com os lábios rachados pelo frio, e o corpo dolorido pela cama dura. “Tava muito frio, parecendo gelo”, disse. Depois do café da manhã (um copo de refrigerante e pão com manteiga), a mãe conseguiu que ela tomasse banho em outro prédio invadido na Ipiranga. Só que havia fila, e Paula e Júlia demoraram mais do que o planejado. Chegaram às 13h08 à escola. Os portões haviam fechado. Paula ainda insistiu com uma funcionária, que negou a entrada. Júlia teve que voltar para o acampamento.¹

¹ Da Redação, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31.07.2012, Caderno Cotidiano, p. 10.



A presença dos crucificados se faz realidade no meio de nós. Conhecemos quem são eles e elas? Depende de cada um. Depende da experiência do nosso cotidiano. Basta olhar ao nosso redor com mínima sensibilidade. Ou – para nós, cristãos – olhar com a fé no Cristo Jesus encarnado, crucificado e ressuscitado no meio das pessoas empobrecidas e crucificadas.

Muitos cristãos costumam ter compaixão e misericórdia pelos crucificados, e até refletem sobre a mudança de mentalidade: pensar mais no amor de Deus e voltar-se para ele. Porém, a verdadeira mudança deve atingir todas as dimensões da vida: os pensamentos, as relações humanas, sociais e econômicas. Deus se manifesta na totalidade da vida humana, pois a criatura humana é imagem e semelhança do Criador (Gn 1,26-27). Deve-se escutar o grito de corpos massacrados no cotidiano, e criar as condições favoráveis para eles.

No cotidiano das primeiras comunidades cristãs, como no cotidiano da maioria dos cristãos de hoje, sempre existiu o problema dos crucificados, os conflitos entre os privilegiados, os excluídos e o individualismo religioso. Destacamos, entre outras, a comunidade cristã de Lucas, que focaliza os fortes contrastes sociais entre os pobres e os ricos, por meio de seus textos exclusivos, como, por exemplo, a parábola do pobre Lázaro e do rico (Lc 16,19-21).

Em resposta à dura realidade dos pobres e oprimidos, a comunidade cristã de Lucas transmite, interpreta e aumenta as mensagens de Jesus de Nazaré. Uma delas é o sermão da planície (Lc 6,17-49), que se equipara ao sermão da montanha de Mateus (Mt 5-7). O sermão, sobretudo em Lc 6,20-26, insiste no tema dos pobres, famintos e injustiçados, a quem o reino de Deus pertence. Anuncia assim que suas situações se reverte-

rão. Para refletir sobre o tema dos contrastes sociais entre pobres e ricos e da sociedade justa e fraterna à luz de Lc 6,20-26, vamos conhecer a sociedade greco-romana na qual a comunidade de Lucas estava inserida:

1. Contrastes sociais entre pobres e ricos.

Na sociedade do primeiro século, havia duas categorias: os ricos e os pobres. Os ricos (entre 1 e 5% da população) eram aqueles que viviam em abundância sem necessidade de trabalhar para sobreviver. Os pobres, pelo contrário, eram todos os que não podiam

manter-se sem trabalhar fisicamente. Ou seja, “trabalhar com as próprias mãos”, diz Paulo. Nesse grupo estavam os agricultores, os comerciantes, os artesãos etc. Havia também os pobres – “indigentes” – que necessita-

vam mendigar para sobreviver.

No último patamar da categoria dos pobres estavam os escravos e as escravas, pessoas sem liberdade, sem direitos e sem dignidade humana e, em certos casos, sujeitos a abusos e espancamentos. De fato, na sociedade do tempo de Lucas existia um abismo descrito na história do pobre Lázaro: “Entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós” (Lc 16-26).

Por trás da sociedade greco-romana havia um mecanismo de explorar e manter esses pobres em condição de escravidão:

- 1 • Sociedade patronal: a elite monopolizava informações e usava em proveito próprio os recursos financeiros que o poder central disponibilizava para obras e ben-

“Por trás da sociedade greco-romana havia um mecanismo de explorar e manter esses pobres em condição de escravidão.”



feitorias, manobrando tudo a seu favor. Por exemplo, o imperador, como o grande protetor, beneficiava os administradores e as elites locais com doações de cargos, títulos de honra e títulos de terras. Dessa forma, criava laços de gratidão, submissão e dependência. Esse modelo de administrar era conhecido como patronato, modelo que abrange todas as relações sociais, desde o imperador até os estratos sociais mais pobres.

- 2 • Tributos: o Império, por meio de sua política patronal, sabia se beneficiar de todas as atividades econômicas: cobrava, com mão de ferro, taxas e impostos, o que levava pequenos comerciantes e produtores rurais à falência. Os ricos se mantinham, pois eram donos de latifúndios e estavam inseridos na “rede comercial” do sistema patronal. Isso fazia crescer, cada vez mais, a diferença entre ricos e pobres. “Alguns publicanos também vieram para ser batizados e disseram-lhe: ‘Mestre, que devemos fazer?’. Ele disse: ‘Não deveis exigir nada além do que vos foi prescrito’” (Lc 3,13). O texto exclusivo de Lucas descreve o abuso cotidiano da cobrança de tributo no império romano, empobrecendo a população.
- 3 • Exército: havia um poderoso exército para conquistar e sustentar o domínio do Império. Uma de suas funções era controlar o cotidiano da população, frequentemente cometendo abusos. “Os soldados, por sua vez, perguntavam: ‘E nós, que precisamos fazer?’. Disse-lhes: ‘A ninguém molesteis com extorsões; não denunciéis falsamente e contentai-vos com o vosso soldo’” (Lc 3,14). Esse texto, exclusivo do evangelho de Lucas, teria nascido da realidade de violência e de abuso do exército.
- 4 • Religião: outro recurso que o Império utilizava para expandir seu poder e manter o

controle social eram a religião: a divinização da imagem do imperador, exibindo-a em moedas, broches, taças, estátuas, altares e fóruns. Promovia cultos, sacrifícios, jogos, festas e festivais em datas significativas da vida do imperador, criando uma “aura” divina em torno de sua imagem.

- 5 • Religião oficial dos judeus: além de pagar os impostos civis, os judeus deviam honrar as leis e os tributos religiosos, como o dízimo. Quem não conseguia observar era considerado impuro e endemoninhado. Era excluído da bênção de Deus e do Reino de Deus. Após a destruição do templo, os pobres sofriam toda a carga das restrições legais da sinagoga.
- 6 • A sociedade greco-romana, marcada pela competição e ambição de riqueza, de poder e de honra, espoliava e excluía os pobres. A busca desenfreada por poder e a marginalização social dos pobres aconteciam também na convivência cristã. A discriminação contra os pobres atingia até o cerne da vivência cristã: a refeição comunitária em memória de Jesus.

A celebração era um dos momentos mais fortes da vivência comunitária. Um convite para experimentar a comunhão fraterna entre ricos e pobres, livres e escravos, judeus gentios, mulheres e homens. No entanto, muitas vezes isso não ocorria no interior das comunidades. “Quando, pois, vos reunis o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor; cada um se apressa por comer a sua própria ceia; e, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado”, assim afirma Paulo, condenando a divisão criada no momento da ceia (1Cor 11,20-21).

No mundo greco-romano, os cristãos pobres sofriam dentro e fora das comunidades. O evangelho de Lucas, provavelmente, foi dirigido a esse grupo sofrido e aflito da Ásia



menor e da Grécia. Ele discute e apresenta o caminho de Jesus como caminho que transforma a sociedade injusta e excludente em uma nova sociedade de fraternidade.

2. Felizes vós, os pobres, e ai de vós, ricos...

“Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Felizes vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes vós, que agora chorais, porque haveis de rir” (Lc 6,20-21).

A palavra “pobre”, no sentido original do termo bíblico *anawim*, encontra-se em Amós e Sofonias: “Porque vendem o justo por prata e o indigente por um par de sandálias. Eles esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos e tornam torto o caminho dos pobres” (Am 2,6-7). Os pobres são as pessoas empobrecidas, espoliadas e injustiçadas pelos ricos desejosos de riqueza. São as vítimas da sociedade exploradora e excludente.

Para esses pobres, Jesus diz que eles são os destinatários das bem-aventuranças, e que deles é o Reino de Deus. Porém, esse não é o reino de César nem dos ricos ambiciosos, mas o reino inaugurado por Jesus segundo a sua proclamação, na sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19; cf. Is 61,1-2).

A leitura do livro do profeta Isaías, episódio exclusivo do evangelho de Lucas, insiste no tema dos pobres e oprimidos que são li-

bertados no Reino de Deus, onde não há mais nem fome nem choro. É uma nova sociedade de justiça, amor, reconciliação e partilha do “ano da graça” (cf. Lv 25). Por isso, a bem-aventurança dos pobres não significa a exaltação de sua condição precária e sofrida, mas porque Jesus, como o Deus dos pobres no Antigo Testamento, convive e liberta os pobres: “Sim, pois ele não desprezou, não desdenhou a pobreza do pobre, nem lhe ocultou sua face, mas ouviu-o, quando a ele gritou. Os pobres comerão e ficarão saciados, louvarão a Iahweh aqueles que o buscam” (Sl 22, 25.27).

“A bem-aventurança dos pobres não significa a exaltação de sua condição precária e sofrida, mas sua libertação.”

A prática de Jesus era a da libertação dos pobres, e agora são os pobres que devem promover o Reino de Deus: “porque vosso é o Reino de Deus”. Eles são os sujeitos da construção da nova sociedade de justiça e solidariedade: “Procurai a Javé vós todos, os pobres da terra, que realizais a sua ordem. Procurai

a justiça, procurai a solidariedade, talvez sejais protegidos no dia da ira de Javé” (Sf 2,3). Nesse contexto, surge um desafio: o seguimento de Jesus é o caminho da cruz, está na contramão da sociedade dominada pelo Império Romano e seus colaboradores:

Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas (Lc 6,22-23).

A quarta bem-aventurança já se percebe bem no cântico do servo sofredor (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12): o servo, no sentido do povo sofrido do exílio na Babilô-



nia (Is 54,17), é chamado para o serviço da justiça, é perseguido, resiste até o fim e por isso é morto, mas Deus o acolhe e lhe dá a vitória. No cântico, Deus está com o servo e intervém a seu favor. É um cântico de esperança e de futuro presente.

A ação de Deus é agora a de Jesus. Ele está com os pobres perseguidos e lhes promete o Reino de Deus, que está em oposição ao reino organizado pelas relações humanas baseadas na injustiça, no poder e em privilégio. O Reino de Deus dado aos pobres então exige deles uma ação de comprometer-se com a construção da sociedade de relações humanas de justiça, serviço e comunhão. A ação dos pobres é para a libertação do reinado deste mundo do mesmo modo que os profetas, como Amós e Miqueias, trabalharam: “os seus pais tratavam os profetas”.

O anúncio da bem-aventurança, portanto, não significa simplesmente uma promessa do futuro: “os pobres vão descansar no céu”, nem: “esta terra é a terra de lágrima e de penitência para ganhar o céu”. O anúncio não se trata de uma predição abstrata, mas uma convocação urgente para a ação libertadora. E essa ação atinge e envolve os ricos, para quem Lucas dirige a advertência dos quatro “ais”:

Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação! Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome! Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas! Ai de vós, quando todos vos bendisseram, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas (Lc 6,24-26).

Primeiramente, os quatro “ais” são as maldições aos ricos, folgazões e ambiciosos da riqueza, que na acumulação espoliam os pobres. São contra o reinado de injustiça e de exclusão para o qual os falsos profetas propagam e contribuem. O mais importante, porém, é aplicar os quatro “ais” para os pobres

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há vinte e cinco anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia
Primeiro e Segundo Testamento

Mestrado

Estudos de temas específicos
Línguas do mundo bíblico
(hebraico e grego)

Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro
e Segundo Testamento
(um sábado por mês)

Especialização e Aperfeiçoamento
(semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Mais informações:

Rua Antônio das Chagas, 124
Bairro Chácara Santo Antônio
04714-002 – São Paulo/SP

Tel.: (11) 5181-7450

E-mail:

**contato@cbiblicoverbo.com.br ou
cbiblicoverbo@uol.com.br**

Nossa página:

www.cbiblicoverbo.com.br

Facebook: **Centro Bíblico Verbo**



também. Para eles, a maldição é uma advertência contra as seduções de riqueza e luxo sem limites, que os levam a se tornarem os protagonistas do mundo da injustiça.

A “bem-aventurança” não se trata então de uma predição abstrata ou de uma promessa salvífica, mas de um anúncio da transformação do mundo de acúmulo e injustiça, feita com a força de solidariedade e partilha dos seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré. É um forte alerta à consciência cristã diante da divisão socioeconômica entre pobreza e riqueza.

3. Catecismo para os pobres e os ricos

O evangelho de Lucas salienta a forte divisão socioeconômica entre pobres e ricos, o que fica evidente no acréscimo das quatro maldições aos ricos às bem-aventuranças dos pobres. Há nesse evangelho outros textos exclusivos, que advertem e convidam os pobres e os ricos a aderirem às bem-aventuranças: justiça, compaixão, solidariedade e partilha, características do reinado do Deus da vida. É Deus que vem ao encontro das pessoas que passam fome e padecem com tantos outros sofrimentos.

1 • “Seu nome é santo e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” (Lc 1,49-53). No cântico de Maria (o *Magnificat*), a comunidade lucana anuncia o projeto salvífico de Deus: des-

trona os ricos apegados às suas riquezas e aos seus poderes, enquanto os pobres, em suas práticas de solidariedade, são elevados e acolhidos por Deus. O cântico, como as bem-aventuranças (Lc 6,20-26), aponta para a subversão da ordem social.

2 • “E as multidões o interrogaram: ‘Que devemos fazer?’. Respondia-lhes: ‘Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo’” (Lc 3,10). A conversão, anunciada por João Batista, significa mudança de vida: romper com o comportamento e os valores do mundo, que no acúmulo e no luxo espoliam os pobres. É um convite radical e uma advertência para os ricos contra as seduções do “dinheiro”.

3 • “E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem o equivalente.

Muito pelo contrário, amais vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca. Será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, pois ele é bom para com os ingratos e com os maus” (Lc 6,34-35). Lc 6,27-38 é a continuação das quatro maldições aos ricos (Lc 6,24-26). Possivelmente, os destinatários deste trecho são os ricos, chamados a superar os valores da sociedade patrimonial: a doutrina e a teologia da retribuição. Eles devem amar “seus inimigos”, nome atribuído aos pobres, famintos, mendigos no mundo greco-romano daquele tempo.

“O anúncio da bem-aventurança não significa simplesmente uma promessa do futuro: ‘os pobres vão descansar no céu’, mas uma convocação urgente para a ação libertadora.”



4 • “E eu vos digo: fazei amigos com o Dinheiro da iniquidade, a fim de que, no dia em que faltar o dinheiro, estes vos recebam nas tendas eternas” (Lc 16,9-12). O termo “dinheiro” em grego se diz Mamon, deus das riquezas. O “Dinheiro” é iníquo enquanto fonte de riqueza acumulada de maneira injusta. Ou seja, acumular o dinheiro na mordomia e no luxo sem se preocupar com os necessitados. “Fazer amigos com o Dinheiro”, então, é uma prática oposta: partilhar as riquezas com os necessitados.

5 • “Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa’ [...] Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo’. Jesus lhe disse: ‘Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido’” (Lc 19,5.8-10). Zaqueu trabalha em Jericó, cidade situada no vale do Jordão, que se torna, por ter água abundante, uma parada obrigatória para os peregrinos a Jerusalém e os comerciantes para os países do sudeste. Nessa cidade, Zaqueu se enriquece por fiscalizar e cobrar impostos e, em muitas ocasiões, defraudar pagantes. Uma riqueza empregada assim é injusta. Ele se torna justo por manifestar sua conversão (receber Jesus), partilhar sua riqueza com os pobres e restituir a quem tenha defraudado. É reparar as injustiças pelas quais se enriqueceu. Na verdadeira conversão, os ricos são convidados a não acumular.

Com base nesses textos exclusivos do Evangelho de Lucas, percebe-se a dura realidade da divisão socioeconômica entre os po-



152 págs.

Jesus em nova perspectiva

James D. G. Gunn

Confira a tradição de Jesus em sua forma original como tradição oral. O impacto da fé, a natureza da comunicação oral e um foco sobre o Jesus “característico” destacam-se em um contexto de desvalorização da fé.



176 págs.

O evangelho social de Jesus O reino de Deus em perspectiva mediterrânea

Bruce J. Malina

Um instrumento sobre a proclamação a respeito de Deus. De maneira nova, agradável e não convencional, o autor critica e aponta os limites da leitura tradicional das Escrituras.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





bres e os ricos do mundo greco-romano da Ásia menor e da Grécia. Os textos desafiam e convidam os ricos e os pobres para fazer uma mudança radical: usar os bens em favor da vida e restabelecer as relações de justiça social. É um apelo de conversão desafiadora para todos e todas!

Como a história de Zaqueu, muito rico e chefe dos cobradores de impostos (Lc 19,1-10), a conversão também atinge o conceito da “salvação”, a “vida eterna”: Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,9-10). A salvação começa aqui neste mundo. O reino de Deus inaugurado pela prática de Jesus de Nazaré se enraíza na vida cotidiana: a partilha dos bens e as relações humanas, fraternas e justas das pessoas.

Segundo os evangelhos interpretados dentro do contexto socioeconômico, Jesus quer atingir e transformar as pessoas para que assim as estruturas injustas da sociedade possam ser transformadas. Os seus seguidores e seguidoras devem participar da vida eterna presente na prática da compaixão, solidariedade e justiça. Quem, por amor, segue Jesus Cristo, vive e participa na vida divina e eterna.

4. Uma palavra final

Mesmo acampada, Paula diz que incentivará a filha a ir à aula. “Queria dar continuidade, para ela aproveitar esse prazer que ela

tem.” A família não tem planos de sair tão cedo do acampamento, até porque não tem para onde ir. Desempregados, a mãe e o pai vivem com os R\$ 620 reais, do seguro-desemprego dela, o que não dá para pagar aluguel e se sustentar. Paula, auxiliar de cozinha, desempregada, concluiu o segundo grau. O so-

nhinho dela é que a filha faça curso superior. “Ela quer ser médica. Já tem o próprio sonho dela, vive dizendo: ‘Mãe, quando eu virar médica, vou te dar uma casa e um carro’”.

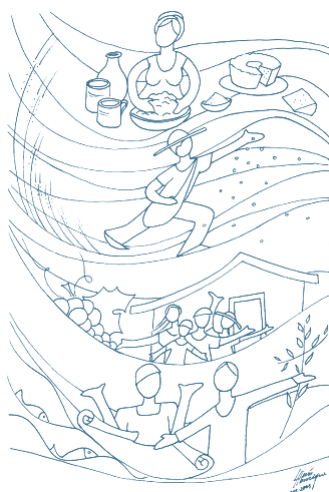
A “bem-aventurança” significa bem mais do que a mensagem evoca: uma esperança eterna após a morte. Ela se enraíza na vida concreta.

Todas as pessoas têm o direito a uma vida digna. Porém, na realidade de ontem e hoje, há muitos famintos, aflitos e perseguidos. Muitas Júlias, Paulas e outras.

Hoje, no Brasil, temos 60 milhões de pobres (outras fontes indicam “apenas” 30 milhões) e outros tantos milhões abaixo da linha de indigência. Por fim, o dado mais agravante: 1% da população concentra fortuna equivalente ao rendimento dos 50% mais pobres da população.

Uma pessoa pode ser feliz com a riqueza farta enquanto milhares de pessoas dormem com fome? Quem só pensa em si mesmo com a acumulação e luxo da sociedade consumista não colocará nenhuma pedra na construção do reino de Jesus Cristo. ●

(Referências bibliográficas para os quatro artigos, p. 36)



As parábolas em Lucas

Maria Antônia Marques

Os evangelhos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – apresentam um total de 40 parábolas, das quais 29 estão no evangelho de Lucas e 16 só aparecem nesse evangelho. São ensinamentos preciosos, sempre abertos a novas reflexões. Neste artigo são apresentadas algumas parábolas que só aparecem no evangelho de Lucas, buscando-se sua compreensão a partir do contexto das comunidades às quais foram dirigidas.

Contos, “causos” e parábolas são narrativas envolventes e sempre abertas a diferentes releituras. São ensinamentos extraídos da vida cotidiana. Cada pessoa, de acordo com a sua realidade, ouve a história e a aplica para a sua vida. As histórias sempre trazem uma lição de vida. No tempo de Jesus e das comunidades cristãs, era muito comum o ensinamento em parábolas. Ouçamos, com o coração, um antigo conto judaico:

Uma vez um judeu rico e religioso, mas avarento, foi visitado por um rabi. O visitante, com todas as atenções, levou-o à janela. “Olhe lá para fora”, disse ele. O rico olhou para a rua. “Que vê?”, perguntou o rabi. “Vejo homens, mulheres e crianças”, respondeu o rico. De novo e muito atenciosamente, o rabi levou-o até junto dum espelho. “Amigo, o que vê agora?” “Agora vejo-me a mim mesmo”, respondeu o rico. “Tome nota”, disse o rabi, “na janela há vidro e no espelho vidro há também, mas o vidro do espelho é prateado”. Uma lição se aprende: logo

Maria Antônia Marques, Assessora do Centro Bíblico Verbo e professora da Faculdade Dehoniana, em Taubaté, na Faculdade Católica de São José dos Campos, na Escola Dominicana e no ITESP, em São Paulo.
E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br



que o homem junta prata, ele deixa de ver os outros para só ver a si mesmo.¹

Uma história judaica muito antiga, mas que pode traduzir a realidade de muitas pessoas cristãs, que se fecham diante das necessidades de seus semelhantes. Esse problema vem de longe; desde o século I, ouvimos a seguinte advertência: “Se alguém possui riquezas neste mundo e vê o irmão passando necessidade, mas fecha o coração diante dele, como pode estar nele o amor de Deus?” (1Jo 3,17). Uma camada de prata pode nos levar ao fechamento, tornando-nos individualistas, distante de Deus, das pessoas e de nós mesmos. O conto judaico é antigo, mas muito atual!

Os evangelhos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – apresentam um total de quarenta parábolas, das quais vinte e nove estão no evangelho de Lucas e dezesseis só aparecem nesse evangelho. São ensinamentos preciosos, sempre abertos a novas reflexões.

O sentido literal da palavra parábolas é “lançar ao lado”. É uma história que conta outra história. As parábolas nascem da realidade cotidiana, de situações corriqueiras, mas sempre trazem um elemento que foge dos padrões normais. A mensagem é indireta e tem como objetivo causar impacto e quem a ouve é convidado a tomar uma posição.

Neste artigo, apresentaremos algumas parábolas que só aparecem no evangelho de Lucas, procurando compreendê-las a partir do contexto das comunidades às quais foram dirigidas. A maior parte das parábolas exclusivas desse evangelho está na parte central: na viagem de Jesus para Jerusalém (Lc 9,51-19,28). É nesse caminho que Jesus ensina seus discípulos as atitudes básicas do discipulado.

1 • “Quem se tornou próximo do homem ferido?” (Lc 10,25-37)

A parábola do samaritano é um ensinamento sobre o amor ao próximo. Um espe-

cialista em leis pergunta para Jesus: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). A resposta não é dada imediatamente, mas por meio de uma parábola que leva o ouvinte a refletir sobre o sentido do amor ao próximo, cujo caminho é o da compaixão e da misericórdia.

A história está ambientada no caminho entre Jerusalém e Jericó, estrada perigosa e apropriada para a ação dos ladrões. Nesse caminho, há um homem que foi roubado, espancado e deixado à beira do caminho, semi-morto. Um sacerdote e um levita passam pela mesma estrada. Eles são homens fiéis à Lei e prestam serviço no Templo. Os dois veem o homem caído, mas seguem adiante, fecham os olhos e o coração. O sacerdote e o levita não são pessoas ruins, ao contrário, eles são piedosos e seguidores da Lei (Lv 21,1-3).

Em seguida, passa um samaritano, ele viu o homem caído e moveu-se de compaixão (Lc 10,33). Essa história certamente causou espanto para uma audiência judaica, pois entre judeus e samaritanos há uma rixa antiga. Quando a Samaria, capital do reino do Norte, foi invadida pelos assírios, em 722 a.C., esse Império deportou as elites da cidade e levou para lá pessoas de cinco regiões diferentes: Babilônia, Kut, Avá, Hamat e Serfárvaim (2Rs 17,24).

Com o passar do tempo, esses colonos assírios foram se unindo com os israelitas, formando um novo povo: os samaritanos. A origem mista desse grupo e suas práticas religiosas eram motivo de desprezo e hostilidade da parte dos judeus fariseus. Com a promulgação da Lei, especialmente as leis referentes à pureza, houve vários desentendimentos entre judeus e samaritanos.

É justamente um excluído que é capaz de amar o próximo. Quem é esse homem ferido? Seria um judeu? O homem caído está desfigurado, sem identidade. Pouco importa saber quem ele é, pois a compaixão ultrapassa as barreiras étnicas, sociais, culturais e de gênero. É um sentimento que não se traduz com palavras, mas com gestos concretos de cuidado amoroso

¹ <<http://www.sfn.net.com.br/~walter.pacheco/avareza.htm>>: acesso em 25.03.2013.



com a vida ameaçada. Para viver a proposta cristã, é preciso ser sensível aos sofrimentos das pessoas que estão à beira do caminho.

Terminada a história, Jesus, dirigindo-se ao legista, pergunta: “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” (10,36). A questão mudou de perspectiva: não se trata de identificar quem é o próximo, mas como alguém se torna próximo do outro. O legista é obrigado a admitir que o próximo é aquele que usou de misericórdia com o homem ferido. O samaritano, um impuro, um fora da Lei, é capaz de se aproximar e de realizar a vontade

de Deus. Os dois homens religiosos e apegados à Lei não conseguem reconhecer qual é o projeto de Deus. A resposta de Jesus denuncia o legalismo religioso, que ignora o sofrimento das pessoas caídas à beira do caminho. Precisamos aprender a nos aproximar das pessoas com os olhos do coração. A comunidade cristã é chamada a revelar o rosto misericordioso de Deus e a sua presença nas realidades de sofrimento.

2 • “Pedi e vos será dado” (Lc 11,5-8; 18,1-8)

Duas parábolas sobre a necessidade de rezar sempre e nunca desistir:

A do *amigo importuno* e a do *juiz e da viúva*. A primeira descreve uma pessoa que incomoda o amigo no meio da noite (Lc 11,5-8). Apesar dos protestos, o amigo importunado acaba cedendo por causa da insistência de quem pede. A mesma lição contém a parábola da viúva que pede várias vezes até conseguir que um juiz injusto lhe faça justiça. Essa viúva é apresentada como modelo de perseverança na oração (Lc 18,1-8).

No Oriente, a hospitalidade é um costume sagrado, assim, era impossível pensar em alguém que se recusasse a prestar um favor a um

amigo, mesmo no meio da noite. É um fato do cotidiano que foi adaptado para reforçar a necessidade de rezar sempre. Reze de maneira confiante, pois se até mesmo um amigo atende às necessidades do outro, mesmo numa hora imprópria, muito mais o Pai do céu.

Na parábola da viúva, temos, de um lado, o juiz, alguém que dispõe de poder, e do outro, uma viúva, desprovida de poder. A parábola ressalta que a viúva não tem chance de conseguir o que reclama, mas por sua insistência ela alcança seus objetivos.

Diante do corre-corre e do ritmo acelerado que vivemos, acabamos nos distanciando da oração. Aos poucos, vamos perdendo nossa capacidade de fazer silêncio interior. Buscamos responder aos apelos de uma sociedade pautada pela lógica da competição, do lucro e do rendimento imediato. Nesse contexto, a oração se torna dispensável. É possível que essa fosse a realidade da comunidade lucana, por isso o autor insiste na atitude orante de Jesus, provocando as pessoas do século I a rezar e a viver com vigor a fé cristã. Um apelo atual e necessário para os tempos de hoje, pois a oração nos aproxima da Luz e nos ajuda a nos tornar mais humanos e solidários.

3 • “Descansa, come, bebe, festeja” (Lc 12,16-21)

“Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez, pois, mesmo na abundância, a vida de um homem não é assegurada por seus bens” (Lc 12,15). Essa advertência é exemplificada na parábola do rico insensato. O rico só se preocupa consigo mesmo: “Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita”; “Eis o que farei: demolirei meus celeiros, construir maiores e lá recolherei todo o meu trigo e os meus bens. E direi à minha alma” (Lc 12,17-19). Ele é o centro de tudo. Será que



tem sentido uma vida totalmente voltada para si mesmo? A riqueza não garante a vida de ninguém, pois a vida é um dom de Deus. O rico morreu sem desfrutar de seus bens. “Não te felicites pelo dia de amanhã, pois não sabes o que o hoje gerará” (Pr 27,1; cf. Eclo 11,19).

Em todo o Novo Testamento, a palavra *in-sensato* só aparece nesse texto (Lc 12,20). No Antigo Testamento, ela é usada para designar aquele que é autossuficiente e que se distancia de Deus (cf. Sl 14,1; 49,11; 92,7). Na parábola, o rico leva uma vida sem Deus, fechado em si mesmo. É uma história que faz pensar sobre o sentido da vida e a necessidade de nos abirmos para as pessoas e, conseqüentemente, para Deus.

4 • A figueira estéril (Lc 13,6-9)

A parábola da figueira estéril começa com o pedido do proprietário para que ela seja cortada. O vinhateiro intervém: “Senhor, deixa-a ainda este ano para que cave ao redor e coloque adubo. Depois, talvez, dê frutos... Caso contrário, tu a cortarás” (Lc 13,8-9). A parábola é uma referência à audiência judaica que não acolhe Jesus. A imagem da figueira estéril é aplicada às pessoas que vivem preocupadas com seu próprio bem-estar, descomprometidas e distantes do projeto de Deus. A paciência de Deus não tem limites e ele toma a iniciativa, dispensando cuidados amorosos para que os pecadores se convertam. Deus espera sempre! A pessoa cristã é chamada a enraizar sua vida em Cristo e esse caminho só é possível fazer seguindo seus passos, o que significa muitas vezes ficar na contramão da sociedade.

“A imagem da figueira estéril é aplicada às pessoas que vivem preocupadas com seu próprio bem-estar, descomprometidas e distantes do projeto de Deus.”

5 • “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita” (Lc 13,24-30)

“Senhor, é pequeno o número dos que se salvam”. Essa questão era debatida em vários grupos judaicos. Para alguns, a resposta é a totalidade do povo de Israel; para outros, especialmente os grupos apocalípticos, apenas alguns eleitos. Fugindo desse debate, Jesus exorta ao empenho pessoal (Lc 13,24). A salvação é um dom, mas exige o esforço humano.

Após a exortação, segue a parábola da porta estreita, composição própria de Lucas (Lc 13,25-29), tecida com a reunião de vários ditos de Jesus, que também se encontram no evangelho de Mateus, de forma separada. Eis as semelhanças: “porta estreita” (Lc 13,24; Mt 7,13); porta fechada e acesso recusado (Lc 13,25; Mt 25,10-12); protesto dos que ficaram de fora e nova rejeição (Lc 13,26-27; Mt 7,22-23); o sofrimento dos que ficaram de fora (Lc 13,28-29; Mt 8,11-12); “os últimos serão os primeiros” (Lc 13,30; Mt 20,16). É provável que Mateus e Lucas tiveram acesso a uma fonte comum.

A conversão é um tema frequente no evangelho de Lucas. Os que eram considerados excluídos serão incluídos: “Eles virão, do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e tomarão lugar à mesa no Reino de Deus” (Lc 13,29). Todos, estrangeiros e judeus, que se abrem à mensagem de Jesus participarão do Reino. A salvação é para todos os que se convertem, para as pessoas que se esforçam em viver o perdão, a compaixão, a misericórdia e que buscam o Reino de Deus e a sua justiça. Entrar pela porta estreita é seguir Jesus e trilhar os mesmos caminhos que ele andou.

6 • “A torre a construir” e “partir para a guerra” (Lc 14,28-32)

Lucas apresenta a parábola de um homem que começou a construir uma torre sem calcu-

1. Para maiores informações, ler *Vida Pastoral*, no 282, 2012, artigo “A Pastoral em Novas Perspectivas (IV): Perspectiva política de futuro na cosmovisão ecológica”.



lar e não pôde concluí-la, e a de um rei que não mediu as forças inimigas e teve que fazer uma negociação de paz forçada (Lc 14,28-32). Essas parábolas falam da necessidade de refletir antes de iniciar qualquer projeto. Mas o evangelho de Lucas as situou no contexto do seguimento de Jesus, exortando os discípulos à perseverança. O seguimento a Jesus não pode ser feito de maneira impensada, apenas como fruto de um entusiasmo passageiro.

Essas duas parábolas denunciam o erro básico de não saber as consequências de um projeto. “Quem não carrega a sua cruz e não vem após mim, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,27). Quem quiser ser discípulo de Jesus deve colocar-se totalmente a serviço do reino e ser capaz, se preciso for, de enfrentar rupturas com seus familiares. Em caso de perseguição ou outros conflitos, o engajamento do discípulo podia levá-lo a opor-se a seus familiares e até mesmo os esposos (1Cor 7,15). É preciso ser capaz de entregar a própria vida, estar apto para “carregar sua cruz”.

Após contar as parábolas, segue uma terceira exigência: “renunciar a tudo que possui” (Lc 14,33; 18,22). É preciso ser livre para assumir a proposta cristã. No final, Lucas ainda acrescenta um dito de Jesus: “Se até o sal se tornar inosso, com que se há de temperar? Não presta para a terra, nem é útil para o esterco: jogam-no fora” (Lc 14,34-35). Aquele que se coloca no seguimento de Jesus e não aceita as consequências é como o sal que perde seu sabor, não tem mais utilidade. As pessoas chamadas à vida cristã têm o compromisso de ser o sal que dá novo sabor à vida das pessoas.

7 • “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu.” (Lc 15,8-10; 11-32)

No capítulo 15, há três parábolas: a ovelha reencontrada (Lc 15,4-7), a moeda reencontrada (Lc 15,8-10) e o filho reencontrado (Lc 15,11-32). A primeira encontra-se também no evangelho de Mateus (Mt 18,12-14). As três pa-

rábolas precisam ser lidas como uma resposta aos vv. 1-2: “Todos os publicanos e pecadores aproximavam-se para ouvi-lo. Os fariseus e escribas, porém, murmuravam: ‘Esse homem recebe os pecadores e come com eles!’”.

A mulher procura por sua moeda perdida. Ela possui apenas dez moedas, portanto uma representa parte considerável de suas economias. É uma mulher pobre, por isso a sua busca é minuciosa. Ao encontrar a moeda, a mulher se alegra profundamente e partilha dessa alegria com suas amigas e vizinhas. O enfoque é colocado na alegria de reencontrar o objeto perdido. A alegria da mulher é comparada à alegria de Deus pela conversão de um só pecador.

A parábola do pai misericordioso é uma história que sempre nos inquieta e nos convida a refletir sobre as nossas atitudes.

Vejamos as atitudes das principais personagens:

a) O filho mais novo (Lc 15,11-20a): gasta seus bens levando uma *vida devassa* (Lc 15,13). Longe de casa e sem condições de sobreviver, o filho mais novo passa fome, procura emprego e começa a cuidar de porcos, animais considerados impuros (Lv 11,7). Para os judeus, cuidar de porcos é uma situação considerada humilhante e degradante! No fundo do poço, ele faz memória da casa do pai: “Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome!” (Lc 15,17). O filho mais novo “partiu e foi ao encontro de seu pai” (Lc 15,20). Ao pedir a herança e o direito de usá-la, o filho mais jovem rompe com o pai, com o irmão mais velho e com as pessoas do povoado. É uma atitude imperdoável.

b) O pai (Lc 15,15b-24): ao ver o filho mais novo voltar, o pai “encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos” (Lc 15,20b). O amor



do pai o faz abrir mão de sua dignidade pessoal: ele levanta a sua túnica e sai correndo ao encontro de seu filho mais novo. O pai não quer que seu filho seja rejeitado ou hostilizado pelas pessoas do povoado; com seus gestos de acolhida, mostra a todos que o filho está sob a sua proteção.

Quando o filho mais novo consegue falar e pedir perdão, o pai nem sequer o escuta direito, mas logo pede aos servos para que tragam a melhor túnica para o filho mais novo. A melhor vestimenta normalmente era destinada ao pai. O mais novo é acolhido como filho: “Ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés” (Lc 15,22). O pai vai além, manda preparar um banquete com o novilhinho cevado, animal reservado para as grandes festas. O pai não cabe em si de contente e quer festejar, “pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!” (Lc 15,24).

O pai também toma iniciativa e vai ao encontro do filho mais velho. Este reclama contra o pai por nunca lhe ter dado uma festa e ainda despreza seu irmão, referindo-se a ele com desprezo: “este teu filho” (Lc 15,30). O pai mantém sua relação paternal com o mais velho chamando-o de “filho” e ainda reafirma a irmandade com o mais novo: “esse teu irmão” (Lc 15,32).

c) *O filho mais velho* (Lc 15,25-28a): como sempre, o filho mais velho estava trabalhando no campo. Um filho fiel, responsável, cumpridor de seus deveres. Era um dia normal de trabalho, por isso, ao voltar do campo, ele não entende o que está acontecendo e ouve a seguinte explicação: “É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilhinho cevado, porque o recuperou com saúde” (Lc 15,27). Ele “ficou com muita raiva e não queria entrar” (Lc 15,28a).

Recusando-se a entrar na festa, o filho mais velho, que até agora tinha sido exemplar, ofende e desrespeita seu pai diante de todas as pessoas presentes e menospreza seu irmão. O filho mais velho não entendeu a lógica da casa: ele não se sente filho. Ele não é como o pai, que está sempre de braços abertos para acolher e perdoar. O convite para entrar e participar da festa continua... Nem todos entraram para participar da festa, alguns se converteram e entraram. Será que nós participaríamos da festa?

como o pai, que está sempre de braços abertos para acolher e perdoar. O convite para entrar e participar da festa continua... Nem todos entraram para participar da festa, alguns se converteram e entraram. Será que nós participaríamos da festa?

8 • O administrador

esperto (Lc 16,1-8): uma parábola construída a partir do cotidiano da administração de propriedades na Galileia ou na Transjordânia. Um rico dono de terras recebe uma denúncia contra um de seus administradores. Em geral, um administrador dispunha de total liberdade para cuidar da propriedade de um senhor. Normalmente, a recompensa pelo seu trabalho vinha dos empréstimos e da cobrança de altos juros.

Ao ser demitido, o administrador busca uma solução rápida para garantir o seu futuro. “Que farei, uma vez que meu senhor me retire a administração? Cavar? Não tenho força. Mendigar? Tenho vergonha... Já sei o que farei para que, uma vez afastado da administração, tenha quem me receba na própria casa”. O administrador só pensa em si mesmo, em achar uma forma de ficar bem, mesmo que seja à custa de seu senhor.

O administrador beneficia duas pessoas: uma que devia cem barris de óleo e outra

“A parábola do homem rico e de Lázaro é um grito contra a insensibilidade diante da realidade de sofrimento e de miséria de tantas pessoas.”



cem medidas de trigo, e propõe a redução das dívidas. Um novo registro das dívidas é providenciado por escrito. Que quantidades são essas? É difícil saber ao certo, estima-se algo em torno de 3.500 litros de óleo e 2.000 litros de trigo. Em todo caso, o administrador concede um abatimento muito generoso.

A estratégia do administrador é elogiada! Como? O senhor não louva a desonestidade do administrador, mas a sua astúcia e habilidade para encontrar uma saída para a sua situação: “Os filhos deste mundo são mais prudentes com sua geração do que os filhos da luz” (Lc 16,8). Da mesma forma que o administrador agiu com rapidez para sair de sua crise, os crentes deveriam reagir na ordem da fé. O acolhimento do Evangelho deveria mobilizar nossas energias para tornar presente o Reino de Deus.

9 • O homem rico e Lázaro (Lc 16,19-31)

Na parábola do homem rico e de Lázaro há duas partes, a primeira apresenta o contraste entre o rico e o pobre (Lc 16,19-23); a segunda, o diálogo entre o rico e o pai, Abraão (Lc 16,24-31).

A narrativa descreve o modo de vida de um homem rico e o de um pobre. O rico está revestido de púrpura e de linho fino, o que era próprio dos trajes reais, e cotidianamente se banqueteia; o pobre, ao contrário, está coberto de úlceras e passa fome. O rico permanece no anonimato e o pobre é chamado pelo nome Lázaro, cujo sentido pode ser “Deus socorre” ou “Deus ajuda”. O nome Lázaro resume a narrativa: o pobre desprezado nesta vida conta com a ajuda de Deus.

Por que o rico sofre num lugar de tormentos? Não há acusações morais contra o rico, ao contrário, ele é tratado de maneira terna: “filho” (Lc 16,25). O seu erro foi a falta de solidariedade e sua indiferença para com pobres: “Quando deres uma festa, chama os pobres, estropiados, coxos, cegos, feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos

justos” (Lc 14,13-14). O dinheiro do rico não tem utilidade na outra vida. Talvez o problema do rico seja o mau uso do dinheiro.

Diante da insistência do rico para que Lázaro seja enviado para avisar a seu pai e a seus irmãos, temos a seguinte resposta: “Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam” (Lc 16,29). A Lei e os profetas com frequência insistem no amor ao próximo, portanto é necessário acolher a Palavra e não ficar esperando uma intervenção miraculosa. Essa parábola é um grito contra a insensibilidade diante da realidade de sofrimento e de miséria de tantas pessoas.

10 • O fariseu e o publicano (Lc 18,9-14)

A parábola do fariseu e do publicano é contada para algumas pessoas que se achavam justas diante de Deus. O fariseu, homem piedoso e fiel à Lei, vai ao templo para rezar. A sua ação de graças é por todo o bem que ele próprio faz. Ele exalta a sua justiça e despreza a dos outros: “ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano” (Lc 18,11). A segurança do fariseu está no cumprimento da Lei.

De acordo com o evangelho, os fariseus jejuam e fazem orações (Lc 5,33), pagam o dízimo sobre todos os produtos que colhem (Lc 11,42) e se consideram justos diante de Deus (Lc 16,15). Esses elementos estão presentes na oração do fariseu no templo.

O publicano é desprezado pelos que se acham justos, mantém-se a distância e reza: “Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!”. Ele assume a sua condição de pecador e suplica o perdão de Deus (Lc 18,13). O pecado dos publicanos era o de exigir, em seu próprio proveito, mais impostos do que era prescrito: “Alguns publicanos também vieram para ser batizados e disseram-lhe: ‘Mestre, que devemos fazer?’. Ele disse: ‘Não deveis exigir nada além do que vos foi prescrito’” (Lc 3,12-13).

O fariseu, que se achava justo diante de Deus, voltou para casa não justificado. O pu-



blicano experimenta a misericórdia de Deus e volta justificado. “Todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 18,14; cf. 14,11).

O fariseu age de maneira errada em relação a Deus e às pessoas. Ele é autossuficiente e não há mais espaço para nada em sua vida. Essa atitude deve ser evitada pelos que se colocam no seguimento de Jesus. Ao contrário, o publicano reconhece a sua condição e se abre para acolher a graça de Deus. Muitas vezes nós podemos pensar que somos melhores do que outras pessoas ou grupos, esquecendo-nos de que a compaixão de Deus é para todas as pessoas.

O autor do evangelho de Lucas é mestre na arte de contar parábolas. A parábola tem o fascinante poder de atrair os ouvintes, levando-os a refletir a partir da vida. A identificação

é quase sempre imediata. As parábolas que aparecem exclusivamente no evangelho de Lucas são apelos para as comunidades retomarem a prática de Jesus. Essas parábolas foram contadas para as comunidades lucanas, mas também para nós: “Senhor, é para nós que estás contando essa parábola, ou para todos?” (Lc 12,41).

As parábolas recordam valores que devem ser prioritários na vida cristã: o amor ao próximo, o cuidado com os pobres e a oração. É preciso “entrar pela porta estreita”, sermos fiéis às exigências do Evangelho e abertos para acolher a graça de Deus em nossas vidas. É preciso reconhecer o Deus da gratuidade e se tornar semelhante a ele: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Que a leitura e a reflexão das parábolas possam produzir frutos de vida em nossas vidas! ●

Bibliografia

- ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1998.
- BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: O significado da virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos* (II). São Paulo: Loyola, 1978.
- GOURGUES, Michel. *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005.
- GRUPO DE DOMBES. *Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos: na história e na escritura controvérsia e conversão*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2005.
- HANSON, K. C.; OAKMAN, D. E. *Palestine in the Time of Jesus: Social Structures and Social Conflicts*. Minneapolis: Fortress Press, 1998.
- JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.
- SCHOTTROFF, Luise. *As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- TANNEHILL, Robert C. *Luke*. Nashville: Abingdon Press, 1996.
- YAMAGUTI, Masahiro. *O amanhecer do nascimento de Jesus: a história e o povo da Galileia*. Tokyo: Japanese Christian Church Publishing House, 2002.

Roteiros Homiléticos

Também na internet:
www.vidapastoral.com.br

Pe. Johan Konings, nascido na Bélgica, reside há muitos anos no Brasil, onde leciona desde 1972. É doutor em Teologia e licenciado em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina. Atualmente é professor de Exegese Bíblica na Faje, em Belo Horizonte. Entre outras obras, publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *A Palavra se fez livro*; *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis – anos A - B - C*; *Ser cristão*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*.
E-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br



Pe. Johan Konings, sj

22º domingo do tempo comum

1º de setembro

Modéstia e gratuidade

I. Introdução geral

As leituras de hoje insistem em virtudes fora de moda: mansidão e humildade (primeira leitura), modéstia e gratuidade (evangelho). Quanto à modéstia, Jesus usa um argumento da sabedoria popular, do bom senso: se alguém for sentar no primeiro lugar num banquete e um convidado mais digno chegar depois, o que escolheu o primeiro lugar terá de cedê-lo ao outro e contentar-se com qualquer lugarzinho que sobrar. Mas quem se coloca no último lugar só pode ser convidado para subir e ocupar um lugar mais próximo do anfitrião...

Como lema para o povo celebrante recordar, se for de classe humilde, pode servir a frase da primeira leitura: “O poder de Deus é exaltado pelos humildes”; ou, se o público for de classe média



calculista, a frase do evangelho: “Convida os pobres, porque não têm como te retribuir”.

II. Comentários de textos bíblicos

1. I leitura (Eclo 3,19-21.30-31)

A verdadeira modéstia de vida, tema da primeira leitura, não é a falsa modéstia de quem se gaba de ser humilde ou “se faz de burro para comer milho”. Consiste na consciência de que só Deus é poderoso e bom. O ser humano deve sempre recorrer a ele. Daí a atitude do sábio: segurança ante os poderosos, pois sua confiança está em Deus, e magnanimidade para com os fracos, pois pode contar com Deus.

2. Evangelho (Lc 14,1.7-14)

O evangelho nos ensina a modéstia e a gratuidade na perspectiva do reino de Deus. Lucas gosta de apresentar Jesus como viajante e hóspede: a comunhão de mesa é o lugar da amizade, e Jesus quer ser amigo. Mas amigo de verdade não esconde a verdade. Na casa de um fariseu, de modo surpreendente e, segundo os nossos critérios, um tanto indelicado, Jesus ensina algumas regras: 1) aos convidados, ensina a não procurar o primeiro lugar, para que o dono da casa possa apontar o lugar mais importante; 2) ao anfitrião, ensina a não convidar as pessoas de bem, mas os que não podem retribuir, pois só assim demonstramos gratuidade e magnanimidade. Em outros termos, Jesus ensina a saber receber de graça e a saber dar sem intenções calculistas. O sentido profundo dessa lição se revelará na Última Ceia (22,24-27), em que o anfitrião é o Servo, que dá até a própria vida.

Jesus é um desses hóspedes que não ficam réus de seus anfitriões. Já o mostrou a Marta (cf. Lc 10,38-42, 16º domingo); mostra-o também no evangelho de hoje. Olhemos o contexto da perícope. O anfitrião é um chefe dos fariseus. A casa está

cheia de seus correligionários, não muito bem-intencionados (14,2). Para começar, Jesus aborda o litigioso assunto do repouso sabático, defendendo uma opinião bastante liberal (14,3-6).

Depois (em 14,7, onde começa o texto de hoje) critica, com uma parábola, a atitude dos fariseus, que prezam ser publicamente honrados por sua virtude, também nos banquetes, onde gostam de ocupar os primeiros lugares (cf. Lc 11,43). Alguém que ocupa logo o primeiro lugar num banquete já não pode ser convidado pelo anfitrião para subir a um lugar melhor; só pode ser rebaixado se aparecer alguma pessoa mais importante. É melhor ocupar o último lugar, para poder receber o convite de subir mais. Alguém pode achar que isso é esperteza. Mas o que Jesus quer dizer é que, no reino de Deus, a gente deve-se adotar uma posição de receptividade, não de autossuficiência.

Segue-se outra lição, também relacionada com o banquete, porém dirigida ao anfitrião (um fariseu: cf. 14,1). Não se devem convidar os que podem convidar de volta, mas os que não têm condições para isso. Só assim nos mostraremos verdadeiros filhos do Pai, que nos deu tudo de graça. É claro que tal gratuidade pressupõe a atitude recomendada na parábola anterior: o saber receber.

Portanto, a mensagem do evangelho de hoje é: saber receber de graça (humildade) e saber dar de graça (gratuidade). Isso ficou ilustrado na primeira leitura, que sublinha a necessidade da humildade, oposta à autossuficiência.

3. II leitura (Hb 12,18-19.22-24a)

Deus se tornou manifesto e acessível em Cristo. A manifestação de Deus no Antigo Testamento (no Sinai) era inacessível (12,18-21). No Novo Testamento, verifica-se o contrário (12,22-24): agora vigora uma ordem melhor (9,10); a manifestação de Deus (em Cristo) é agora acessível, menos “terrível”, porém mais comprometedora. Não é por ser mais humana que ela seria menos divina. Pelo contrário! No homem Jesus,



Deus se torna presente. Essa nova e escatológica presença de Deus em Cristo é chamada, no texto, “monte Sião”, “cidade do Deus vivo”, “Jerusalém celeste”. E quem quiser ler alguns versículos além da perícopes de hoje encontrará a conclusão prática: não recusar a palavra do Cristo (12,25).

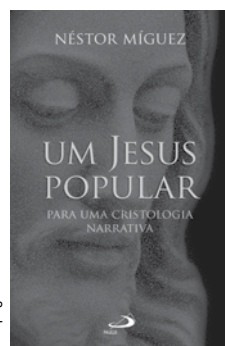
A segunda leitura não demonstra muito parentesco temático com a primeira e o evangelho. Contudo, complementa o tema da gratuidade, mostrando como Deus se tornou, gratuitamente, acessível para nós, em Jesus Cristo. O tom da leitura é de gratidão por esse mistério.

(Desejando uma leitura das cartas que se aproxime da primeira leitura e do evangelho, pode-se olhar para 1Pd 5,5b-7.10-11, sobre humildade e grandeza.)

III. Pistas para reflexão

Simplicidade e gratuidade: graça, gratidão e gratuidade são os três momentos do mistério da benevolência que nos une com Deus. Recebemos sua “graça”, sua amizade, seu bem-querer. Por isso nos mostramos agradecidos, conservando seu dom em íntima alegria, que abre nosso coração. E desse coração aberto mana generosa gratuidade, consciente de que “há mais felicidade em dar do que em receber” (cf. At 20,35). Isso não significa que a gente não pode se alegrar com aquilo que recebe. Significa que só atingirá a verdadeira felicidade quem souber dar gratuitamente. Quem só procura receber será um eterno frustrado.

A humildade não é a prudência do tímido ou do incapaz nem o medo de se expor, que não passa de egoísmo. A verdadeira humildade é a consciência de ser pequeno e ter de receber para poder comunicar. Humildade não é tacaanhice, mas o primeiro passo da magnanimidade. Quem é humilde não tem medo de ser generoso, pois é capaz de receber. Gostará de repartir, porque sabe receber; e de receber, para poder repartir. Repartirá, porém, não para chamar a atenção para si, como o orgulhoso que

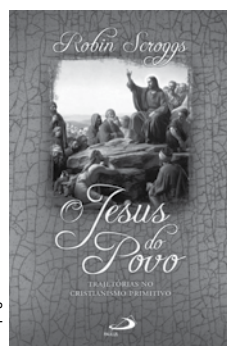


248 págs.

Um Jesus Popular

Néstor Míguez

A obra utiliza um estilo narrativo para retratar a vida de Jesus, nos aproximando mais do relato do que da erudição filosófica e resgatando os autores não nomeados dos textos bíblicos, os quais Jesus amou, curou e a quem devolveu dignidade e esperança.



304 págs.

O Jesus do povo

Trajetórias no Cristianismo Primitivo

Robin Scroggs

O autor distingue três concepções fundamentais da significância de Jesus: como Cosmocrator, como Filho do Homem apocalíptico e como Christos, correlacionando tais concepções às realidades e necessidades sociais de comunidades primitivas distintas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





distribui ricos presentes, e sim porque, agradecido, gosta de deixar seus irmãos participar dos dons que recebeu.

Podemos também focalizar o tema de hoje com uma lente sociológica. Torna-se relevante, então, a exortação ao convite gratuito. Jesus manda convidar pessoas bem diferentes das que geralmente são convidadas: em vez de amigos, irmãos, parentes e vizinhos ricos, convidem-se pobres, estropiados, coxos e cegos – ou seja, em vez do círculo costumeiro, os marginalizados. E na parábola seguinte no Evangelho de Lucas, a parábola do grande banquete, o “senhor” convida exatamente essas quatro categorias mencionadas (Lc 14,21).

O amor gratuito é imitação do amor de Deus. A autenticidade do amor gratuito se mede pela pouca importância dos beneficiados: crianças, inimigos, marginalizados, enfermos (cf. também Mt 25,31-46). Jesus não nos proíbe gostar de parentes e vizinhos; mas imitar realmente o amor gratuito (a *hésed* de Deus), a gente só o faz na “opção preferencial” pelos que são menos importantes.

A parábola daquele que ocupa o último lugar para ser convidado a subir mais faz pensar em quem “se faz de burro para comer milho”. Contudo, Jesus pensa em algo mais. É por isso que ele acrescenta outra parábola, para nos ensinar a fazer as coisas não por interesse egoísta, mas guiados pela gratuidade. Seremos felizes – diz Jesus – se convidarmos os que não podem retribuir, porque Deus mesmo será, então, nossa recompensa. Estaremos bem com ele por termos feito o bem aos seus filhos mais necessitados.

A gratuidade não é a indiferença do homem frio, que faz as coisas de graça porque não se importa com nada, pois isso é orgulho! Devemos ser gratuitos simplesmente porque os nossos “convidados” são pobres e sua indigência toca o nosso coração fraterno. O que lhes damos tem importância, tanto para eles como para nós. Tem valor. Recebemo-lo de Deus, com muito prazer. E repartimo-lo, porque o va-

lorizamos. Dar o que não tem valor não é partilha: é liquidação... Mas, quando damos de graça aquilo que, com gratidão, recebemos como dom de Deus, estamos repartindo o seu amor.

Tal gratuidade é muito importante na transformação de que a sociedade está necessitando. Não apenas “fazer o bem sem olhar para quem” *individualmente*, mas também *social e coletivamente*: contribuir para as necessidades da comunidade, sem desejar destaque ou reconhecimento especial; trabalhar e lutar por estruturas mais justas, independentemente do proveito pessoal que isso nos vai trazer; praticar a justiça e o humanitarismo anônimos; ocupar-nos com os insignificantes e inúteis...

Concluindo, a lição de hoje tem dois aspectos: para nós mesmos, procurar a modéstia, ser simplesmente o que somos, para que a graça de Deus nos possa inundar e não encontre obstáculo em nosso orgulho. E para os outros sermos anfitriões generosos, que não esperam compensação, mas, sem considerações de retorno em dinheiro ou fama, oferecem generosamente suas dádivas a quem precisa.

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(8 de setembro)

A Sabedoria e o Reino

I. Introdução geral

O tema de hoje é a sabedoria evangélica. Esta não se deve confundir com a sabedoria do mundo, que, muitas vezes, é uma “safedoria”: calcular e safar-se... A sabedoria do evangelho é ponderar o nosso empenho pelo Reino de Deus. Não é uma posse segura, conquistada de uma vez para sempre. Até o sábio rei Salomão teve de pedi-la a Deus, mas ele a via muito em função do reinado dele. A nós cabe procurá-la em vista do reinado de Deus.



II. Comentários dos textos bíblicos

1. Leitura (Sb 9,13-19)

A 1ª leitura é uma parte da prece de Salomão pela sabedoria, dom indispensável de Deus para ser um bom rei.

O livro da Sabedoria é, na realidade, uma obra escrita por um judeu de língua grega, contemporâneo de Jesus. Foi posto sob o nome do grande rei Salomão, que tinha fama de sábio porque soube fazer julgamentos prudentes, construir o Templo e responder às perguntas da rainha do Sul (cf. 1Rs 3,1-18; 5,9-14; 8,22-61; 10,1-13 etc.). Sua sabedoria é o dom do discernimento e ponderação outorgado por Deus. Foi o que ele pediu a Deus (1Rs 3,9).

Também no livro da Sabedoria, Salomão pede esse dom e ensina a pedi-lo (9,1-19). O esforço de nossa inteligência, por si, não é o suficiente. As faíscas do Espírito de Deus não se deixam programar; devem ser recebidas como dádivas.

O mundo de hoje carece de sabedoria. Nem mesmo respeita suas próprias fontes de subsistência, sacrificando tudo à sustentação de obscuros poderes e lucros, com a cumplicidade de praticamente toda a sociedade, deixando-se envolver no jogo da competição e do consumo...

2. Evangelho (Lc 14,25-33)

O evangelho nos coloca numa nova realidade, que tem como marco zero a cruz de Cristo. Essa nova realidade exige também uma nova sabedoria. Muitos pretendem seguir Jesus, mas será que sabem que seu caminho conduz ao Gólgota? Daí as duras exigências formuladas por Jesus: abandonar a família, o sucesso, até a vida (Lc 14,25-27), e ponderar sobriamente sua força e disponibilidade (14,28-32). Em resumo: o discípulo deve largar tudo (14,33). Como isso se realiza na vida de cada um não é dito aqui. Ora, uma coisa é certa: Jesus não pede o impos-

sível, mas a gente deve preparar-se para tudo o que for possível.

A sabedoria ensina a dar a tudo seu devido lugar, a ponderar o que é mais e o que é menos importante. Isso pode conduzir a conclusões que, aos olhos de pessoas superficiais, parecem loucura. As exigências do seguimento de Jesus parecem loucura: “Odiar (= não preferir) pai e mãe, mulher, filhos, irmãos e irmãs” (14,26), por causa de Cristo e seu evangelho, não é isso uma loucura? Não. É a consequência da sabedoria cristã, da ponderação do investimento necessário para o Reino de Deus. Começar a construir a torre sem o necessário capital, isso é que é loucura, pois todo mundo ficará gozando da cara da gente porque não conseguiu concluir a obra! A alusão à torre de Babel, símbolo da vaidade e da confusão humana, é evidente. O homem sábio faz seu orçamento e decide quanto vai investir. No caso do cristão, o único orçamento adequado é o do investimento total, já que se trata do supremo bem, sem o qual os outros bens ficam sem valor.

A sabedoria cristã consiste em ousar optar radicalmente pelo valor fundamental, mesmo se isso exige uma escolha dolorosa contra pessoas muito queridas, realidade que se repetia diariamente na Igreja no tempo de Lucas. E observe-se que essas palavras foram dirigidas às “grandes multidões” que seguiam Jesus (14,25), não a monges e ascetas. Além disso, formam a sequência da exortação ao convite gratuito e da parábola do grande banquete, em que Jesus ensina a dar a preferência às pessoas “não gratificantes” em vez dos familiares e amigos (14,7-14; evangelho de domingo passado). Assim, “odiar” seus familiares pode referir-se, concretamente, a duas realidades: 1) num primeiro sentido, muito atual no tempo de Lucas: a perseguição, que obriga o cristão a preferir o Cristo acima dos laços de parentesco e até acima da própria vida (sentido primeiro); 2) num sentido mais geral, atual também hoje: a preferência (por causa do Evangelho) por categorias de pessoas pouco estimadas, excluídas, mesmo se isso



nos custa o afastamento de nossos círculos sociais preferidos.

Ouve-se, em nosso ambiente, muitas vezes, a observação de que é preciso ter “bom senso” em questões de justiça e direito, mas esse “bom senso”, geralmente, não significa outra coisa senão o medo, ou até a covardia. Quando é claro que o amor de Cristo está em jogo, a sabedoria cristã exige um investimento radical. Porém, radicalidade não é imprudência. É liberdade perante aquilo que nos pode desviar do que é importante. A sabedoria cristã nos ajuda a estabelecer as opções preferenciais certas. E depois, é preciso realizar na prática essas opções sabiamente feitas.

Quem acha que seguir Cristo é fundamental, deve fazê-lo, custe o que custar. Assim, o sábio cristão não é o sofista brilhante que explica tudo sem jamais se comprometer. É o homem que, ao mesmo tempo lúcido e convicto, investe tudo no que julga ser o sentido último da vida e da História, à luz da fé em Cristo Jesus. O sábio não é aquele que hesita quando se trata de saltar, mas aquele que salta; o que hesita é o que cai...

3. II leitura (Fm 9b-10.12-17)

A 2ª leitura não foi escolhida em função do tema principal, que determina a 1ª leitura e o evangelho, mas não destoa dele. A carta de Paulo a seu discípulo Filêmon gira em torno do incidente do escravo Onésimo. Este fugira de seu dono, Filêmon, para ficar cuidando de Paulo, aprisionado (provavelmente) em Éfeso, não muito longe de Colossas, a cidade de Filêmon. Agora Paulo manda-o de volta a Filêmon, não mais na qualidade de escravo (um escravo fugido poderia ser punido de morte), mas, como ele recebera o batismo, na qualidade de irmão, “filho” de Paulo, como era o próprio Filêmon (v. 10). Filêmon deve recebê-lo não mais como escravo, mas como irmão (v. 16).

No mundo escravocrata daquele tempo, o que Paulo propõe deve ter parecido loucura; porém, é a mais pura sabedoria cristã. Mesmo

se Paulo não pensava numa sociedade sem escravos, ele aboliu mentalmente a diferença entre senhor e escravo, judeu e grego, homem e mulher (cf. Gl 3,28), diante da perspectiva do encontro com Cristo na Parusia (cf. 1Cor 7,20-23). Espiritualmente falando, “em Cristo”, ambos, Onésimo e Filêmon, pertencem a uma nova realidade e são irmãos.

III. Pistas para reflexão

Os cristãos e as estruturas sociais: “Se Deus só serve para deixar tudo como está, não precisamos dele”, palavras de uma agente da educação popular. O Deus que é apenas o arquiteto do universo, mas fica impassível diante da injustiça dos habitantes de sua arquitetura, não tem relevância alguma. O cristianismo serve ou não para mudar as estruturas da sociedade?

São Paulo tinha um amigo, Filêmon. Este – como todos os ricos de seu tempo – tinha escravos, que eram como se fossem as máquinas de hoje. Um dos escravos, sabendo que Paulo tinha sido preso, fugiu do dono, Filêmon, para ajudar Paulo na prisão. Paulo o batizou (“o fez nascer para Cristo”). Depois, mandou-o de volta a Filêmon, recomendando que este o acolhesse não como escravo, mas como irmão. Mais: como se ele fosse o próprio Paulo!

Essa história é emocionante, mas nos deixa insatisfeitos. Por que Paulo não exigiu que o escravo fosse libertado, em vez de acolhido como irmão, continuando escravo? Aliás, a mesma pergunta surge ao ler outros textos do Novo Testamento (1Cor 7,21; 1Pd 2,18). Por que o Novo Testamento não condena a escravidão?

A humanidade leva tempo para tomar consciência de certas incoerências, e mais tempo ainda para encontrar-lhes remédio. A escravidão, naquele tempo, podia ser consequência de uma guerra perdida ou uma forma de compensar as dívidas contraídas. Imagine que se resolvesse desse jeito a dívida do Brasil! Seríamos todos vendidos (se já não é o caso...).



Na Antiguidade, a escravidão fazia parte da estrutura econômica. Na Idade Média, com os numerosos raptos praticados pelos piratas mouros, surgiram até ordens religiosas para resgatar os escravos e, se preciso, tomar o lugar deles. Apesar disso, ainda na Idade Moderna, a Igreja foi conivente com a escravidão dos negros. A consciência moral cresce devagar, e mudar alguma coisa nas estruturas é mais demorado ainda, porque depende da consciência e das possibilidades históricas. As estruturas manifestam lentamente, com clareza, a sua injustiça, e então levam séculos ainda para transformá-las.

Porém, a lição de Paulo nos ensina que, não obstante essa lentidão histórica, devemos viver desde já como irmãos, vivenciando um espírito novo que vai muito além das estruturas vigentes e que – como uma bomba-relógio – fará explodir, cedo ou tarde, a estrutura injusta. Novas formas de convivência social, voluntariados dos mais diversos tipos, organismos não governamentais, pastorais junto aos excluídos – a criatividade cristã inventa mil maneiras para viver já aquilo que as estruturas só irão assimilar muito depois.

Essa é uma forma da sabedoria do Reino, não para construir um templo ao modo de Salomão, mas o templo de pedras vivas, fundamentado em Cristo.

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM
15 de setembro

Um deus de perdão e reconciliação

I. Introdução geral

“Não quero a morte do pecador, e, sim, que ele se converta e viva.” Essas palavras de Ezequiel (18,23) formam o pano de fundo (deixado na penumbra) da liturgia de hoje (cf. Lc 15,32).

A origem da Bíblia Um guia para os perplexos

Lee Martin McDonald



264 págs.

Um ótimo trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e, por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





A leitura do livro do Êxodo mostra-nos um Deus que volta atrás do seu projeto de rejeitar Israel, e o evangelho apresenta as parábolas de Jesus a respeito de quem se perdeu e por Deus é reencontrado. Paulo entendia bem isso: na Primeira Carta a Timóteo descreve como, de perseguidor, ele foi, pela abundante graça de Deus, levado à vida em Cristo. Jesus veio para salvar os pecadores, e Paulo foi o principal deles. Com isso, tornou-se exemplo daquilo que ele mesmo pregou: a reconciliação.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (Ex 32,7-11.13-14)

O livro do Êxodo descreve como Moisés, logo depois da promulgação da Lei e da Aliança (Ex 10-24), permanece, durante quarenta dias, na montanha do Sinai, onde Deus lhe mostra o projeto do seu santuário e o encarrega de montá-lo no meio do povo (Ex 25-31). Ao descer da montanha, porém, encontra o povo em festa, adorando o bezerro de ouro, símbolo da fecundidade e objeto ritual das religiões dos povos pagãos. Essa festança é uma desistência da Aliança com o Deus único, que se manifestou no Sinai e elegeu Israel para ser seu povo-testemunha (Ex 32,1-6).

A reação de Deus é dura. Não quer mais esse povo (“teu povo”, diz ele a Moisés, 3,7). Moisés, porém, torna-se mediador e lembra a Deus suas promessas, como Abraão lhe lembrou sua justiça (cf. Gn 18,25). E Deus se deixa convencer: “O Senhor desistiu do mal com que havia ameaçado o seu povo” (Ex 32,14). Essa narração representa Deus de modo bastante humano (antropomorfismo): tanto a cólera de Deus quanto seu arrependimento são modos de significar que Deus não é indiferente, nem ao nosso pecado, nem à nossa prece. São maneiras humanas de falar de seu amor sem fim.

2. Evangelho (Lc 15,1-32)

O evangelho nos mostra Jesus em má companhia: “todos os publicanos e pecadores” (Lc 15,1). É um escândalo para os fariseus. Em duas parábolas menores, Jesus apresenta, então, uma imagem de Deus, descrevendo o pastor que só pensa na ovelha desgarrada, que está em perigo (15,3-7); ou a dona de casa, procurando adoidada uma moeda extraviada e ficando fora de si de alegria quando a reencontra (15,8-10). E depois conta a parábola do filho perdido e reencontrado – obra prima entre as parábolas de Jesus (15,11-32, na leitura longa, que evidentemente deve ser preferida à breve!).

Nessas parábolas, o pastor, a dona de casa, o pai de família parecem alegrar-se mais com o perdido que reencontraram do que com aquilo que não se perdeu: o rebanho a pastar, as moedas no pote, o filho que fica em casa trabalhando... Como entender isso? Será que a “opção preferencial” pelas ovelhas perdidas os leva a se esquecerem das que ficaram no rebanho? Pensar isso seria uma ideia bem mesquinha do carinho de Deus. Se o pai faz festa para o filho pródigo, é porque “aquele que estava morto voltou à vida”, e se não faz nada especial para o outro filho, que sempre está com ele, é porque o “estar sempre com ele” deve ser a mais profunda alegria (Lc 13,31-32). Olhando bem, porém, tem-se a impressão de que o filho mais velho optou por ficar com o pai apenas por comodismo (ou para ficar certo da herança). Se for assim, é ele que deve reconhecer seu afastamento interior e voltar ao pai; quem sabe se, então, o pai oferecerá um bom churrasco também para ele?

Reconhecemos no filho mais velho a figura do fariseu: tem as contas em dia, mas o coração longe de Deus. Não é tal a atitude dos que reclamam porque o padre anda nas favelas em busca de ovelhas perdidas em vez de rezar missas nos oratórios particulares ou ir a reuniões piedosas? Os que falam assim deveriam, felizes por ter Deus sempre diante dos olhos, ser solidários com a Igreja que busca os abandonados, em vez de se sentirem



abandonados. Esqueceram quanta atenção receberam? Não perceberam que o próprio fato de se sentirem perto de Deus é sua felicidade? Em vez de criticar a prioridade dada aos excluídos, deveriam ser os primeiros a estimular o reencontro deles, tornando-se “agentes da reconciliação”.

Deus tem razão: quem vai bem, siga à frente (cf. Ap 22,11). Mas aquele que está errado é que necessita de atenção. O médico não vem para os sãos, mas para os doentes (cf. Mc 2,17). Já o pensamento “elitista” diz: ocupa-te com os “bons”, os que rendem. Não percas teu tempo com os que não valem nada, deixa-os se perderem. Deixa-os viver na falta de higiene e na subnutrição. Expulsa o povinho de sua área e o “primitivo” de suas terras...

O pensamento de Deus não é assim. Ele sabe que rejeitar um só homem seria a mesma coisa que rejeitar a todos, pois o princípio é o mesmo. Por isso, deseja ansiosamente a volta de qualquer um, até o mínimo, o mais rebaixado, aquele que conviveu com os porcos (que horror, para os judeus!). Pois esse perdido é seu filho, mesmo se o próprio já não se acha digno de ser chamado assim. Deus não pode esquecer seu filho (Jr 31,20; Is 49,15). Nós gostamos de resolver os “casos difíceis” pela expulsão, a repressão (e vemos os frutos...). Deus opta pela reconciliação.

3. II leitura (1Tm 1,12-17)

Confirmando essa imagem de Deus, Paulo, na Primeira Carta a Timóteo, proclama que “encontrou misericórdia” (1Tm 1,13.16). Essa carta dirigida a Timóteo, que o acompanhou desde sua “segunda viagem” missionária (cf. At 16,1), é uma espécie de “testamento espiritual”. Inicia-se com o tema da vinda de Jesus ao mundo para salvar os pecadores. Paulo mesmo experimentou isso e, além disso, recebeu uma missão importante, pelo que exprime sua gratidão.

III. Pistas para reflexão

Opção preferencial pelos pecadores?

Certo dia, eu tive de interromper uma palestra ministrada a um grupo de padres porque não aceitavam que os pecadores convertidos serão tão bem-vindos no céu quanto os que se comportaram bem. Será que Deus é generoso demais para com os malandros que se convertem?

São Paulo diz com clareza: “Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro” (2ª leitura). A 1ª leitura de hoje nos ensina que Deus é capaz de mudar de ideia: quando o pecador se arrepende, Deus o reconcilia consigo. O evangelho (texto longo) nos mostra Deus como um pastor procurando a ovelha perdida, ou como um pai que espera a volta de seu filho vagabundo.

Nós achamos estranho Deus dar mais atenção a uma ovelha desgarrada do que a noventa e nove que permanecem no rebanho. Não será melhor que uma se perca do que o rebanho todo? Pois bem, foi exatamente isso que disse o sumo sacerdote Caifás para justificar o assassinato de Jesus. “É melhor que um morra pelo povo todo” (Jo 11,49-51)! Deus, porém, em relação ao pecador, não segue o raciocínio de Caifás. É mais parecido com um motorista que não se preocupa com aquilo que funciona bem, mas fica atento àquilo que parece estar com defeito. Os pensamentos de Deus não ficam parados nos bons; ele está mais preocupado com os extraviados. Faz “opção preferencial” pelos que mais necessitam, os que estão em perigo e, sobretudo, os que já caíram – pois para Deus nenhum mortal está perdido definitivamente. Quem caiu tem de ser recuperado. Essa é a preocupação de Deus. Com os bons, preocupam-se os seus semelhantes; para Deus, todos importam. Por isso ele se preocupa com quem é abandonado por todos. Ele não descansa enquanto uma ovelha estiver fora do rebanho. Ele não quer a morte do pecador, mas sua volta e sua vida (Ez 33,11).

E nós? Nós devemos assumir os interesses de Deus. A Igreja deve voltar-se com preferência para os pecadores, orientá-los com todos os recursos do carinho pastoral e mostrar-lhes o incomparável coração de pai de Deus. Quem se



considera justo, como o irmão do filho pródigo, não deve queixar-se desse modo de agir de Deus. Pois ser justo é estar em harmonia com Deus, receber dele o bem e a felicidade, estar realizado. Por que então criticar a generosidade de Deus para com o pecador convertido? O “justo” alegre-se com o pecador, aquele que realmente necessitava atenção, o morto que voltou à vida! Mas talvez muitos se comportem como justos, não por amor e alegria em união de coração com Deus, mas por medo... e então, frustrados porque Deus é bom, resmungam, como Jonas quando a cidade de Nínive se converteu (Jn 4,1-11). “Não é a justos que vim chamar, mas a pecadores” (Mc 2,17).

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM

22 de setembro

O bom uso das riquezas: desapego

I. Introdução geral

Num tempo de esbanjamento desbragado; num tempo em que se pretende resolver o desequilíbrio social estimulando o consumo de produtos que mais complicam que ajudam e, além disso, ameaçam o ambiente natural; num tempo de narcisismo alimentado pela insaciável febre de compras e pela alienação induzida pelas mídias individuais, alcançam-nos, oportunamente, as severas advertências do profeta-agricultor Amós e do profeta-carpinteiro Jesus a respeito das riquezas.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Am 8,4-7)

Amós denuncia a injustiça institucionalizada no reino do Norte (Israel). Sua atuação se

situa no momento em que já começava a declinar o “século do ouro” de Israel, no tempo de Jeroboão II (por volta de 750 a.C.). Faltavam poucos anos para o reino ser invadido, e o povo, deportado pelos assírios (722 a.C.). Entretanto, porém, reinava a riqueza injusta, fonte de opressão, uns poucos tendo tudo e quase todos tendo quase nada.

O pecado dos “poucos” não é contra tal ou tal mandamento; aliás, eles observam as festas religiosas – mas com que espírito (cf. Am 8,5)! Pecaminosa é sua atitude global, caricatura da justiça e misericórdia que Deus espera de seu povo. Assim, Amós 8,4-6 é uma censura eloquente, denunciando que os ricos se tornam sempre mais ricos e os pobres, sempre mais pobres. No v. 7 ressoa a ameaça do juízo.

2. Evangelho (Lc 16,1-13)

O evangelho parece ir na direção oposta da leitura do profeta Amós. Traz o texto conhecido como a “parábola do administrador desonesto”, na qual o dono da fazenda louva a ação pouco escrupulosa de seu administrador! É uma parábola que scandaliza, e é isso que Jesus quer, pois se contasse só coisas com que todo mundo está de acordo ninguém prestaria atenção! Ora, entenda-se bem: Jesus não propõe como modelo tudo o que esse administrador andou fazendo! Só quer ressaltar a sua “prudência” (= previdência), o resto não!

Jesus quer ensinar que a inteligência no uso dos bens deste mundo faz parte do Reino de Deus, em dois sentidos: 1) utilizá-los prevendo a crise (juízo); 2) utilizá-los para fazer amigos para a eternidade (caridade). Inteligente é quem sabe escolher de quem ele será amigo, enquanto ainda tem oportunidade.

Vejamos o texto de perto. Diante da iminente demissão por causa de má administração da fazenda, o administrador comete umas fraudes em favor dos devedores do patrão, para poder contar com o apoio deles na hora em que for posto para a rua. Será um



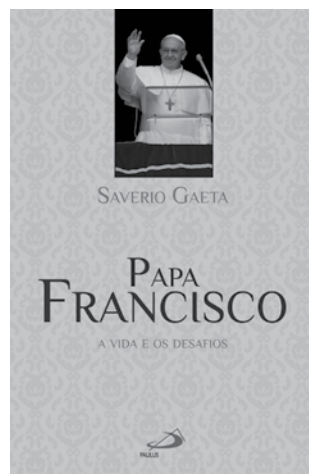
exemplo? Em certo sentido, sim: era um homem que enxergava mais longe que seu nariz. Porém, não o devemos imitar na sua injustiça, mas na sua providência. Não vem ao caso argumentar que os administradores costumavam definir pessoalmente sua “comissão” dos bens do patrão e que, portanto, esse administrador não foi propriamente injusto, mas apenas desistiu de sua comissão. Jesus mesmo o chama de administrador injusto (16,8). Mas mereceu elogios, até do patrão prejudicado, porque agiu com providência. Sabia – melhor que aquele fazendeiro estúpido descrito em Lc 12,16-21 – que sua posição era precária, e tomou providências. Sem esconder a imoralidade desse homem, Jesus observa que os “filhos das trevas” são geralmente mais espertos, nos seus negócios, que os filhos da luz. Ter consciência da precariedade das riquezas e utilizar as últimas chances para ganhar amigos para o futuro, eis o que Jesus quis ensinar.

O grande amigo que devemos ganhar para o futuro é Deus mesmo (“ser rico perante Deus”, Lc 12,21). Ganhamo-lo através dos pequenos amigos: seus filhos. A iminência do juízo (Lucas tomava isso bastante literalmente) nos deve levar à prática da caridade. Entenda-se bem: não se trata de fazer caridade para “comprar o céu”, mas para – com os olhos fitos na realidade definitiva que é Deus, Pai de bondade – transformar nossa vida numa prática que combine com ele. Já que sabemos o que é definitivo, ajamos em conformidade: sejamos misericordiosos como Deus é misericordioso (cf. Lc 6,35b-36).

O encontro com os amigos das “moradas eternas” inclui os coxos, cegos, estropiados, os pobres em geral, os que são convidados para o banquete eterno (cf. Lc 14,12-14.15-24). Temos amplas oportunidades de usar o “vil dinheiro” para conquistar esses amigos. Será que o dinheiro é vil? Não há dúvida. Não há um dólar que não seja manchado de opressão e exploração. Através dos bancos que investem

Papa Francisco **A vida e os desafios**

Saverio Gaeta



O livro narra as origens do Papa Francisco, sua história, seus pensamentos, e também apresenta um resumo dos principais desafios que o pontífice terá de enfrentar, dos escândalos à reforma da Cúria, do diálogo inter-religioso à nova evangelização.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





minha aplicação compulsória do Imposto de Renda, estou investindo em indústria bélica, em projetos que acabam com o meio ambiente e assim por diante...

O dinheiro participa do sistema que o gera. O fato de eu poder “comer como um padre” participa de uma estrutura em que muitos não podem fazer isso. Então, alimentado como um padre, devo pelo menos fazer tudo o que posso para que os outros possam alimentar-se assim também. Ou estar disposto a não mais comer como um padre, pois esta não é a realidade definitiva. A caridade, pelo contrário, é definitiva e não parece nunca (cf. 1Cor 13).

3. II leitura (1Tm 2,1-8)

A 2ª leitura, extraída da leitura contínua das cartas de Paulo, trata de um tema diferente das outras. Paulo continua a reflexão em torno do anúncio da reconciliação que ele deve proclamar entre os gentios (cf. domingo passado). Nesse espírito, insiste na oração da comunidade, oração de agradecimento e intercessão por todos os homens (cf. também 17º domingo comum). O foco está na *comunidade orante*, no culto da comunidade, que comporta aspectos de petição, de adoração, de intercessão e de ação de graças. Todos precisam suplicar e devem agradecer, pois Jesus salvou a todos, sendo mediador único, dado em resgate por nós. Essa é a verdade que salva. A comunidade está diante de Deus rezando e agradecendo por todos, elevando suas mãos, purificadas pela prática da caridade, como as mãos do Crucificado.

Nós devemos traduzir nossa busca de unidade e reconciliação no fato de tornar-nos mediadores de todos, assim como Cristo reconciliou a todos, tornando-se mediador, por sua morte salvadora. A última frase (2,8) pode servir de motivação para que a comunidade reze, por exemplo, o Pai-Nosso, com as mãos elevadas ao céu, “sem ira nem rancor”.

III. Pistas para reflexão

A riqueza bem utilizada: nesta e na próxima semana, a liturgia dominical está usando os textos de Amós como “aperitivo” para, depois, se alimentar com as palavras de Jesus. Hoje ouvimos na 1ª leitura uma crítica inflamada de Amós contra os que “compram os pobres por dinheiro”. Mas, no evangelho, Jesus conta uma parábola que parece louvar o suborno que um administrador de fazenda comete para “comprar” amigos para o dia em que ele for despedido do seu serviço. Admiramos que Jesus escolheu esse exemplo para explicar que ninguém pode servir a dois senhores: Deus e o dinheiro.

Ninguém pode servir a Deus e ao dinheiro (cf. Lc 16,13). Há pessoas que observam as prescrições do culto, mas interiormente estão longe de Deus (cf. Is 29,13). Observam o sábado e a “lua nova” – festa religiosa tradicional no antigo Israel –, mas interiormente pensam em como explorar, logo depois, os pobres e os oprimidos com uma avareza sem fim: convertem em lucro até o refugio do trigo (Am 8,6; 1ª leitura). Para nada servem seus cultos e orações: Deus não os esquecerá (Am 8,7)! E, quanto aos oprimidos, Deus os levantará (salmo responsorial). As palavras de Amós nos advertem a respeito do vazio da riqueza procurada por si mesma. A riqueza não apenas não nos acompanha (cf. Lc 13,16-21), ela pode tornar-se causa de nossa condenação. Que dizer, então, de uma sociedade que coloca tudo a serviço do lucro?

Aí está a fineza de Jesus. Mostra que nem mesmo um administrador inescrupuloso almeja somente o dinheiro. Esse “filho das trevas” é previdente, larga peixe pequeno para apanhar grande. Diminui o débito dos devedores para lograr a amizade das pessoas, que vai lhe ser muito mais útil que o dinheiro.

A lição para nós é: dar preferência àquilo que combina com Deus e o seu projeto, acima da riqueza material. E o projeto de Deus é: justiça e amor para com os seus filhos, em primeiro lugar os pobres.



A riqueza de nossa sociedade deve ser usada para estarmos bem com os pobres. A riqueza é passageira. Se vivermos em função dela, estaremos algum dia com a calça na mão. Mas se a tivermos investido num projeto de justiça e fraternidade para com os mais pobres, teremos ganho a amizade deles e de Deus, para sempre.

Observe-se que Jesus declara o dinheiro injusto – todo e qualquer dinheiro. Pois, de fato, o dinheiro é o suor do operário acumulado nas mãos daqueles que se enriquecem com o trabalho dele. Todo o dinheiro tem cheiro de exploração, de capital não invertido em bens para os que trabalham. Mas já que a sociedade, por enquanto, funciona com este recurso injusto, pelo menos usemo-lo para a única coisa que supera a caducidade de todo esse sistema: o amor e a fraternidade para com os outros filhos de Deus, especialmente os mais deserdados e explorados. Assim corresponderemos à nossa vocação de filhos de Deus. Não serviremos ao dinheiro, mas o usaremos para servir ao único Senhor.

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM
29 de setembro

Coitado, só tem dinheiro!

I. Introdução geral

As leituras do 26º domingo comum dificilmente deixarão insensível o coração do verdadeiro cristão. Trazem uma contundente crítica à ganância, que, esta sim, torna insensíveis as pessoas. As leituras de hoje trazem um forte chamamento à conversão à solidariedade e à justiça social para a transformação de uma realidade injusta e iníqua, segundo a vontade de Deus. Essa necessidade de conversão não é apenas para os ricos, mas também para os pobres que têm coração e mentalidade de ricos e para



Eu, Francisco

Carlos Carretto

O autor transforma o livro numa autobiografia de São Francisco de Assis, por meio de um recurso literário extremamente eficaz para expressar os sentimentos e o estado de espírito do santo.



DVD São Francisco

Michele Soavi

São Francisco é o filme mais completo sobre a vida e os feitos do Santo de Assis, um dos maiores nomes do cristianismo. Essa superprodução conta a trajetória de São Francisco desde sua juventude até seus últimos dias como líder da Ordem Franciscana.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



todos os que não abrem os olhos para a realidade social injusta.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Am 6,1a.4-7)

Mais uma vez (como no domingo passado) Amós, mestre da ironia profética (veja as “vacas de Basã”, Am 4,1), critica a “sociedade de consumo” de Samaria e de Jerusalém (Sião). Os ricos, especialmente os da corte real, aproveitam a vida sem se importar com a “casa de José”, ou seja, com a ruína do povo. A “casa de José” são as tribos de Efraim e Manassés, filhos de José do Egito, que constituíram o reino do Norte (Samaria). José, porém, distribuía alimentos ao povo, enquanto os donos de Samaria tiravam o pão do povo. Por isso, essa elite tem que ir ao cativeiro, para aprender o que é a justiça e o direito.

Na leitura da semana passada, Amós revelava a ambiguidade dos ricos comerciantes da Samaria. Hoje, censura-lhes a irresponsabilidade. Denuncia o luxo e a luxúria das classes dominantes. Evoca ironicamente a gloriosa história antiga: os ricos, porque têm uma cítara para tocar, acham que são cantores como Davi... enquanto o povo é ameaçado pela catástrofe da injustiça social e da invasão assíria. Por isso, esses ricos sairão ao exílio na frente dos deportados...

2. Evangelho (Lc 16,19-31)

A insensibilidade pelo sofrimento do pobre é também o tema da leitura evangélica deste domingo, a parábola do rico e do pobre Lázaro, Lc 16,19-31. Nesta parábola, própria de Lucas, o narrador acentua o perigo da riqueza. Mostra a insensibilidade de quem vendeu sua alma em troca de riqueza – quem é tão pobre que só possui dinheiro!

A descrição do pobre e de sua contrapartida, o rico, é extremamente viva. As sobras da

mesa do rico não vão para o pobre, mas para o cachorro. Parece que é hoje. Significativo é que Lázaro tem nome, e seu nome quer dizer: Deus ajuda. O rico não tem nome, é ignominioso. Quando então sobrevém a morte, igual para ambos, o quadro se inverte. Lázaro vai para “o seio de Abraão” (é acolhido por Abraão no lugar de honra do banquete, podendo reclinar-se sobre seu lado). O rico, entretanto, vai para o xeol, a região dos mortos, onde passa por tormentos. Há entre os dois um abismo intransponível, de modo que Lázaro não poderia nem dar ao rico um pouco de água na ponta do dedo para aliviar-lhe o calor infernal. Na realidade, esse abismo já existia antes da morte – o abismo entre ricos e pobres –, mas com a morte tornou-se intransponível, definitivo. Então, o rico pede que Lázaro possa avisar seus irmãos, que vivem do mesmo jeito como ele viveu. Mas Abraão responde: “Eles têm Moisés e os profetas. Nem mesmo se alguém ressuscitasse dos mortos, não acreditariam nele”: alusão a Cristo.

Dureza, isolamento, incredulidade: eis as consequências do viver para o dinheiro. Podemos verificar esse diagnóstico ao redor de nós, cada dia, e, provavelmente, também em nós mesmos. A pessoa só tem um coração; se o coração se afeiçoa ao dinheiro, fecha-se ao irmão.

Os ricos são infelizes porque se rodeiam de bens como de uma fortaleza. É a impressão que suscitam hoje os condomínios fechados. São “incomunicáveis”. As pessoas vivem defendendo-se a si e a suas riquezas. Os pobres não têm nada a perder. Por isso, “as mãos mais pobres são as que mais se abrem para tudo dar”.

Em nosso mundo de competição, a riqueza transforma as pessoas em concorrentes. A riqueza é vista não como “gerência” daquilo que deve servir para todos, mas como conquista e expressão de *status*. Tal atitude marca a riqueza financeira (capitalização sem distribuição), a riqueza cultural (saber não para servir, mas para sobrepujar) e a riqueza afetiva (possessividade, sem verdadeira comunhão). Considera-se a riqueza recebida como posse em vez de “econo-



mia” (palavra grega que significa: gerência da casa). Não se imagina o tamanho deste mal numa sociedade que proclamou o lucro e a competição como seus dinamismos fundamentais. Até a afetividade transforma-se em posse. As pessoas não se sentem satisfeitas enquanto não possuem o objeto de seu desejo, e, quando o possuem, não sabem o que fazer com ele, passando a desejar outro... Não sabem entrar em comunhão. Assim, a parábola de hoje é um comentário do “ai de vós, ricos” (Lc 6,24).

3. II leitura (1Tm 6,11-16)

A 2ª leitura de hoje não participa da temática principal da 1ª leitura e do evangelho, mas completa-a, no sentido de apresentar o contrário da dureza e avareza.

Imediatamente antes do trecho de hoje, a primeira Carta a Timóteo fala da avareza, que chega a abalar a fé (6,10). Também os ministros da Igreja devem pôr-se em guarda contra ela. Depois, positivamente, exorta Timóteo a cultivar as boas virtudes (6,11-12), a ser fiel à profissão da fé (6,12.13), confiada a ele por Cristo, até sua volta (6,14.15-16). A Igreja está no tempo do crescimento; deve conservar o que lhe é confiado.

O testemunho de Cristo neste mundo não é nada pacífico. É uma luta: o *bom* combate. Importa travar esta luta – como o fez Paulo – até o fim, para que vivamos para sempre com aquele que possui o fim da História. (Poder-se-iam acrescentar à leitura os versículos que seguem, 1Tm 6,17-19, e que são uma lição do que o cristão deve fazer com seus bens.)

III. Pistas para reflexão

A riqueza que endurece: ouvimos as censuras de Amós contra os ricos da Samaria, endurecidos no seu luxo e insensíveis ao estado lamentável em que se encontra o povo. Jesus, no evangelho, descreve esse tipo de comporta-

mento na inesquecível pintura do rico e seus irmãos, que vivem banquetecendo-se, enquanto desprezam o pobre Lázaro, mendigo sentado à porta. Quando morre e vai ao xeol, o rico vê, de longe, Lázaro no céu, com o pai Abraão e todos os justos. Pede a Lázaro que venha com uma gota d’água aliviar sua sede. Mas é impossível. O rico não pode fazer mais nada, nem sequer consegue que Deus mande Lázaro avisar seus irmãos a respeito de seu erro. Pois, diz Deus, nem mandando alguém dentre os mortos eles não acreditarão. Imagine, se mesmo a mensagem de Jesus ressuscitado não encontra ouvido!

E nós? Nós continuamos como o rico e seus irmãos. Os pobres morrem às nossas portas, onde despejamos montes de comida inutilizada... (Alguma prefeitura poderia talvez organizar a distribuição das sobras dos restaurantes para os pobres.) Será que devemos criar uma nova estrutura na sociedade, de modo que não haja mais necessidade de mendigar nem supérfluos a despejar? Isso certamente aliviaria, ao mesmo tempo, o problema social e o problema ecológico, pois o meio ambiente não precisaria mais acolher os nossos supérfluos. Mas, ao contrário, cada dia produzimos mais lixo e mais mendigos.

O exemplo do rico confirma a mensagem de domingo passado: não é possível servir a Deus e ao dinheiro. Quem opta pelo dinheiro afasta-se de Deus, de seu plano e de seus filhos. Talvez decisivamente.

Em teoria, aceitamos essa lição. Mas ficamos por demais no nível pessoal e interior. Procuramos ter a alma limpa do apego ao dinheiro e, se nem sempre o conseguimos, consideramos isso uma fraqueza que Deus há de perdoar. Mas não fazemos a opção por Deus e pelos pobres em nível estrutural, ou seja, na organização de nossa sociedade, de nosso sistema comercial etc. Temos até raiva de quem quer mudar a ordem de nossa sociedade. Prendemo-nos ao sistema que produz os milhões de lázaros às nossas portas. Pior para nós, que não teremos realizado a justiça, enquanto eles estarão na paz de Deus.



A “lição do pobre Lázaro” só produzirá seu efeito em nós, “cristãos de bem”, se metermos a mão na massa para mudar as estruturas econômicas, políticas e sociais de nossa sociedade. Porém, que adiantariam novas estruturas se também não se renovassem os corações? Quem conhece a história sabe que nenhuma estrutura social ou econômica é definitiva, porque é fruto do trabalho humano, que é sempre provisório. As estruturas mais justas não dispensam a sensibilidade por aquele que sofre, e é assumindo nossa responsabilidade diante do sofrimento de cada um, na dedicação ao amor fraterno, que cuidaremos também de tornar mais fraternas as próprias estruturas da sociedade.

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM

6 de outubro

A Soberania de Deus e nossa fidelidade

I. Introdução geral

O tema da liturgia de hoje é: fé e fidelidade. O termo bíblico – *emuná* em hebraico, *pistis* em grego, *fides* em latim – tem esses dois sentidos. Ora, a base de nossa fidelidade está na firmeza inabalável e soberana de Deus. Se dizemos que nossa fé nos salva, isso não é por causa da nossa qualidade, mas porque nossa fé nos une a Deus, que nos salva. Fé é adesão firme a Deus, que é fiel. É a total entrega ao seu desígnio, que muitas vezes supera nossa compreensão imediata, mas, em última instância, nos confirma na salvação. No Antigo Testamento, por exemplo, na 1ª leitura de hoje, a fé é a adesão em autenticidade e lealdade a Deus; no Novo Testamento, trata-se da adesão a Jesus Cristo, que nos une a Deus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. II leitura (Hab 1,2-3; 2,2-4)

Habacuc 1,2-2,4 é um diálogo entre Deus e o profeta. Diante da desordem que reina em Judá, nos últimos anos antes do exílio, Habacuc grita a Deus com impaciência, quase com desespero. Deus, porém, anuncia que tratará o mal da infidelidade com um remédio mais tremendo ainda: os babilônios. Quando Habacuc reclama contra essa solução – na leitura deste domingo –, Deus responde: “Eu sei o que faço; não preciso prestar contas; mas os justos se salvarão por sua fidelidade” (2,2-4). O profeta se queixa, porque a impiedade está vencendo, porque o direito e o próprio justo são pisados ao pé. Deus, porém, não precisa prestar contas para o ser humano. Este é que lhe deve obediência, também nas horas difíceis: é a “fé/fidelidade” que faz viver o justo (2,4).

2. Evangelho (Lc 17,5-10)

O evangelho começa com a prece dos apóstolos: “Senhor, aumenta nossa fé!”. Às vezes precisa-se de muita fé para acolher a palavra de Jesus, pois o evangelho não é tão evidentemente gratificante. Daí os discípulos dizerem: “Dá-nos mais fé!”.

A resposta de Jesus é uma admoestação para que tenham fé que transporta montanhas! Jesus fala aqui no estilo hiperbólico, exagerado, dos orientais, mas não deixa de ser verdade que quem se entrega em confiança a Deus em Jesus Cristo faz coisas que outros não fazem e que o próprio crente não se julga capaz de fazer.

Somos como peões de fazenda, que, depois de terem executado seu longo e cansativo serviço, não podem reclamar, pois apenas cumpriram seu dever (cf. 1Cor 9,16). Assim como, em Habacuc, Deus não presta contas ao profeta, o “dono” na parábola do evangelho não precisa prestar contas a seus servos. Depois da longa



jornada dos servos no campo, ele pede que lhe preparem a comida e a sirvam, sem reclamar. Fizeram somente seu dever. Claro que Jesus não está justificando esse modo de agir do dono; apenas usa uma cena cotidiana de seu tempo para expressar que Deus não precisa prestar contas: quando o servimos, fazemos apenas o que devemos fazer.

Nossa mentalidade atual não aceita isso facilmente. Em nossa sociedade, a mínima prestação de serviço exige uma gratificação específica. Ainda que, muitas vezes, a gratificação não valha o serviço, essa mentalidade exclui todo o espírito do “simples serviço”. Até as prefeituras e governos estaduais fazem propaganda com as obras que nada mais são que a execução de seu dever! Ora, no Reino de Deus, o que conta é o espírito de participação. Faz-se o que o Reino exige, sem cobrar nada extra. A recompensa existe no participar, como Paulo diz a respeito de anunciar o evangelho gratuitamente (1Cor 9,16). Ao interpretar a parábola de Jesus, devemos pôr entre parênteses os traços paternalistas da cena que ele evoca. O que ele quer mostrar é que participamos no projeto de Deus, não em função de uma compensação extra, mas porque é a obra de Deus. O próprio Deus é nossa recompensa, e a realização de seu amor supera qualquer recompensa extra que poderíamos imaginar.

3. II leitura (2Tm 1,6-8.13-14)

A 2ª leitura é tomada do início da Segunda Carta a Timóteo. Esta carta impressiona-nos por seu estilo vivo – uma fotografia em alta definição do Apóstolo no fim de seus dias. É seu testamento espiritual. No trecho de hoje, Paulo exorta seu amigo Timóteo a manter a plena fidelidade ao Senhor. Pois também o ministro da fé deve firmar-se na fidelidade, para poder confirmar os seus irmãos na fé.

Em Romanos 1,16, Paulo escreveu que não se envergonhava por causa do Evangelho. A Segunda Carta a Timóteo repete a mesma afirmação, para exortar os pastores que o sucedem, a

Novo Testamento e vida consagrada

Giacomo Perego



Estudo que nasceu da pesquisa que acompanha o curso “Novo Testamento e Vida Consagrada”, que, em anos alternados, ministra-se no Instituto de Vida Consagrada “Claretianum”, da Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma, com o objetivo de oferecer uma primeira introdução aos temas e aos textos neotestamentários que sempre iluminaram a vida religiosa.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





fim de que se lembrem de estar servindo ao Cristo aniquilado. Nas cidades do “mundo civilizado” de então, o cristianismo era ridicularizado e perseguido. Por isso, Paulo exorta seu discípulo a não se envergonhar e a guardar a doutrina sadia que dele recebeu (contra as fantasias gnósticas e outras que se introduziram no cristianismo primitivo). Exorta-o a guardar o “bom depósito”, ou seja, o bem nele depositado, a ele confiado (1,14). Esse “bom depósito” é a plena verdade do Evangelho. Repleto dela, o discípulo poderá distribuí-la aos outros, pois o cristão é responsável não só por sua própria fé, mas também pela fé e fidelidade do seu irmão. Ora, nas circunstâncias daquele tempo e de todos os tempos, isso só é possível com a força do Espírito Santo.

Recebemos hoje, portanto, uma mensagem para valorizar a fé, inclusive, como base da oração. Mas nossa fé não é uma espécie de fundo de garantia para que Deus nos atenda. Assim como ele não precisa prestar contas, também não é forçado por nossa fé. Nossa fé é necessária para nós mesmos, para ficarmos firmes na adesão a Deus em Jesus Cristo. Deus mesmo, porém, é soberano, e soberanamente nos dá mais do que ousamos pedir, como diz a oração deste domingo.

III. Pistas para reflexão

Somos simples servos: quem não gosta de um elogio? Não estão nossas igrejas tradicionais cheias de inscrições elogiando os generosos doadores dos bancos e dos vitrais? Ora, o evangelho de hoje nos propõe uma atitude que parece inaceitável a uma pessoa esclarecida: o empregado não deve reclamar quando, depois de todo o serviço no campo, em vez de ganhar elogio, ele ainda deve servir a janta. Ele é um empregado sem importância especial; tem de fazer seu serviço, sem discutir...

Essa parábola não é para ensinar a forma de tratar os empregados, Jesus nos quer ensinar a estar a serviço do Reino, sem atribuímos importância a nós mesmos. Ele mesmo dará o

exemplo disso, apresentando-se, na Última Ceia, como aquele que serve (Lc 22,27). Isso não rima com a mentalidade calculista e materialista da nossa sociedade, que procura compensação para tudo o que se faz – aliás, compensação superior ao valor daquilo que se fez...

Ora, se levamos a sério a parábola de Jesus, como ensinamos os empregados e os operários a reivindicar sempre mais (porque, se não reivindicam, são explorados)? Certamente, Jesus não quer condenar os movimentos de reivindicação, mas seu foco é outro. Ele quer apontar a dedicação integral no servir. Interesse próprio, lucro, reconhecimento, fama, poder... não são do nível do Reino, mas apenas da sobrevivência na sociedade que está aí. A parábola não quer desvalorizar as reivindicações da justiça social, mas insistir na gratuidade do serviço do Reino.

Diante disso, convém fazer um sério exame de consciência acerca da retidão e da gratuidade de nossas intenções conscientes e de nossas motivações inconscientes. Na Igreja, tradicional ou progressista, quanta ambição de poder, quanto querer aparecer, quantas compensaçõezinhas!

E mesmo com relação às estruturas da sociedade, a parábola de Jesus, hoje, nos ensina a não focalizarmos única e exclusivamente as reivindicações. Estas são importantes, no seu devido tempo e lugar, para garantir a justiça e conseguir as transformações necessárias. Mais fundamental, porém, na perspectiva de Deus, é criar o espírito de serviço e disponibilidade, que nunca poderá ser pago. Quem vive no espírito de comunhão nunca achará que está fazendo demais para os outros.

“Somos simples servos”. Antigamente se traduzia: “Somos servos inúteis”. Tal tradução era psicológica e sociologicamente nefasta, pois fomentava a acomodação; e também contraditória, pois servo inútil não serve... Servindo com simplicidade, não em função de compensações egoístas, mas em função da fidelidade e da objetividade, somos muito úteis para o projeto de Deus.



O roteiro para a celebração do dia de Nossa Sra. Aparecida encontra-se no site da Vida Pastoral: www.vidapastoral.com.br

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de outubro

A graça de Deus e nosso agradecimento

I. Introdução geral

A liturgia do 28º domingo comum nos apresenta um tema bem caro ao evangelista Lucas e muito esquecido em nossa sociedade: a gratidão. Em nossos dias de individualismo e de egocentrismo exacerbado, por causa do mito do bem-estar e da idolatria do mercado, a gratidão brilha como uma luz nas trevas.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (2Rs 5,14-17)

A 1ª leitura é a história da gratidão de Naamã, o general sírio que ficou leproso. Aconselha-se, aos padres ou ministros da Palavra, que expliquem e contextualizem bem esta leitura, pois o trecho prescrito no Lecionário ficou muito truncado. O recorte litúrgico exige pelo menos uma pequena introdução narrativa, para pôr os ouvintes a par do que precedeu à entrada de Naamã na água do Jordão! É preciso lembrar como esse estrangeiro concebeu a ideia de consultar um profeta de Israel e, sobretudo, como ele queria montar um espetáculo, levando ricos presentes e vestes (2Rs 5,5). O poderoso general sírio queria que o profeta Eliseu o curasse por sua palavra, mas Eli-

seu o mandou banhar-se no Jordão, para que ficasse claro que não era Eliseu quem curava, e sim o Senhor de Israel e das águas do Jordão. O general, apertado, aprendeu a obedecer.

Então veio a hora de agradecer. Novamente, Naamã quer mostrar seu prestígio oferecendo um presente digno de príncipe. Eliseu recusa, pois quem agiu não foi ele, mas foi Deus! Então vem o comovente fim da história: curado não só de sua lepra, mas de seu orgulho de militar, Naamã pede para levar consigo, nos jumentos, umas sacas de terra, para poder adorar, na Síria, o Deus de Eliseu sobre o chão de Israel! Além disso, pede antecipadamente perdão, porque, como funcionário real, terá que adorar também, de vez em quando, o deus sírio Remon; e Eliseu responde: “Pode fazer tranquilamente”...

As lições dessa história são diversas: a gratuidade do agir de Deus, pois o que o move não são as manias militarescas ou os presentes, mas a simples confiança de Naamã; a humildade do profeta, que só quer que Deus apareça; a comovente gratidão do sírio; a abertura de espírito do profeta quanto às obrigações religiosas do sírio; o fato de ele ser estrangeiro e, nesse sentido, o fato de Deus o atender gratuitamente, sem “ter obrigações” para com ele...

2. Evangelho (Lc 17,11-19)

O evangelho lembra, sob vários aspectos, a história de Naamã (1ª leitura). Trata-se de lepra. Dez leprosos são curados não imediatamente (exatamente como Naamã), mas somente depois de ter mostrado confiança inicial na Palavra de Jesus, que os mandou mostrar-se aos sacerdotes. Porém, quando eles obtêm a cura, a história se torna menos emocionante que a de Naamã: torna-se um caso grave de ingratidão. Só um dos dez volta para agradecer, e este é, por sinal, um estrangeiro (como Naamã), e, além disso, samaritano, inimigo dos judeus.

Parece que a graça de Deus é melhor acolhida pelos estrangeiros. E é verdade, pois os estrangeiros se sabem agraciados, enquanto as pessoas



da casa acham que tudo quanto recebem é “por direito” e que, portanto, não precisam agradecer! Esquecem que tudo é graça. Acham que estão quites quando cumprem as prescrições: mostrar-se aos sacerdotes. Sua atenção é absorvida por seu próprio sistema. Por isso, diz-se que os piores cristãos são os que moram perto da Igreja: apropriam-se da religião e esquecem o extraordinário de tudo o que Deus faz.

3. II leitura (2Tm 2,8-13)

Na 2ª leitura, o “testamento de Paulo” (cf. domingos anteriores) chega ao ponto mais significativo: Paulo confia a seu cooperador, Timóteo, o evangelho que ele mesmo pregou, o anúncio da ressurreição de Cristo, que garante também a nossa ressurreição – se ficarmos firmes na fé nesta palavra. Quem segue no trilho do Apóstolo arrisca-se. O amor ao Evangelho e aos “eleitos” exige empenho total. Isso é possível a partir da certeza de que Cristo foi ressuscitado dos mortos (2,8). Paulo está algemado, mas a palavra não está algemada (v. 9)!

As últimas frases da perícopa (2Tm 2,11-13) formam um hino. A palavra que é verdadeira nos ensina: se morrermos com Cristo, viveremos; se formos firmes, reinaremos com ele; se o renegarmos, ele nos renegará; – e agora vem uma quebra surpreendente nos paralelismos – se formos infiéis, ele será... fiel! À nossa infidelidade, Deus responde com sua fidelidade, pois não pode negar seu próprio ser!

III. Pistas para reflexão

Gratidão: os textos nos convidam a refletir sobre a gratidão. A 1ª leitura nos oferece uma das mais belas histórias do Antigo Testamento. Naamã, general sírio, foi curado da lepra pelo profeta israelita Eliseu. Para mostrar a sua gratidão, levou consigo para a Síria, nos seus jumentos, uns sacos cheios de terra de Israel, para, lá na Síria, adorar o Deus de Israel no seu próprio

chão! Em contraste com este exemplo de singela gratidão, o evangelho narra a história dos dez leprosos curados por Jesus, dos quais apenas um voltou para agradecer. E esse era, por sinal, um estrangeiro (como o general sírio), pior, um samaritano, inimigo do povo de Jesus...

Gratuidade do agir de Deus, gratidão por tudo o que Deus faz: tudo é graça. O tema da gratidão é bem enquadrado pela liturgia toda. A oração do dia reza que a graça de Deus deve preceder e acompanhar nosso agir; devemos estar atentos ao bem que Deus nos dá para fazer. O salmo responsorial (Sl 98[97]) e a aclamação ao evangelho estão no mesmo tom. É também o dia indicado para ler o belo prefácio comum IV: agradecemos a Deus até o dom de o louvar! Graça, gratuidade, gratidão, agradecimento: é o momento de ensinar ao povo o parentesco, não apenas etimológico, mas vital, dessas palavras.

As antigas orações estão cheias de ação de graças. O próprio termo “eucaristia”, que indica a principal celebração cristã, significa “ação de graças”. Contudo, quando se faz, depois da comunhão, uma ação de graças partilhada, a maioria das pessoas dificilmente consegue formular um agradecimento; a oração de pedido é que lhes vem aos lábios. Numa missa, depois da comunhão, o padre convidou os fiéis a formular orações de louvor e gratidão, não de pedido, mas a primeira voz que se fez ouvir rezou: “Eu te agradeço, Senhor Deus, porque *te posso pedir* por meu marido e meus filhos...”.

A gratidão é uma flor rara. Brota, frágil e efêmera, nas épocas de trocar presentes (Natal, Páscoa...), mas desaparece durante o resto do ano. Quase ninguém agradece pelos dons que recebe continuamente, dia após dia: a vida, o ar que respira, os pais, irmãos, vizinhos...

Se fosse apenas o costume de pedir, não seria grave. Pedir com simplicidade pode ser outra face da gratidão – como aquele frei que, depois de uma boa sobremesa na casa de uma benfeitora, disse: “Minha senhora, não sei como mostrar minha gratidão por esse almoço e essa sobremesa tão gostosa... posso pedir mais um



pedaço?”. Ao contrário, porém, a mania de pedir *sem agradecer* reflete a mentalidade de nosso ambiente: sempre querer levar vantagem. Será por causa das dificuldades da vida? Mas os que têm a vida mais folgada é que mais pedem sem agradecer... Falta motivação para se dirigir em simples agradecimento àquele que é a fonte de todos os bens. Talvez não seja apenas a gratidão que desapareceu. Receio que Deus mesmo tenha sumido dos corações.

Não só as pessoas individuais, também as comunidades eclesiais devem precaver-se desse perigo. Lutar pelo amor-com-justiça é bom e necessário, mas a luta deve estar inspirada pela visão alegre e alentadora do bem que Deus dispõe para todos, e não pela insatisfação e frustração. Um espírito de gratidão pelo que já se recebeu, em termos de solidariedade e fraternidade, é o melhor remédio para que a luta não faça azedar as pessoas. Então a desgraça que se vive não abafará a gratidão; será apenas um desafio a mais para que tudo o que fizermos seja uma ação de graças a Deus, conforme a palavra de Paulo na 2ª leitura.

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM

20 de outubro

Oração, fé e escrituras

I. Introdução geral

A liturgia de hoje sugere dois temas importantes: a força da oração (1ª leitura e evangelho) e a importância da S. Escritura (2ª leitura), mas ambos têm o mesmo pano de fundo: a esperança da salvação em Jesus. Para a reflexão (e a homilia) vamos insistir mais no segundo tema, por ele ter uma atualidade especial no momento atual da América Latina. Nosso con-

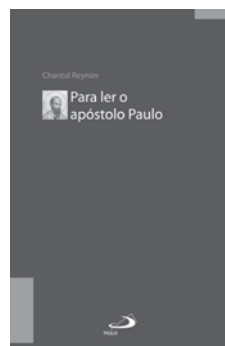


368 págs.

Paulo para os conquistados Reimaginando a missão de Paulo

Davina C. Lopez

Com imagens impressionantes do mundo antigo e análises incisivas de escritos, os estudos paulinos ganham ainda mais em qualidade e comprometimento com a história do Apóstolo das Gentes.



296 págs.

Para ler o apóstolo Paulo

Chantal Reynier

As cartas do apóstolo Paulo não são de fácil compreensão. Assim, este guia pretende esclarecer a temática paulina a todos os interessados, mostrando a profundidade de sua mensagem.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





tinente, de fato, está conhecendo desde alguns anos um verdadeiro movimento de redescoberta (católica e ecumênica) da Bíblia e, neste particular, se sabe incentivado pelo Concílio Vaticano II, retomado na Exortação *Verbum Domini* do Papa Bento XVI.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Ex 17,8-13)

Na batalha contra os amalecitas, quem decide a vitória não é Josué, o general, mas Moisés, o homem de Deus, que reza de braços estendidos desde a manhã até a noite. Como toda boa catequese, também a de Israel gostava de histórias que falassem à imaginação. Assim é esta história, que conta como Moisés conseguiu a vitória de seu general Josué sobre os amalecitas, os eternos inimigos de Israel. Enquanto Moisés, segurando o bastão de força divina, ergue as mãos por cima dos combatentes, Israel ganha. Quando ele baixa os braços, Israel perde. Então, escoram a Moisés com uma pedra e sustentam-lhe os braços erguidos, até o pôr do sol, quando a batalha é decidida em favor de Israel. A história não diz se o gesto de Moisés significava oração, bênção sobre Israel ou esconjuro do inimigo, mas, sendo Moisés o enviado de Deus, é evidente que se tratava de uma maneira de tornar a força do Senhor presente no combate. O gesto pode bem significar que Deus mesmo é o general do combate. O próprio gesto de levantar as mãos indica o relacionamento com o Altíssimo. Levantar as mãos a Deus sem cansar, eis a lição da 1ª leitura. O salmo responsorial comenta, nesse sentido, o *levantar os olhos* (Sl 121[120]).

2. Evangelho (Lc 18,1-8)

No mesmo sentido, o evangelho narra uma dessas parábolas provocantes bem ao gosto de

Lucas. É a história da oração insistente da viúva. Uma viúva pleiteia seu direito junto a um juiz pouco interessado, provavelmente comprometido com o outro partido. Porém, no fim lhe faz justiça, não por virtude e amor à justiça, mas por estar cansado da insistência da viúva. Quanto a nós, embora saibamos que Deus gosta de nos atender (não é como o juiz!), Jesus nos encoraja a cansar Deus com nossas orações! Mas, para isso, precisa fé. Ora, acrescenta Lc: será que o Filho do Homem encontrará ainda fé, na terra, quando ele vier...?

Jesus ensinou a rezar pela vinda do Reino; mas quando esta vinda se completar, na parusia do Filho do Homem, encontrar-se-á ainda fé na terra? (Lc 18,9; cf. 2Tm 4,1). Por isso, até lá, é tempo de oração. Devemos reconhecer a carência em que vivemos e assumi-la na oração insistente. Se não clamarmos a Deus para fazer justiça, sua vinda nos encontrará sem fé.

Lucas escreve no último quartel do século I. A fé está enfraquecendo. A demora da parusia, as perseguições, as tentações da “civilização” do império romano eram tantos fatores que colaboravam para enfraquecer a fé. Os cristãos, vivendo num mundo inimigo, esperavam a parusia como o momento em que Deus faria justiça em favor dos pequenos e oprimidos. Seria o Dia do Senhor. Mas estava demorando! Rezavam: “Venha teu Reino!” (Lc 11,2). Por outro lado, sabiam também que é difícil aguentar a pressão: “Não nos deixes cair em tentação” (11,4). Por isso, Lucas pergunta: se continuar assim, não terão todos caído quando o Filho do Homem vier? (Lc 18,8). Talvez isso seja uma advertência pedagógica, para insistir na necessidade de guardar a fé até que venha o Filho do Homem. 1Pd 3,9 está às voltas com o mesmo problema, mas oferece outra interpretação: Deus demora porque está dando chances para a gente se converter.

3. II leitura (2Tm 3,14-4,2)

A mensagem da 2ª leitura completa a das duas outras. Não apenas nossa oração deve ser



insistente, não apenas devemos guardar a fé; devemos insistir também na pregação da palavra do Evangelho, oportuna ou inoportunamente!

A fé é uma graça de Deus, mas também algo que a gente aprende, tanto o conteúdo quanto a atitude. Isso vale, sobretudo, para quem tem responsabilidade na comunidade. Sua fé deve crescer pela leitura da S. Escritura (2Tm 3,14-16), pela experiência vital e pela desinteressada transmissão da Palavra, traduzida novamente para cada geração. A palavra de Deus atinge as pessoas através dos seus semelhantes. Só o convicto consegue convencer. Daí a solene admoestação dirigida a Timóteo (2Tm 4,1-2): “Eu te peço com insistência: proclama a palavra, insiste oportuna ou inoportunamente...”.

Alguns anos atrás, na crise da secularização, procurava-se não incomodar o homem “urbano moderno” com a expressão franca da identidade cristã. Se alguém, prudentemente, expressasse uma exigência cristã, o interlocutor respondia, com um sorriso de compaixão: “Eu achava que o senhor fosse esclarecido!”. Por isso tornou-se comum esconder a visão cristã. Contudo, sobretudo agora, diante do sumiço da visão cristã, é melhor não ficar dando voltas, mas insistir, mesmo inoportunamente, naquilo que o evangelho diz ao mundo. O tempo é breve. Se julgamos dever respeitar o homem moderno por ser secularizado, devemos também lembrar que ele é, sobretudo, objetivo e não gosta de rodeios, mas quer logo saber qual é o assunto! Por isso, sejamos claros. Não se trata de fanatismo (que é disfarce da insegurança), mas de clareza e sã insistência. Paulo aconselha exteriorizarmos nossa convicção (2Tm 4,2), sobretudo porque o evangelho que ele propõe é o da “graça e benignidade de Deus, nosso Salvador” (Tt 3,4; cf. 2,11).

Para isso, é necessário que o evangelizador “curta”, pessoalmente, toda a riqueza da Palavra e a sua expressão nas Sagradas Escrituras – inclusive do Antigo Testamento – que fornece a linguagem em que Jesus moldou

Jesus e as testemunhas oculares

Os Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares

Richard Bauckham



Richard Bauckham demonstra que, sem dúvida, os Evangelhos contêm evidências de testemunhas oculares e que seus primeiros leitores as teriam certamente reconhecido como tais. Este livro é um trabalho investigativo, resultando em uma abordagem inédita e vivida de vários e inúmeros problemas e de passagens bem conhecidas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





seu evangelho. Tudo isso é obra do Espírito de Deus (2Tm 3,16).

III. Pistas para reflexão

A Sagrada Escritura: a reflexão pode aprofundar o tema da 2ª leitura, que reforça o que o evangelho diz sobre a oração: a assiduidade na leitura da Escritura (2Tm 3,14-16). Antigamente, os protestantes se distinguiram dos católicos porque, como se dizia, eles “liam a Bíblia”. De uns tempos para cá, isso mudou. Agora, a Bíblia faz parte também do lar católico, e isso não só para ficar exposta sobre um belo suporte de madeira entalhada... O Concílio Vaticano II nos exorta a ler a Sagrada Escritura, usando as mesmas palavras de Paulo na 2ª leitura de hoje: a Escritura “comunica a sabedoria que conduz à salvação”, “é inspirada por Deus e pode servir para denunciar, corrigir, orientar”. E a recente Exortação apostólica *Verbum Domini* do Papa Bento XVI diz que a leitura das Escrituras deve ser a alma de toda a pastoral.

Ora, essa recomendação de Paulo e do Concílio deve ser interpretada como convém. Não significa que cada palavrinha isolada da Sagrada Escritura seja um dogma. A Escritura é um conjunto de diversos livros e textos que devem ser interpretados à luz daquilo que é mais central e decisivo, a saber: o exemplo de vida e o ensinamento de Jesus – aquilo que faz Cristo crescer em nós e em nossa comunidade.

O centro e o ponto de referência de toda a Sagrada Escritura são os quatro evangelhos. Em segundo lugar vêm os outros escritos do Novo Testamento (as Cartas e os Atos dos Apóstolos), que nos mostram a fé e a vida que os discípulos de Jesus quiseram transmitir. A partir daí podemos compreender como deve ser interpretada a Bíblia toda, com inclusão do Antigo Testamento, para que nos manifeste, mediante a fé em Jesus Cristo, a “sabedoria que

conduz à salvação” (2Tm 3,15). A recomendação de Paulo a Timóteo para que leia as Escrituras refere-se ao Antigo Testamento, as Escrituras de Israel (pois o Novo ainda não tinha sido escrito); à luz de Cristo, essa leitura se torna caminho de salvação. Quanto a nós, o Novo Testamento nos fala de Jesus, e o Antigo se torna leitura salvífica em Jesus, que, como verdadeiro “filho de Israel”, mostrou a plenitude do Antigo e o levou à perfeição. Jesus usou as palavras do Antigo Testamento para rezar e para anunciar a Boa-nova do Reino. Sem conhecer o Antigo Testamento, não entendemos a mensagem de Jesus conservada no Novo. “Quem não conhece as Escrituras, não conhece Cristo” (S. Jerônimo).

Jesus é a chave de leitura da Bíblia. Isso é muito importante para não fazermos de qualquer frase do Antigo (nem do Novo) Testamento um dogma definitivo! A lei do sábado, por exemplo, deve ser interpretada com esse profundo senso de humanidade que tem Jesus: o sábado é para o homem, não o homem para o sábado. As ideias de vingança, no Antigo Testamento, à luz de Jesus, aparecem como atitudes provisórias e a serem superadas. Todos os trechos da Bíblia, por exemplo, as parábolas de Jesus, devem ser entendidos dentro do seu contexto e conforme seu gênero e intenção. Não devem ser tomados cegamente ao pé da letra. Muitas vezes apresentamos imagens que querem exemplificar um só aspecto, mas não devem ser imitados em tudo (cf. o administrador esperto, no 25º domingo do tempo comum).

Por outro lado, importa ler a Sagrada Escritura no horizonte do momento presente, interpretá-la à luz daquilo que estamos vivendo hoje. Sem explicação e interpretação, a Bíblia é como faca em mão de criança, ou como remédio vendido sem a bula: pode até matar! Ora, a interpretação deve se relacionar com a vida do povo. Por isso, o próprio povo deve ser o sujeito dessa interpretação, mediante círculos bíblicos e outros meios adequados.



30º DOMINGO DO TEMPO COMUM

27 de outubro

Deus justifica os humildes e os pecadores

I. Introdução geral

Neste domingo destacam-se, nas leituras, dois temas principais: a oração e a “justificação” do humilde e do pecador (1ª leitura e evangelho) e a entrega da vida de Paulo no fim de seu percurso (2ª leitura). Esse último texto é, antes de mais, um testemunho que contemplamos com admiração e gratidão. O primeiro tema tem um peso pastoral muito grande e merece reter nossa atenção especial.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Eclo 35,15b-17.20-22a)

A 1ª leitura (que poderia ser estendida um pouco mais, para que melhor apareça seu sentido) fala que Deus não conhece acepção de pessoas e faz justiça aos pequenos (pobres, órfãos, viúvas, aflitos, necessitados). Deus toma partido pelos pobres e oprimidos, porque é o Deus da justiça: não conhece acepção de pessoas, escolhe o lado dos oprimidos. Em matéria de ofertas, não é a grandeza ou riqueza do dom que importa, mas a atitude de quem o oferece e a disposição em ajudar os necessitados (35,1-5).

Isso é dito em oposição à maneira dos poderosos, que querem agradar a Deus por meio de sacrifícios perversos (Eclo 35,14-15a[11]). Oferecer a Deus o fruto da exploração é tentativa de suborno (35,14)! Deus não se deixa comprar

pelas coisas que lhe oferecemos, pois não necessita de tudo isso. Deus é reto, ele atende os oprimidos e necessitados. Ele nos considera justos, amigos dele, quando lhe oferecemos um coração contrito e humilde (Sl 51[50],18-19). Nesse sentido, o salmo responsorial acentua: Deus atende ao justo e ao oprimido (Sl 34[33],2-3.17-18.19+23).

2. Evangelho (Lc 18,9-14)

Deus nos considera justos, ou seja, amigos dele, quando lhe oferecemos um coração contrito e humilde. Por isso, engana-se completamente o fariseu de quem Jesus fala no evangelho: acha que pode impressionar Deus com suas qualidades aparentes, seus sacrifícios e boas obras puramente formais, sem extirpar de seu coração o orgulho e o desprezo pelos outros.

No tempo de Jesus, os fariseus, e, hoje, os “bons cristãos” usurpam a religião para se vencer a si mesmos e aos outros de sua justiça; desprezam os outros e querem negociar com Deus na base de suas “boas obras”. Porém, é a atitude contrária que encontra aceitação junto a Deus: a humilde confissão de ser pecador (cf. Sl 51[50],3). Quem já se declarou justo a si mesmo, como o fariseu, não mais pode ser justificado por Deus. O publicano, porém, que reza de coração contrito, se reconhece pecador e se confia à misericórdia de Deus, este é considerado justo e volta para casa “justificado”.

Lucas acrescenta uma lição moral: “Quem se enaltece, será humilhado; quem se humilha, será enaltificado” (Lc 18,14). Mais profunda ainda é a lição propriamente teológica, refrão da teologia de São Paulo: quem se declara justo a si mesmo com base em suas obras rituais – como faziam os fariseus, convencidos de que a observância da Lei lhes dava “direitos” perante Deus – não é declarado justo por Deus, pois Deus é “inegociável” e declara alguém justo (reconciliado) com base na sua misericórdia e amor gratuitos. A justificação é de graça, para quem entra na órbita do amor de Deus, pon-



do-lhe em mãos a vida inteira, com pecados e fraquezas. Diante de Deus, todos ficamos devendo (cf. Sl 51[50],7). Os que se justificam a si mesmos, além de serem orgulhosos, são pouco lúcidos! Portanto, melhor é fazer como o publicano: apresentarmo-nos a Deus conscientes de lhe estar devendo, e pedir que nos perdoe e nos dê novas chances de viver diante de sua face, pois sabemos que Deus não quer a morte do pecador, mas sim que ele se converta e viva (Ez 18,23).

Esse pensamento deve extirpar a mania de se achar o tal e de condenar os outros: a autossuficiência. Mas, para afastar a autossuficiência, é preciso, antes, outra coisa: a consciência de sermos pecadores. Ora, isso se torna cada vez mais difícil na atual civilização da sem-vergonhice. O ambiente em que vivemos trata de esconder a culpabilidade e, inclusive, condena-a como desvio psicológico. Que a culpabilidade *neurótica* passe do confessional para o divã do psicanalista é coisa boa, mas não convém encobrir o pecado *real*. Tal encobrimento do pecado acontece tanto no nível do indivíduo quanto no da sociedade: oficialização de práticas opressoras e exploradoras nas próprias estruturas da sociedade, leis feitas em função de uns poucos etc.

Para sermos lúcidos quanto a isso, cabe observar que a autojustificação, entre nós, já não acontece ao modo do fariseu, que se gabava das obras da Lei de Moisés. Agora acontece ao modo do executivo eficiente, que tem justificativa para tudo: para as trapaças financeiras, a necessidade da indústria e do desenvolvimento nacional; e para as trapaças na vida pessoal, o estresse e a necessidade de variação... Hoje, já não são os fariseus que se autojustificam, mas os novos publicanos, que dizem: “Graças a Deus eu sou autêntico, eu não escondo o que faço, não sou um fariseu hipócrita como aquele católico ali na frente do altar”!

Seja como for, saber-se pecador é o início da salvação. Isso vale para todos, ricos e pobres, mas para os pobres é mais fácil, porque estão

em dívida com tantas coisas que se dão mais facilmente conta de serem devedores. Ora, pecador não é apenas aquele que transgride expressamente a Lei, mas todo *aquele que não realiza o bem que Deus lhe confia*. Pensando nisso, reconheceremos mais facilmente que temos “dívidas”, como se rezava na versão antiga (e mais literal) do Pai-Nosso. Por isso, a liturgia começa com o ato penitencial. Antigamente, primeiro recitava-o o padre, depois os fiéis – não se sabe por que a nova liturgia suprimiu esse costume...

Em consonância com o evangelho, aconselha-se o prefácio IV dos domingos do tempo comum: Cristo nos justificou por sua morte.

3. II leitura (2Tm 4,6-8.16-18)

Neste domingo, termina a *lectio continua* da Segunda Carta a Timóteo, que é o emocionante testamento espiritual de Paulo. No fim de seu percurso, Paulo abre seu coração: “Estou para ser oferecido em sacrifício; aproxima-se o momento de minha partida. Combati o bom combate, guardei a fé” (4,6). O exemplo vale mais que as palavras. Paulo não só pregou; trabalhou com suas próprias mãos. No fim de sua vida, ele tem as mãos amarradas, e outros escrevem por ele. Mas ele não fica amargurado. Suas palavras revelam gratidão e esperança. Ele ficou fiel a seu Senhor e aguarda agora o encontro com ele (4,5).

Paulo sabia-se pecador, pecador salvo pela graça de Deus (1Tm 1,13; cf. Gl 1,11-16a; 1Cor 15,8-10). Na base dessa experiência, anela pelo momento de se encontrar com Aquele que, por mera graça, o tornou justo, o “Justo Juiz”, que o justificará para sempre, enquanto diante do tribunal dos homens ninguém tomou sua defesa (2Tm 4,16). O mistério desta vida de apóstolo era a caridade, mistério de toda vida fecunda. Ela não tem fim (1Cor 13,8) e completa-se no oferecimento da própria vida (cf. Rm 1,9; 12,1).



III. Pistas para reflexão

A oração do pecador: será preciso ser santo ou beato para rezar a Deus? Será que os simples pecadores precisam “delegar” as monjas ou algum padre muito santo para rezar por suas intenções?

O Antigo Testamento ensinava que “a prece do humilde atravessa as nuvens” (1ª leitura). Jesus, no evangelho, faz desse humilde um pecador. Enquanto, na frente de todos, um fariseu se gloria de suas boas obras, um publicano – coletor de taxas a serviço do imperialismo estrangeiro – reza, a distância, com humildade e compunção. Jesus conclui: este foi, por Deus, declarado justo e absolvido, mas o fariseu, não.

O mais importante na avaliação geral de nossa vida não é o número e o tamanho de nossos pecados, mas nossa amizade com Deus. Como no caso do fariseu e da pecadora (Lc 7,36-50), alguém pode ter pouco pecado e pouquíssimo amor, e outra pessoa pode ter grandes pecados e imenso amor. Quem nada faz não peca por infração. Só por desamor... e para essa falta não existe remédio. Quem só pensa em si mesmo – como o fariseu –, como Deus pode ser amigo dele?

É muito importante os pecadores manterem o costume de conversar com Deus, na oração. E que saibam que Deus os escuta. Isso faz parte integrante da Boa-nova de Cristo e da Igreja. A rejeição moralista dos pecadores é anticristã e contradiz o espírito da Igreja, que oferece o sacramento da penitência para marcar com sua garantia o pedido de reconciliação do pecador penitente. O sacramento da penitência é, jocosamente falando, um sinal de que se pode pecar... pois senão, nem deveria existir!

Importa anunciar isso a quantos estão “afastados” por diversas razões (situação matrimonial irregular, vida sexual não conforme as normas, pertença à maçonaria, rejeição de alguns dogmas ou posicionamentos da Igreja etc.). Em alguns casos, essas pessoas poderiam, mediante devida informação e diálogo,

A glória de Deus é o homem vivo

a profissão de fé de santo Irineu

Donna Singles



Os capítulos do livro simplesmente se dispõem de acordo com os artigos do Credo, o símbolo dos apóstolos, sendo a fé de Irineu interrogada sobre cada um desses artigos. Como consequência disso, podemos encontrar uma apresentação clara e acessível.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



ser plenamente reintegradas (declaração de nulidade de um casamento que na realidade não existiu etc.). Em outros casos, a plena vida sacramental continuará impossível, mas, mesmo assim, essas pessoas devem saber que Deus é maior que os sacramentos e presta ouvido à oração de quem entrega sua vida quebrantada nas mãos dele.

Importa anunciar isso, sobretudo, ao povo simples, marcado por séculos de desprezo e discriminação, falta de instrução, missas ouvidas na porta do templo... Suas preces “a distância”, como a do publicano, serão certamente atendidas! Hoje, muitos deles já podem avançar até perto do altar; oxalá não se tornem fariseus!

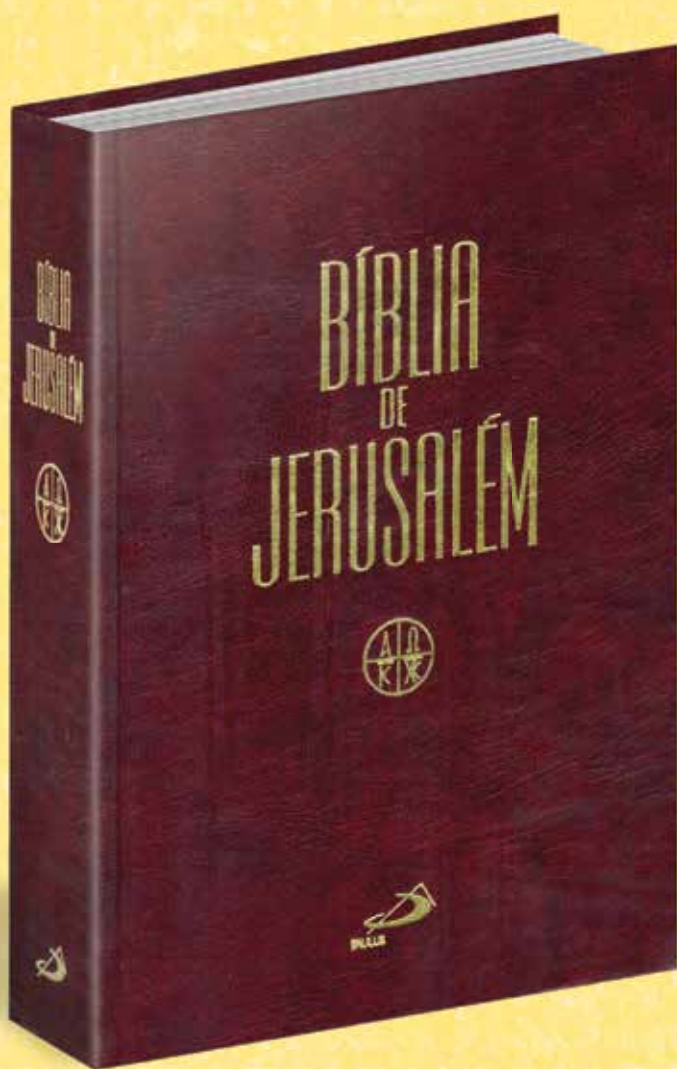
Diretrizes para autores

A Vida Pastoral recebe artigos de mestres e doutores. Os textos devem ser:

- Inéditos e não enviados a outras revistas;
- Em linguagem pastoral, acessível, sem prejuízo da profundidade do texto;
- Com tamanho de 15 a 20 mil caracteres (contando os espaços);
- Subdivididos em subtítulos, para facilitar a leitura.
- Evitar notas de rodapé em grande quantidade e tamanho; as informações julgadas importantes devem ser postas no corpo do texto, fazendo notas explicativas apenas quando isso não for possível;
- Usar o recurso a notas apenas em casos de notas explicativas;
- As referências bibliográficas de citações deverão ser inseridas no corpo do artigo, entre parêntesis, seguindo o padrão: sobrenome, ano da publicação, número da página;
- A bibliografia deverá estar disposta no final do artigo. As obras, em ordem alfabética, devem obedecer à seguinte sequência: autor (sobrenome em caixa alta, seguido pelo nome). *Título em itálico*. Edição. Cidade: Editora, data da publicação. Para outros itens não exemplificados aqui, seguir as normas da ABNT, citação dos elementos essenciais (NBR 6023, facilmente localizável na internet);
- Evitar lista bibliográfica muito extensa, incluindo apenas o fundamental;
- Enviar os arquivos em documento do Word, simples, sem formatação, fonte *Times New Roman*, espaçamento de 1,5, tamanho 12;
- Citações maiores que três linhas devem ser destacadas do corpo do texto, com recuo maior e tamanho das letras 11, sem necessidade de aspas ou itálico;
- Inserir no início, em itálico, pequeno resumo de 3 a 4 linhas;
- Incluir no final do artigo pequeno texto de 3 linhas com informações biográficas do autor e *e-mail* para contato;
- Traduzir todas as citações em língua estrangeira;
- Enviar anexo ao *e-mail* do editor (vidapastoral@paulus.com.br).

**A Bíblia
de Jerusalém
agora em**

**FORMATO
GRANDE**



O novo formato da *Bíblia de Jerusalém* realça a dignidade da Sagrada Escritura. Trata-se da edição mais respeitada nas comunidades e no meio acadêmico, pois se baseia em dados recentes da pesquisa bíblica. Além das notas explicativas no rodapé, a *Bíblia de Jerusalém* possui referências nas margens que explicitam a relação entre diversas passagens da Bíblia.

Páginas: 2208

Dimensões (cm): 18.5 (larg) x 27 (alt)

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 3789-4119 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br


PAULUS

PRIORIDADE
Não só de pão o homem viverá,
MAS DE TODA PALAVRA
que procede da boca de Deus
Lc 4,4



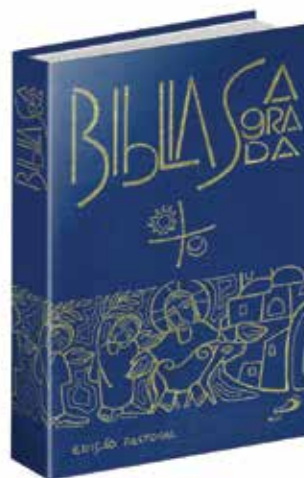
A Paulus tem uma carta para você!

A Bíblia é a carta de amor que Deus escreveu para nós. Qual é a sua resposta? Para ajudá-lo no conhecimento e vivência da mensagem divina, a PAULUS promove a Campanha do Mês da Bíblia.

Aproveite os descontos especiais* preparados para os dias entre **05 de agosto a 30 de setembro de 2013**.



**Adquira sua Bíblia e ganhe um exemplar do
Guia para ler o Evangelho de Lucas.**



*Descontos oferecidos para todas as Bíblias (**Edição Pastoral, Peregrino e Jerusalém**), de 05 de agosto a 30 de setembro de 2013 ou até o final do estoque. Somente para pagamentos à vista. PAULUS dará o **Guia para ler o Evangelho de Lucas** de brinde a cada Bíblia adquirida durante a promoção.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 (Grande São Paulo)

(11) 0800-164011 (outras localidades)

SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS